

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

**O PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO METAFÓRICA NA CONSTRUÇÃO DE
SENTIDOS DE *MEMES* VERBO-IMAGÉTICOS**

Marcos Helam Alves da Silva

**Teresina – PI
2016**

MARCOS HELAM ALVES DA SILVA

O PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO METAFÓRICA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE *MEMES* VERBO-IMAGÉTICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras – Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Maria Calixto de Lima

Teresina – PI
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

S586p Silva, Marcos Helam Alves da.
O processo de recategorização metafórica na construção de
memes verbo-imagéticos / Marcos Helam Alves da Silva. –
2016.
110 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal
do Piauí, Teresina, 2016.
“Orientadora: Profa. Dra. Silvana Maria Calixto Lima”.

1. Metáfora. 2. Recategorização. 3. Multimodalidade.
4. Gênero *meme*. I. Título.

CDD 412

MARCOS HELAM ALVES DA SILVA

O PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO METAFÓRICA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE *MEMES* VERBO-IMAGÉTICOS

Esta Dissertação de Mestrado foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Letras – Área de Concentração: Estudos da Linguagem e aprovada em sua fase final pela Banca examinadora, da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Aprovada em: 14/03/2016.

Profa. Dra. Silvana Maria Calixto de Lima
Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Universidade Federal do Piauí – UFPI
(Orientadora)

Prof. Dr. Valney Veras da Silva
Universidade Federal do Ceará – PNPd-CAPES/UFC
(Examinador Externo)

Prof. Dr. Francisco Alves Filho
Universidade Federal do Piauí – UFPI
(Examinador Interno)

*“Aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das
outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo”*

Clifford Geertz, O Saber Local.

A meus pais – Manoel e Maria de Jesus – por todos os ensinamentos.

A meus tios – Antônio e Florismar – e minhas primas – Andréia e Ana Vitória – pela acolhida em Teresina – PI, pessoas de quem recebi a ajuda necessária para realizar este e outros sonhos ao longo desses últimos seis anos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por ter me dado condições de concluir mais esta etapa e por todas as graças que me são concedidas.

À minha família, em especial, meus pais, Manoel e Maria de Jesus, pelo apoio incondicional e incentivo constante.

Aos demais familiares, nos quais incluo meus irmãos, avós, tios e primos, pela torcida e pelo grande carinho.

De modo especial, agradeço a meus tios Antônio e Florismar e as minhas primas Andréia e Ana Vitória, pela acolhida em Teresina nos últimos seis anos, por terem transformado a sua casa na minha casa, dando-me condições de realizar este e outros sonhos. Serei infinitamente grato a vocês, sem esse apoio eu jamais teria chegado até aqui. Quero agradecer, ainda, por terem suportado meu mau humor, quando os desafios ganhavam forma gigantesca.

À minha orientadora, Profa. Dra. Silvana Maria Calixto de Lima, que me acolheu desde a graduação e deu-me a oportunidade de iniciar a pesquisa na área da Linguística Textual e da Linguística Cognitiva. Agradeço, não apenas pela orientação brilhante, rigorosa e séria, mas, principalmente, por transformar minha vida, pela amizade sincera e verdadeira, pelo carinho, pelo bom e descontraído papo ao telefone e nos encontros de orientação, pelo tempo dedicado a mim, pelas pressões (por todas as vias de comunicação possíveis – e-mail, telefone, whatsApp – pressões essas que eu tinha de receber), por sempre falar em Deus e na força do Divino Espírito Santo (Peça iluminação ao Divino Espírito Santo), e por não ter desistido de mim quando tinha todos os motivos para fazê-lo. Quero agradecer infinitamente a você, Silvana, por tudo o que fez por mim, percebendo-me muito mais do que eu mesmo me percebia, por ter sido incansável e ter me ajudado a crescer como pessoa e pesquisador. Fica o meu muito obrigado, o carinho e admiração verdadeiros.

Aos demais professores do Mestrado Acadêmico em Letras da UFPI, pelas inúmeras contribuições dadas a minha formação.

Ao Prof. Dr. Francisco Alves Filho, em especial, pela disponibilidade e contribuições dadas a este trabalho quando do Exame de Qualificação e por ter aceitado o convite de integrar a banca para avaliar a sua versão final e pelas várias contribuições que foram incorporadas nesta versão. Agradeço ainda pela orientação e acompanhamento no período do Estágio de Docência.

Ao Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva, pela amizade e ainda pela disponibilidade em participar da avaliação parcial deste estudo quando da realização do Exame de Qualificação.

Ao Prof. Dr. Valney Veras da Silva, pela disponibilidade e por ter aceitado o convite para participar da banca de defesa, na qualidade de membro externo, além das contribuições dadas a este trabalho em sua versão final.

Aos colegas da turma de Mestrado, pela amizade sincera e companheirismo, em especial, Amanda Beatriz, Fernanda, Verônica, Gessielma, Ediane, Beatrice, Helena e Lucinária.

Aos demais amigos que estavam na torcida, Maura, Marciela, Cristiane e Joanir, pelas mensagens de incentivo e pelo carinho dedicado a mim.

Aos alunos da turma de Linguística Textual (UFPI – 2015.1), onde realizei Estágio de Docência e do Curso de Extensão em Leitura e Produção de Texto (ICESPI/UESPI) onde tive a oportunidade de discutir sobre a construção de sentidos do texto, a Referenciação e a multimodalidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior – CAPES, pela concessão de uma bolsa de estudos durante todo o período do mestrado.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que eu conseguisse realizar mais este sonho.

RESUMO

O estudo da recategorização tem se mostrado uma profícua área de investigação desde a divulgação do trabalho seminal de Apothélos e Reichler-Béguelin, no ano de 1995, quando a recategorização é apresentada como uma estratégia de designação pela qual os referentes são remodulados na atividade discursiva. Essa nova perspectiva vem chamando à atenção de vários pesquisadores, dentre eles, Cavalcante (2003), Lima (2003; 2009), Tavares (2003), Ciulla e Silva (2008) e Custódio Filho (2011). A partir destes e de outros trabalhos, tem sido considerável o número de pesquisas que buscam descrever o processo de recategorização na construção de sentidos do texto. Dos estudos elencados, destaca-se os de Lima (2003; 2009) que, de forma sistemática, defende a necessidade de um enlace entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva para uma melhor compreensão desse processo, um passo que pode também ser produtivo para o estudo da recategorização em textos multimodais, que é a proposta deste trabalho. Dessa maneira, a fim de atingir os objetivos da pesquisa, recorremos a uma interface entre a perspectiva cognitivo-discursiva da recategorização, conforme proposição de Lima (2009), e a teoria da metáfora multimodal, proposta por Forceville (2009). Assim, o desafio deste trabalho é tratar da recategorização metafórica na construção de sentidos de um gênero multimodal, objetivando alcançar uma descrição desse processo que efetivamente contemple o tripé texto-cognição-multimodalidade. Aceito o desafio de tratar das recategorizações metafóricas na construção de sentidos do gênero multimodal *meme*, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo-descritivo, oriunda da análise de dez *memes* que tematizam de forma cômico-irônica a situação política brasileira. O *corpus* constituído para análise foi coletado diretamente do *Facebook*, no período de 2013 a 2015, sendo priorizados *memes* que mesclam a linguagem verbal e imagética, já que no processo de descrição das metáforas que licenciam as recategorizações utilizamos a proposta de Forceville (2009) da metáfora multimodal. Dos resultados da análise, podemos afirmar que os diversos recursos multimodais, em especial a imagem e seus integrantes como cores, expressões corporais/faciais e a própria disposição no texto, atuam diretamente na homologação das recategorizações e determinam em conjunto com as estruturas e funcionamento cognitivo a construção de sentidos do texto, não se constituindo apenas como uma mera ilustração, mas como elementos evocadores de sentidos. Constatamos, neste estudo, portanto, que o processo de recategorização metafórica, em textos verbo-imagéticos, pode acontecer de dois modos distintos: (1) homologado por expressões referenciais em conjunto com as imagens; (2) homologado pela ancoragem no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo ativado pela mescla dos modos semióticos verbal e imagético.

Palavras-Chave: Recategorização; Metáfora; Multimodalidade; Gênero *meme*.

ABSTRACT

The study of re-categorization has proven to be a fruitful area of research since the release of seminal work Apothéloz and Reichler-Béguelin, in 1995, when the re-categorization is presented as an assignment strategy in which referents are remodulados the discursive activity. This new perspective has been drawing the attention of many researchers, among them Cavalcante (2003), Lima (2003; 2009), Tavares (2003), Ciulla and Silva (2008) and Custodio Filho (2011). From these and other works, it has been considerable number of studies that seek to describe the re-categorization process in building text directions. Or other of the studies is to highlight the Lima (2003; 2009) that systematically supports the need for a link between linguistics Textual and Cognitive Linguistics for a better understanding of this process, a step that could also be productive to the study of re-categorization in multimodal texts, which is the purpose of this work. Thus, in order to achieve the research objectives, recourse to an interface between the cognitive-discursive perspective of re-categorization as proposition of Lima (2009), and the theory of multimodal metaphor proposed by Forceville (2009). The challenge of this work is dealing with the re-categorization metaphorical in meaning construction of a multimodal genre, aiming to achieve a description of this process that effectively contemplate the tripod text-cognition, multimodality. I accept the challenge of dealing with metaphorical recategorizações in the construction of the multimodal meme genre senses, we conducted a qualitative descriptive nature of research, originating from ten memes analysis thematizing comic-ironic way the Brazilian political situation. The corpus for analysis was collected directly from Facebook, from 2013 to 2015, being prioritized memes that mix verbal language and imagery, as in the description of process of metaphors that license recategorizações use the proposed Forceville (2009) of multimodal metaphor. The results of the analysis, it can be said that the various multimodal resources, especially the image and its members as color, body / facial expressions and the very provision in the text, act directly on the approval of recategorizações and determine together with the structures and cognitive functioning building text directions and do not constitute just as a mere illustration, but as evocative elements of senses. We note, in this study, so that the process of metaphorical re-categorization in verbal-pictorial texts, can happen in two ways: (1) approved by referential expressions in conjunction with the images; (2) approved by anchoring in terms of structures and cognitive function activated by the mix of verbal and imagery semiotic modes.

Keywords: Recategorisation; Metaphor; multimodality; meme genre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Na frente da família e na balada.....	21
Figura 2	Convocação Extraordinária.....	22
Figura 3	Intenções de Voto – Eleição Presidencial de 2014.....	36
Figura 4	Reunião das Sogra.....	52
Figura 5	As definições do Congresso Brasileiro.....	55
Figura 6	A Justiça Brasileira.....	61
Figura 7	Dilma mãos de tesoura.....	64
Figura 8	Dilma e o Lobo Mau.....	66
Figura 9	<i>Meme 1: A Tomada de Brasília.....</i>	<i>70</i>
Figura 10	Pintura “Tomada da Bastilha”.....	73
Figura 11	<i>Meme 2: Cada país tem a praga que merece.....</i>	<i>75</i>
Figura 12	Faraó Apopi.....	78
Figura 13	<i>Meme 3: Senado Pizzaria.....</i>	<i>79</i>
Figura 14	<i>Meme 4: A justiça é uma prostituta de luxo.....</i>	<i>82</i>
Figura 15	<i>Meme 5: A culpa é da estrela.....</i>	<i>86</i>
Figura 16	A culpa é das estrelas (Filme).....	87
Figura 17	<i>Meme 6: Dilma mostrando mais uma obra</i>	<i>88</i>
Figura 18	<i>Meme 7: Eleitor do PT.....</i>	<i>91</i>
Figura 19	<i>Meme 8: Dilma antes e Depois das eleições</i>	<i>93</i>
Figura 20	<i>Meme 9: Resumo do programa do PSDB.....</i>	<i>96</i>
Figura 21	<i>Meme 10: A Exterminadora do Futuro.....</i>	<i>98</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 SOCIOCOGNIÇÃO, TEXTO E MULTIMODALIDADE.....	15
1.1 Concepção sociocognitiva do texto.....	15
1.2 Texto e multimodalidade.....	26
1.3 O gênero <i>meme</i>	30
2 A REFERÊNCIAÇÃO E SUAS MÚLTIPLAS FACES.....	37
2.1 A guisa de introdução: contextualizando a abordagem da referenciação.....	37
2.2 O processo de recategorização: quando os objetos de discurso são reconstruídos na atividade discursiva.....	47
2.3 Da Teoria da Metáfora Conceitual à Metáfora Multimodal.....	56
3 PERCURSO METODOLÓGICO E ANALÍTICO.....	67
3.1 Procedimentos metodológicos.....	67
3.1.1 Constituição do <i>corpus</i>	67
3.1.2 Procedimentos de análise.....	68
3.2 Análise dos <i>memes</i>	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	101

INTRODUÇÃO

O estudo do fenômeno da recategorização no interior da Linguística de Texto tem se mostrado uma profícua área de investigação, considerando o volume significativo de trabalhos desenvolvidos sobre essa temática. Desde a divulgação do artigo precursor *Construction de la référence et stratégies de désignation*, de Apothéloz e Reichler-Béguelin, no ano de 1995, quando o mecanismo linguístico da recategorização é apresentado como uma estratégia de designação pela qual os referentes são remodulados na atividade discursiva, esse objeto de investigação passa a chamar a atenção de vários pesquisadores, a exemplo de Cavalcante (2003), Lima (2003; 2009), Tavares (2003), Ciulla e Silva (2008) e Custódio Filho (2011), entre outros.

Nesse contexto, os avanços na descrição desse fenômeno têm sido bastante consideráveis, como é possível constatar numa apreciação dos trabalhos supramencionados. No entanto, entendemos que muitos outros necessitam se afigurar, principalmente no que diz respeito à descrição do fenômeno na construção de sentidos de textos multimodais, o que necessariamente implica uma abordagem que contemple satisfatoriamente os aspectos cognitivo-discursivos envolvidos na sua configuração, agora não mais restrita à linguagem verbal.

Dos autores citados acima, apenas Lima (2003; 2009) advoga de forma mais veemente a necessidade de um enlace entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva para uma melhor compreensão do fenômeno da recategorização, um passo que pode também ser produtivo para o estudo desse processo em textos multimodais. A referida autora assume que a recategorização não se atrela apenas aos aspectos cotextuais, conforme inicialmente proposto por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), apresentando, inclusive, uma sistematização para a análise do fenômeno a partir dessa interface. Muitas ocorrências de recategorização, como muito bem detalha a autora em suas análises (LIMA, 2003; 2009), apontam para a realização de recategorizações ancoradas no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, mas sempre sinalizadas por pistas linguísticas. Assim, seguindo os postulados de Lima (2009), intencionamos de igual modo estudar o processo de recategorização, porém agora ampliando o escopo de investigação para os textos multimodais, particularmente os do tipo verbo-visual, uma vez que a autora contemplou o estudo desse mecanismo apenas aplicado a textos verbais. Para tanto, recorreremos a uma interface entre a perspectiva cognitivo-discursiva da recategorização, conforme proposição de Lima (2009), e a teoria da metáfora multimodal,

proposta por Forceville (2007; 2009). Temos conhecimento de estudos que já se ocuparam da investigação do processo de recategorização metafórica em textos multimodais, a exemplo de Lima (2013), que investigou esse processo na construção referencial de charges. Entretanto, tais estudos ainda não alcançam a interface por nós pretendida, uma vez que não promovem uma descrição sistemática da mescla das linguagens verbal e visual, focalizando muito mais os efeitos de sentido decorrentes das recategorizações, o que certamente não constitui nenhum demérito para esses trabalhos.

Desse modo, partimos da hipótese de que a recategorização metafórica é um processo essencial para a construção de sentidos do gênero multimodal *meme*, oriundo do Facebook, como também pretendemos demonstrar que a recategorização licenciada por metáfora conceitual é recorrente tanto no texto verbal como no texto visual. Assim sendo, compreendemos que a recategorização metafórica, nosso objeto de investigação, ainda demanda um maior grau de aprofundamento teórico, apesar dos avanços já relatados.

Como bem observa Lima (2009), esse fenômeno ainda é pouco estudado no campo da perspectiva da referenciação assumida neste trabalho. Em Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), as recategorizações metafóricas são tratadas apenas do ponto de vista de sua função argumentativa, sem que haja um aprofundamento de como se dá efetivamente o processamento dessas ocorrências na construção textual-discursiva, como intencionamos proceder neste estudo, ampliando a proposta de Lima (2009) para os textos verbo-visuais.

De fato, a autora, conforme anunciado, já propõe um importante redimensionamento da própria concepção de recategorização, permitindo uma descrição mais substancial das ocorrências desse fenômeno nas mais diversas atividades discursivas. Não obstante, é necessário avançar ainda mais no que concerne à investigação dessas ocorrências, particularmente as instanciadas por metáforas conceituais, na construção de sentidos de textos multimodais. Muito embora os trabalhos de Lima (2003; 2009) descrevam o fenômeno da recategorização metafórica quase que exaustivamente, a autora centra-se na análise de ocorrências desse mecanismo em textos verbais. Daí a relevância de nossa proposta de estudo, já que nos ocupamos da investigação do fenômeno em um gênero multimodal, ou seja, o *meme*.

No geral, a teoria da multimodalidade ainda carece de um maior espaço no interior dos estudos tanto da Linguística de Texto como da Linguística Cognitiva, afinal as pesquisas realizadas no âmbito dessas duas áreas têm se restringido consideravelmente ao universo dos textos verbais. Assim, uma mudança de postura faz-se necessária no sentido de trazer para o cerne das pesquisas desses campos de investigação considerações acerca da multimodalidade, haja vista que, conforme Dionísio e Vasconcelos (2013), vivemos em um grande mosaico

multissemiótico em que palavras, imagens, sons, cores, movimentos se juntam e formam os ambientes multimodais que todos os dias vivenciamos em nossa vida.

É esse o nosso desafio na presente proposta de investigação, ao tratar da recategorização metafórica na construção de sentidos de um gênero multimodal, objetivando alcançar uma descrição desse processo que efetivamente contemple o tripé texto-cognição-multimodalidade. Com essa proposta, elegemos como objetivo geral investigar, à luz de uma interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva, o processo de recategorização metafórica na construção de sentidos do gênero *meme* verbo imagético, emergente do Facebook. E como objetivos específicos: (a) identificar ocorrências de recategorizações metafóricas licenciadas por metáforas conceituais multimodais na constituição de exemplares do gênero *meme* verbo-imagético; (b) inventariar e descrever as metáforas conceituais multimodais que licenciam as ocorrências de recategorização metafórica identificadas no *corpus* de investigação; e (c) analisar as ocorrências de recategorização metafórica identificadas no *corpus* de investigação, estabelecendo as relações pertinentes entre os aspectos cognitivo-discursivos e multimodais.

Em termos estruturais, esta dissertação está dividida em três partes: na primeira, o capítulo 1, apresentamos a abordagem sociocognitiva da linguagem, suas implicações para o estudo do texto, a abertura para os estudos dos gêneros multimodais e, por último, uma caracterização do gênero *meme*. A segunda parte, o capítulo 2, trata da perspectiva da referenciação, que, assentada na sociocognição, defende que os referentes são construídos e reconstruídos no momento da interação. Na sequência, tratamos da recategorização metafórica, nosso objeto de estudo, sob o enfoque cognitivo-discursivo, de modo a dar conta de todo o processo que envolve a recategorização metafórica. Nesse capítulo, também abordamos a metáfora conceitual, grande tema da Linguística Cognitiva, e a metáfora multimodal, um dos seus desdobramentos, uma vez que para melhor explicitação do fenômeno da recategorização recorreremos à metáfora conceitual multimodal.

O capítulo 3 consta da metodologia e análise do *corpus* da pesquisa. A princípio, expomos os procedimentos metodológicos da pesquisa, a sua natureza de cunho qualitativo e descritivo, a constituição do *corpus* e os procedimentos de análise, para em seguida, realizar as análises de acordo com os passos descritos na metodologia.

As conclusões, postas ao final do trabalho, mostram que houve a confirmação da hipótese principal do trabalho de que o fenômeno da recategorização é primordial para a construção de sentidos dos *memes* verbo-imagéticos, além de percebermos que os elementos verbal e imagéticos que compõem a organização do gênero multimodal *meme* atuam de forma significativa, podendo, inclusive, ter função equivalente a uma expressão referencial.

1 SOCIOCOGNIÇÃO, TEXTO E MULTIMODALIDADE

Este capítulo trata de forma pontual sobre o sociocognitivismo, uma tendência que advoga que os aspectos sociais estão intimamente imbricados ao processamento mental, num movimento bem diferente que perdurou por vários anos com os postulados do Cognitivismo Clássico. Abordamos, também, a forma como o sociocognitivismo, adentrando na Linguística e mais especificamente na Linguística de Texto, área em que se situa nosso objeto de estudo, foi capaz de fazer uma profunda revolução nos seus pressupostos a ponto de reconfigurá-la e apresentar novas alternativas a seus temas que, estudados apenas na sua imanência, não eram percebidos em sua totalidade, como é o caso da concepção de texto que foi alargada. Disso resulta a conclusão de que a produção de sentidos não é encarada apenas a partir da materialidade linguística, mas, sobretudo, da ativação de conhecimentos radicados nos processos gerais da cognição humana. Desse modo, para construir nossa reflexão sobre esses pontos, tomamos como fundamento os trabalhos de Koch (2004), Marcuschi (2005), Lima (2009), Koch e Cunha-Lima (2011), Cavalcante e Custódio Filho (2010), Custódio Filho (2011), Bentes, Ramos e Alves Filho (2011).

Apresentada a concepção de texto sob o prisma de sociocognição, tratamos na sequência da multimodalidade. Ora, se a construção de sentidos não está ligada apenas a materialidade linguística (verbal), é necessário também considerar os outros modos semióticos por meio do qual a produção de sentidos, a partir dessa nova concepção de texto alicerçada pelo sociocognitivismo, pode se realizar. Para refletir sobre a multimodalidade, utilizamos como base os pressupostos de Kress e Van Leeuwen (1996; 2006) e Dionísio (2011). A última parte deste capítulo trata do gênero *meme* verbo-imagético, que constitui o *corpus* deste trabalho, caracterizado a partir do movimento da sociorretórica do qual trazemos Miller (2009) como principal expoente.

1.1 Concepção sociocognitiva do texto

Tem se tornado consensual a visão de que a Linguística Textual, e não somente ela, mas toda a Linguística tem ampliado seu campo de atuação e análise dos fatos ligados à língua, a partir de uma abordagem sistematicamente cognitiva em que se imbricam além dos aspectos linguísticos, os aspectos sociais, históricos e culturais que permeiam a linguagem e, portanto, configuram-se como seus constituintes.

De fato, nem sempre a Linguística preocupou-se em considerar tais aspectos¹. Na realidade, isso se torna “um movimento”, se é que se pode classificar dessa maneira, a partir de vários esforços que começam a ganhar força nos fins dos anos 70 e início dos anos 80². Marcuschi (2005, p. 24), baseando-se em Lakoff (1990), diz que o século XX possui como característica a configuração de dois compromissos que em nada se inter-relacionam: um primeiro, compromisso gerativista, que visualizava a língua como um “sistema homogêneo e autônomo”, com uma preocupação demasiadamente no estudo da forma, e, um segundo, chamado de compromisso cognitivista, que se propõe a observar a língua num contexto “ligado à atividade humana e comandada pela realidade sociocultural”. Para ele, desse modo, esses dois movimentos apontam que “o projeto científico da Linguística do século XX derivou da forma para a cognição³” (MARCUSCHI, 2005, p. 23).

O movimento cognitivista do século XX, por sua vez, é marcado, também, por dois momentos: (1) cognitivismo clássico, cuja concepção de cognição está intimamente ligada ao projeto da Inteligência Artificial (IA), e a concepção de que a mente funciona à moda de um computador, um mero “processador mecânico de informações” (LIMA, 2009, p. 18), e, (2) sociocognitivismo, que encara a língua como um fenômeno imerso nos aspectos sociais e culturais radicados na cognição humana.

Em síntese, a partir de Koch e Cunha-Lima (2009), pode-se afirmar que o cognitivismo clássico consiste em encarar a investigação da mente como um sistema simbólico, ou seja, como um modelo computacional que poderia ter suas atividades realizadas por uma máquina, daí a famosa metáfora do computador. Segundo as autoras:

Uma das ideias fundamentais que sustentou essa analogia foi a de que seria possível reproduzir o comportamento inteligente humano a partir da especificação e reprodução de cada uma de suas etapas em máquinas. Ou seja, seria possível fazer com que máquinas exibissem Inteligência Artificial. O pressuposto básico desse projeto científico é o de que reproduzir um comportamento (ou modelá-lo, para utilizarmos um termo específico da área) é entendê-lo. (KOCH; CUNHA-LIMA, 2009, p. 266)

¹ Basta que nos lembremos do trabalho fundador de Saussure em que, por razão de um recorte necessário aquela época, não são estudados os aspectos ligados ao uso da linguagem, e o de Chomsky, que, muito embora seja um cognitivista, opta por encarar a língua como inata, eliminando todos os estudos que por ventura tratassem da vida social da linguagem.

² Mesmo não sendo o foco deste trabalho uma “reconstituição” histórica da tendência sociocognitiva, tal como podemos encontrar em Salomão (1999), Marcuschi (2005), Koch e Cunha-Lima (2009), Lima (2009) e Custódio Filho (2011), chamaremos a nosso trabalho alguns pontos por julgarmos interessantes para melhor compreensão da perspectiva sociocognitivista.

³ Um exemplo claro disso é a Linguística do Texto que, nos seus primórdios, na análise transfrástica e nas gramáticas textuais, limitava-se a estudar os aspectos formais do texto, propósito bem diferente da fase da Teoria do Texto que já passa a se preocupar mais com o texto como um processo e não como um produto.

Como relata Custódio Filho (2011), a tese central do cognitivismo clássico de que seria possível uma máquina realizar todas as atividades ligadas à inteligência humana foi a crítica fundamental para o declínio desse primeiro momento dos estudos linguísticos a partir de um viés cognitivista. De acordo com Koch e Cunha-Lima (2009, p. 271), o cognitivismo clássico é abalado por três pontos fundamentais:

1. a computação não é necessariamente simbólica;
2. mente e corpo não são duas entidades estanques; a concepção da mente desligada do corpo começa a cair como um todo, quando várias áreas das ciências (neurobiologia, antropologia, linguística) começam a investigar com mais vigor essa relação e veem que muito da nossa razão tem por base mesma a nossa percepção e a capacidade de atuação física no mundo;
3. as atividades cognitivas não estão separadas das interações com o meio, nem, obviamente, da vida social [...]

Sobre o primeiro ponto, o da computação simbólica, é interessante observar que a representação simbólica clássica se torna inadequada por conta de sua caracterização estável e sua a-historicidade. Para exemplificar esse ponto, Koch e Cunha-Lima (2009) dizem que a questão da representação simbólica clássica se torna problemática ao querer explicar como determinadas palavras são bastante flexíveis e, por outro lado, em uso, são tão precisas. Para as autoras, abordar a questão de forma mais dinâmica é uma alternativa bem mais plausível para a estruturação de um conhecimento lexical à medida que se somam aspectos relativos à interação e a negociação como pontos basilares da construção de sentidos.

Sobre o segundo ponto, “mente e corpo são duas entidades estanques”, hoje já é consenso de que mente e corpo não são separados, mas que estão em interação, o que marca a visão corporificada da cognição, princípio que podemos encontrar nas reflexões de Wilson (2002), Núñez (1999), Feltes (2007), Lima (2009), Ferrari (2011) apenas para citar alguns. Prova disso são os inúmeros conceitos que emergem a partir desta interação. Conceitos como FRENTE, COSTA, LATERALIDADE, FELIZ É PARA CIMA, RUIM É PARA BAIXO, estes dois últimos metafóricos, são exemplo do quanto a mente se utiliza dos aspectos corporais para a construção de conceitos e sentidos. Como dizem Koch & Cunha-Lima (2009, p. 275), “muitos autores defendem que a mente é um fenômeno essencialmente corporificado (*embodied*) e que os aspectos motores e perceptuais bem como as formas de raciocínio abstrato são todos semelhantes e profundamente inter-relacionadas”.

O terceiro aspecto contemplado pelas autoras trata da proposta sociocognitiva. Se no cognitivismo clássico havia uma separação entre os aspectos externos e internos, principalmente no que se refere aos aspectos mentais e sociais, no sociocognitivismo o

movimento será completamente inverso. A proposta sociocognitiva advoga em favor de um trabalho em que os aspectos sociais e culturais estejam integrados aos aspectos cognitivos. Segundo Koch e Cunha-Lima (2009, p. 290),

[...] as evidências apontadas tornam claro que uma explicação apropriada do processo cognitivo não pode deixar de incluir o óbvio de que a atividade linguística, assim como as atividades cognitivas em geral, acontecem em contextos reais de uso. Em outras palavras, um modelo cognitivo adequado às descobertas dessas e de outras linhas de pesquisa sobre a ação linguística e sobre eventos verbais deve garantir espaço para a importância da interação, da negociação e da sensibilidade e flexibilidade em relação ao contexto que os processos cognitivos (no nosso caso, o processamento de linguagem) demandam.

Por tais razões, o sociocognitivismo apresenta-se como uma forma produtiva e que já possui respaldo significativo nos estudos da cognição e da Linguística em geral. Para Custódio Filho (2011), os pressupostos sociocognitivistas permitem de forma coerente, inovadora e eficaz a exploração de fenômenos que envolvem o conhecer e o pensar. Trata-se de uma proposta alternativa ao Cognitivismo Clássico que atualmente é abraçado pela Linguística Textual, doravante LT.

Na realidade, é a sociocognição que sustenta a fisionomia atual da LT. Isso porque são os aspectos sociocognitivos que, aplicados aos estudos do texto, conseguem dar explicações satisfatórias à complexa construção de sentidos demandada pelos gêneros textuais. Ademais, a sociocognição contribuiu para estabelecer o conceito mais amplo de texto assumido na atualidade pela LT. Vejamos, por exemplo, as concepções de texto que se afiguraram na trajetória da LT, desde o seu princípio ainda na década de 60.

Koch (2009, p. xii) nos apresenta inicialmente a concepção de texto como uma frase complexa, de base estritamente gramatical, em que todos os esforços estavam voltados para as análises transfrásticas e/ou gramáticas do texto, além do estudo dos mecanismos de coesão, erroneamente, comparado com a coerência e vistos como propriedades estritas e exclusivamente textuais. Passando isso, chega-se a concepção de texto como um produto que tinha início e fim nas atividades discursivas, a fase do texto como um processo em que as mais diversas operações e processos cognitivos estão envolvidos na sua construção de sentidos, e, a fase de texto como lugar de interação em que atores sociais constroem de forma interacional os sentidos do texto.

A partir dessa concepção mais abrangente do texto, é que se compreende que a sua produção de sentidos é necessariamente acompanhada por processos mentais (KOCH, 2009). Como pontua Koch (2009, p. 31), a base da atividade linguística está na interação, no

compartilhamento de conhecimento e na atenção, afinal, “os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais”, são na realidade uma atividade conjunta que se faz com os outros.

Assim, ao vincular-se a perspectiva sociocognitiva, a LT amplia consideravelmente seu campo de ação de modo a dar respostas, ou pelo menos propô-las, a diversas questões que emergem da flexibilidade peculiar do processamento textual. Para ilustrar melhor, vejamos o exemplo (1), abaixo:

(1) Desculpa, não querer nada com vc, o problema não é vc, sou eu, sou uma pessoa muito especial e cheguei a conclusão que vc não merece tanto! [sic]
Disponível em www.facebook.com/IrmaZuleideOficial/posts/723668904423451. Acesso em 06 agost. 2015.

Na postagem da Irmã Zuleide⁴, não há uma explicitude total. É necessário que o interlocutor trabalhe com essa “flexibilidade” e atue colaborativamente, para que, acessando os implícitos oriundos do seu processamento cognitivo geral, compreenda que se trata de “um fora” dado a alguém que não merece a locutora do texto. Uma pessoa com características especiais, que se acha superior, e, que, portanto, não se relaciona com qualquer pessoa. Quem acompanha a página da Irmã Zuleide e visualiza os seus *posts* consegue compreender a postagem, visto que é peculiar dela sempre se colocar como alguém de muitas qualidades e merecedora das melhores coisas. Para Lima (2009, p. 19), “os processos de produção e compreensão de textos não se atrelam simplesmente à disposição das formas lexicais, mas dependem, sobretudo, da mobilização de um conjunto de informações sugeridas ou apontadas no/pelo texto”, tal como ocorre no exemplo (1). O mesmo processo ocorre quando da análise do exemplo (2):

⁴ A Irmã Zuleide, a Serva do Senhor, aquela que não é a Bíblia, mas tem página, é uma personagem fictícia com uma página virtual no Facebook em que aborda de forma sarcástica e irônica temas do dia a dia. Em suas postagens, é recorrente a abordagem de temas ligados à religião, a casos amorosos e o relacionamento interpessoal dela com suas filhas, seu marido Teobaldo e sua vizinha Jaciara Macumbeira.

(2) Figura 1 – Na frente da família e na balada



Fonte: Disponível em www.facebook.com/IrmaZuleideOficial/photos/a.130498633740484.2665.129476993842648/675377929252549/?type=1&theater Acesso em 18/03/2015.

No exemplo (2), que se torna mais complexo que o anterior, por ser um texto verbo-imagético, necessitamos ainda mais mobilizar os processos cognitivos gerais para a construção de sentidos do texto, além de ainda ter de considerar que os aspectos verbo-imagéticos atuam de forma decisiva no processo de compreensão do texto. Vejamos que a referente “atriz Fernanda Montenegro” aparece recategorizado simultaneamente como “santa” e “pecadora”. O *meme* retrata as moças que na frente de suas famílias se passam por santas, recatadas e com comportamento exemplar, enquanto que na balada se transformam e apresentam comportamentos completamente diferente e reprováveis por uma sociedade mais tradicional.

Assim sendo, como defendem Koch e Cunha-Lima (2009), a construção de sentidos do texto depende de uma gama de conhecimentos partilhados. Para elas, ao levar em consideração esses conhecimentos, há a ativação de vários modelos, oriundos de estudos desenvolvidos no âmbito das Ciências Cognitivas, tais como: esquemas, *frames*, cenários, *scripts*, modelos mentais, modelos experienciais, episódicos ou de situação⁵. Ratificam ainda seu pensamento

⁵ Nos estudos realizados por Lima (2003, 2007, 2009) e Lima e Feltes (2013), pode-se constatar o quanto que a utilização desses modelos oriundos da Linguística Cognitiva, tais como os modelos metafóricos, metonímicos, *frames* e *scripts*, podem, quando aplicados a Linguística Textual, aprofundar ainda mais questões que esta última sozinha não daria conta de responder.

quando dizem que são justamente esses modelos que nos permitem realizar inferências no processo de construção de sentidos do texto.

É a partir dessa inter-relação que se ampliará mais uma vez a noção de contexto que sempre fora para a LT problemática. Sua evolução perpassa as várias concepções de texto, desde a análise transfrástica, em que o contexto era apenas visto como a materialidade textual, chegando, por fim, a uma concepção mais ampla que considera os aspectos sócio-histórico-culturais, compreendendo-se que o contexto se constrói agora no momento da interação. Como diz Koch (2009, p. 32), “ele passa a construir agora a própria interação e seus sujeitos: o contexto constrói-se, em grande parte, na própria interação”.

Carvalho e Silva (2014), apoiando-se nos postulados de Koch (2009) e Koch e Elias (2010), dizem, também, que a compressão de um texto não se dá exclusivamente por meio da materialidade dos elementos linguísticos presentes na sua superfície, mas se deve levar em conta, no processo de construção de sentidos, o contexto, através da ativação de conhecimentos que estão armazenados na memória dos interlocutores e contribuem para a produção de sentidos. A título de ilustração, vejamos o exemplo (3) analisado por eles:

(3) Figura 2 – Convocação Extraordinária



Fonte: (Citado por CARVALHO; SILVA, 2014, p. 83)

Nesse exemplo, como dizem os autores, apenas os elementos verbais do texto (o título *Convocação extraordinária* e a fala do personagem à direita – Jesus Cristo) não proporcionam

subsídios necessários à compreensão e à construção do efeito cômico da charge. Para que o leitor construa o sentido do texto, faz-se necessário também a leitura das imagens e o reconhecimento dos elementos que compõem o texto, ou seja: i) saber que o senhor que carrega uma maleta com réguas é o arquiteto Oscar Niemeyer; ii) compreender o contexto em que o texto estava inserido, época da morte do arquiteto que projetou Brasília, de grande reconhecimento mundial; iii) perceber que a fala do personagem Jesus Cristo, *Vou acabar com tudo no dia 21*, refere-se à previsão apocalíptica de que o mundo acabaria em 21 de dezembro de 2012. A construção dos sentidos do texto se dá não somente pelo que está homologado no cotexto, mas, sim, por sua relação com os aspectos multimodais e os conhecimentos sociais e cognitivos que devem ser mobilizados para que a compreensão seja possível.

Também Cavalcante e Custódio Filho (2010) e Custódio Filho (2011), de forma até mais aprofundada, enfatizam que mais que considerar que o texto é uma ação social e uma ação cognitiva, como se tratando de instâncias independentes, o que a LT assume hoje é que cultura e processamento mental são duas instâncias intimamente interligadas. Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 59), ao falarem desse aspecto, ressaltam que, na relação entre trabalho intelectual e restrições e possibilidades textuais, “não há nítidos limites entre o que é essencialmente individual e o que é essencialmente coletivo”, característica também oriunda dos pressupostos da Linguística Cognitiva. Nesse contexto, segundo Ciulla e Silva (2008, p. 22),

[...], os falantes, os objetos, os interesses e as circunstâncias histórico-sociais não apenas contam, mas devem ser vistos em conjunto, ao lado da situação imediata em que os falantes estão envolvidos no momento da interação; e o texto, portanto, deve ser visto como emergente da dimensão discursiva. A definição que se aproxima dessa noção é a que encontramos em Cavalcante (no prelo), para quem o texto é algo que se abstrai da relação entre texto, leitor e autor, dentro de um contexto sociocultural específico; dentro dessa perspectiva, o texto não é simplesmente uma superfície material que conduz ao discurso, mas é visto como indissociável dele e é definido pelo uso.

Decorre desse aspecto, que o texto não está circunscrito apenas a sua materialidade linguística, mas também atuam na sua construção um conjunto de fatores que girarão no entorno de um contexto sociocultural. Sobre esse aspecto, acentua Custódio Filho (2011, p. 60), “a tarefa de se comunicar é revestida de uma complexidade que demanda a atuação de sujeitos participativos, os quais, ao mesmo tempo em que se constroem na interação, a partir da alteridade, transformam as situações, pois trazem para a comunicação suas experiências particulares”. Portanto, ressalta Cavalcante (2011), o texto não se atrela simplesmente ao

cotexto, mas a relação que se dá entre enunciador, sentido/referência, coenunciador dentro de um contexto sociocultural.

Também Marcuschi (2008) já havia discutido essas questões. Para elaborar suas conjecturas, ele parte de Beaugrande (1997), para quem o texto configura-se como um evento comunicativo guiado por ações linguísticas, cognitivas e sociais. Marcuschi (2008) ressalta desse conceito a noção de “evento”, que, para ele, não se trata apenas de uma mera questão de palavras escritas ou faladas, mas, assim encarado, o “evento” recobre, portanto, uma maior variedade de aspectos, que, no seu próprio dizer, “torna difícil sua explanação completa” (MARCUSCHI, 2008, p. 80). No entanto, ele frisa algumas implicações dessa posição:

1. o texto é visto como um *sistema de conexões entre vários elementos* tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc.
2. o texto é construído numa orientação *multissistemas*, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral *multimodal*;
3. o texto é um *evento interativo* e não se dá como artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma coprodução (coautorias em vários níveis);
4. o texto compõe-se de *elementos que são multifuncionais* sob vários aspectos, tais como: um som, uma palavra, uma significação, uma instrução etc. e deve ser processado com esta multifuncionalidade [destaques do autor]

Da visão de Marcuschi (2008), ratificamos a dinamicidade do processo com a conexão de vários elementos, a sua interatividade. Afinal, o texto se constrói em sua coprodução e em sua multifuncionalidade, além de se constituir numa orientação multissistemas. O texto, então, se configura como um artefato funcional, dinâmico, multifacetado e sociocognitivamente motivado (CUSTÓDIO FILHO, 2011). Nesse sentido, o texto surge com o uso, como defende Custódio Filho (2011). Para esse autor, os usos são os fatores determinantes para que as explicações sejam construídas, além de que sejam apontadas as suas incompletudes, para que a partir disso novas configurações teóricas sejam lançadas. Segundo ele, há a necessidade de uma reflexão que se ocupe de dar conta de aspectos que ainda não foram considerados pela LT. Cabe aqui pontuarmos o que Custódio Filho (2011) compreende sobre os estudos atuais em LT: em primeiro, temos que o atual estudo do texto contribuiu para ultrapassar os limites da materialidade textual, afinal, muito embora o cotexto seja uma peça fundamental, sozinho, ele não garante a complexidade de construção de sentidos, pois, para isso, pode-se dizer que é necessário “a inclusão de parâmetros pragmáticos, cognitivos e discursivos que têm como propósito privilegiar o extralinguístico, uma vez que, de fato, o fenômeno da produção de sentidos só pode ser plenamente entendido se considerado com toda sua complexidade” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 63).

Por outro lado, continua Custódio Filho (2011), na consideração mais sofisticada do “extralinguístico”, faltam dois componentes aos avanços até aqui afigurados: a) o primeiro emerge a partir do que se compreende como “extralinguístico”, encarado apenas como fenômeno “extramaterial”; b) o segundo figura como uma outra “contradição” entre os pressupostos assumidos e as análises efetivamente realizadas. Para o autor, mesmo considerando os aspectos contextuais, as análises centralizam-se na exploração dos itens linguísticos, de modo que não se tem considerado as estratégias de construção de sentidos para além do verbal ou que relativizem os pesos dos itens linguísticos.

Portanto, o que se pode compreender é que mesmo com toda a evolução do conceito de texto, ainda assim a maioria das conceituações leva em consideração o aspecto verbal (falado e/ou escrito) num verdadeiro movimento “verbocentrista” (CUSTÓDIO FILHO, 2011) ou monomodal.

Retomemos a concepção de Marcuschi (2008) ao dizer que o texto se constrói numa orientação multissistemas. O exemplo (2) citado anteriormente aqui é um caso em que esse conceito se materializa. Neste, as porções verbais não são a condição máxima para a construção de sentidos do gênero verbo-imagético *meme*, pois a construção de sentidos só de fato se efetiva quando “os multissistemas” – verbal e imagético – são ativados e colaborativamente os interlocutores constroem sentidos a partir do tripé – texto, cognição e multimodalidade.

Salutar é, a partir disso, trazer a colaboração de Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 64), que redimensionam o tão conhecido conceito de texto de Koch (2009)⁶, para que de fato ele passe a recobrir o texto como um objeto complexo e multifacetado, tal como a nova configuração dos textos exige. Vejamos a citação:

A produção de linguagem [verbal e não verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza evidentemente, com base nos elementos [linguísticos] presentes na superficialidade textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal.

Os referidos autores compreendem que ao considerar o verbal e o não verbal como formas de produção de linguagem e suprimir o adjetivo “linguísticos” logo depois da expressão “elementos”, é possível ampliar a definição de Koch (2009). Como eles sugerem, a definição da autora passa a recobrir um universo maior de elementos que não apenas os linguísticos, pela

⁶ Cavalcante e Custódio Filho (2010) citam a edição do trabalho de Koch do ano de 2004, aqui utilizamos a edição mais recente de 2009.

consideração de diversos outros recursos semióticos que possam estar presentes na constituição textual.

Nesse contexto Bentes, Ramos e Alves Filho (2010) pontuam que o tema da multimodalidade, ou seja, as diversas semioses que podem constituir um texto, tem ganhado um tratamento tangencial nas pesquisas desenvolvidas. É bem verdade que as pesquisas ainda se centram muito no verbal, mas já se pode destacar diversos estudos que têm buscado compreender e refletir sobre as múltiplas semioses e qual o seu papel na construção de sentidos no texto, a exemplo de Mozdzenski (2008), Capistrano Júnior (2011), Ramos (2012), Custódio Filho (2011), Lima (2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) e Lima e Cavalcante (2015), apenas para citar alguns.

Assim sendo, Bentes, Ramos e Alves Filho (2010) destacam que para a inserção da multimodalidade dentro do escopo teórico da LT é necessário (i) um alargamento do conceito de texto, em que se possa tratar dos elementos não verbais e (ii) a utilização de instrumentos analíticos da própria LT que possibilitem o trabalho com outros signos. Quanto à primeira assertiva, a proposta de Cavalcante e Custódio Filho (2010) de redimensionamento da definição de texto de Koch (2009) dá importante contribuição, muito embora não seja um conceito próprio, pois a inclusão e a supressão ali feitas já contribuem bastante para alargar a concepção de texto. A segunda, a nosso ver, carece ainda de aprofundamento teórico, pois advoga uma supremacia da LT, em que ela mesma seria responsável por, a partir de procedimentos analíticos próprios, dar conta de escopo de investigação extensivo aos textos multimodais.

O fato é que não podemos mais considerar o visual como um ornamento, um detalhe dentro dos textos, é necessário adentrar nas imagens e compreender o que elas têm a dizer, a referenciar. Essa modificação na configuração dos textos – em eventos multimodais – que vem nos últimos anos se tornando mais complexa e sofisticada, ao aliar as múltiplas semioses, deve ser abraçada pela LT. Mesmo que ela sozinha não seja suficiente para dar explicações completas, não há problemas em recorrer a outras áreas como ela mesma já fez ao advogar que os textos não são totalmente explícitos.

Entendemos que a LT de base sociocognitiva já contribuiu muito para a resolução de uma série de questões ligadas ao texto, a produção de sentidos, a referenciação, a intertextualidade, aos gêneros textuais, mas sempre focando os textos verbais. É chegada a hora de chamar também para o cerne desses estudos os textos multimodais. Em particular, pensamos que o estudo da referenciação, e mais especificamente o da recategorização metafórica, tem muito a contribuir quando aplicado a textos multimodais, como objetivamos fazer neste estudo a partir da análise de um *corpus* constituído por exemplares do gênero *meme*.

Passemos ao tópico que segue, de modo a compreender melhor o que é a multimodalidade e como se constitui.

1.2 Texto e multimodalidade

As múltiplas linguagens, especialmente a linguagem visual-imagética, está presente como forma de expressão da linguagem do homem desde os nossos antepassados mais longínquos. No mundo pós-moderno, isso tem se tornado mais evidente. Estamos a todo momento envoltos em práticas de linguagem verbal e não-verbal (a linguagem visual, gestual, a dança, a música, entre outras).

Na visão de Pimenta e Santana (2007, p. 15), até pouco tempo a pedagogia do letramento restringia-se apenas a linguagem “monolíngues, monoculturais e monomodais”. Daí a centralidade das práticas de linguagem priorizarem a linguagem verbal. A esse respeito, Couto (2000, p. 11) assim se posiciona,

O fato de o pensamento também ocorrer no domínio da percepção sempre foi obscurecido pela crença de que o raciocínio somente pode se dar através do pensamento e da linguagem verbal. De maneira geral, tendemos a considerar a linguagem verbal como a única e exclusiva forma de linguagem e esquecemos que somos capazes de produzir e agir de diversas maneiras para que possamos interagir uns com os outros.

A autora ainda afirma que é tamanha a nossa distração sobre a dominância da linguagem escrita que chegamos a negligenciar a multiplicidade de linguagem a que estamos submetidos e que faz parte de nossa realidade. É importante salientar que cada modalidade de linguagem se apresenta como portadora de significado, como um modo de construção e representação do pensamento, não se dando ao acaso e nem de forma assistemática.

Conforme já dito, a sociedade pós-moderna constitui suas práticas de linguagem predominantemente de forma plural. Grande parte das pessoas estão diariamente ligadas a TV, vídeos, computador, internet, *outdoors* digitais, letreiros eletrônicos e diversos outros artefatos que ou são predominantemente imagéticos ou fazem sua conjugação a outros sistemas semióticos.

Concordando com a visão de Couto (2000, p. 12), é uma ilusão considerar a linguagem verbal como forma exclusiva de comunicação.

Portanto, é ilusória a exclusividade da linguagem verbal como forma de linguagem e meio de comunicação privilegiado. Essa ilusória exclusividade se deve muito

intensamente a um condicionamento histórico que nos faz crer que as únicas formas válidas de conhecimento e interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal, oral e escrita, e que essa linguagem é o meio mais apropriado para se chegar a uma forma de pensamento superior. O saber analítico que a linguagem verbal permite conduziu à legitimação consensual e institucional de que essa é a linguagem de primeira ordem, em detrimento e relegando para uma segunda ordem todas as outras linguagens, as linguagens não-verbais.

Nesse contexto, Kress e van Leeuwen (1996) argumentam, nas duas últimas décadas, que tanto a mídia como os meios de comunicação se modificaram, pois, periódicos que, na década de 60 eram em preto e branco e produzidos predominantemente por caracteres escritos, transformam-se e na década de 90 passaram a, além dos caracteres escritos, contemplar também cores e imagens, constituindo assim os textos multimodais. Mozdzenski (2008, p. 21) ressalta que até há pouco tempo os modos de representação comunicacional, quer nos textos verbais quer nos textos não verbais, eram tratados de maneira separada e estanque, como se cada modo sozinho constituísse sentidos também sozinhos. Para ele, entretanto, na atualidade essas fronteiras “tornam-se cada vez mais tênues” de modo que a leitura entre os elementos verbais e elementos visuais, que deve ser integrada, não sofra prejuízos na construção de sentidos do texto.

Entra em cena o conceito de multimodalidade. A multimodalidade é definida por Kress e van Leeuwen (1996) como uma área de estudo com um compromisso de explorar as diversas formas de significação que emergem do mundo moderno, pois, para eles, o visual possui peculiaridades próprias de representação, além de construção de relações interacionais e constituição de significados, o que faz da compreensão da imagem uma necessidade. Para os autores, a linguagem, vista como recurso único da comunicação, passa agora a ser considerada como um dos modos disponíveis, pois, “na era da multimodalidade outros modos semióticos, além da linguagem, são tratados como capazes de servir a comunicação e a representação”⁷ (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 46). Acentuam ainda os teóricos que outros modos (como a cor, o som, o gesto), antes colocados à margem, agora são realocados no centro da prática semiótica.

Nesse contexto, para Holanda (2011), a mudança da paisagem da comunicação e a dependência de outros modos semióticos acarretam na modificação de uma crença já bastante arraigada em nossa cultura de que a comunicação seja representada exclusivamente pelas modalidades escrita e oral. A autora chama ainda a atenção para o fato de outros meios como filmes, televisão e internet terem ampliado sistematicamente o seu potencial semiótico ao

⁷ In the era of multimodality semiotic modes other than language are treated as fully capable of serving for representation and for communication.

conjugarem movimento, linguagem oral e escrita, som e música, às vezes, de forma integrada em um mesmo artefato tecnológico. Prossegue ainda a autora defendendo que a sociedade é multimodal, assim como também a comunicação é marcadamente multimodal, pois, no seu processo de comunicação, as pessoas se utilizam de imagens e demais formas não-verbais para se comunicarem e “nela se criam sentidos através da combinação de recursos linguístico-semióticos como a fala, a escrita, imagens pictóricas, sons e músicas, sendo que os recursos visuais se combinam com os elementos para originar novos sentidos” (HOLANDA, 2011, p. 133).

Ainda em sua exposição, Holanda (2011) argumenta que vários autores, como Stökel, Kress van Leeuwen, Jewitt e Dionísio, já reconheceram que o texto sempre foi multimodal. Sobre isso, vejamos como Dionísio (2011) se posiciona. Para ela, a multimodalidade refere-se às diferentes formas de representação utilizadas na construção linguística de uma mensagem, dentre essas formas temos: palavras, imagens, cores, formatos, disposições da grafia, gestos, olhares e etc. Nesse sentido, a multimodalidade tem a possibilidade de unir escrita, fala e imagem, ao mesmo tempo, e produzir sentido.

Para Dionísio (2011, p. 139), os pressupostos que respaldam os argumentos para a discussão sobre multimodalidade no que se refere ao texto falado e escrito são:

- (i) as ações sociais são fenômenos multimodais;
- (ii) gêneros textuais orais e escritos são multimodais;
- (iii) o grau de informatividade visual dos gêneros textuais da escrita se processa num contínuo;
- (iv) há novas formas de interação entre o leitor e o texto, resultantes da estreita relação entre o discurso e as novas tecnologias.

Quando falamos, usamos a linguagem nas práticas tanto individuais quanto sociais que se materializam através de nossos gestos, palavras, entonações, imagens e animações, que se manifestam através dos gêneros textuais. Ainda na concepção de Dionísio (2011), imagem, fala e escrita compondo um texto possibilitam mudanças substanciais na forma de elaborar sentido e significação. Para melhor compreender a proposta da autora, vejamos o exemplo dado por ela de uma narrativa conversacional que fora produzida numa comunidade rural paraibana e originalmente consta em sua tese de Doutorado.

(4) NC 01: Versão A (versão com apagamento de algumas informações da pesquisadora-transcritora)
 129. M02 (...) aí a mulé veii de Campina dana: Denise
 130. []

131. M02 aí cadê subi a ladera... arrente fico olhano ela butava o carro... o carro...
 132. descia logo novinha na hora tinha feito... e butava nada... aí: sabe quantas
 133. nega e nego chego lá? ((risos)) uns tinta e cinco... quando chego pra
 134. impurrá o carro poi levaro o caro quaji na mão pia o oi da mulé...
 135. (())
 136. ((todos riem bastante)) aí a felicidade que ela conhecia eu... MUIto...
 Fonte: Citado por Dionísio (2011, p. 140).

Como explica Dionísio (2011), certamente os leitores que tiveram acesso a esta narrativa encontrarão lacunas no seu processamento textual, pois a mera transcrição dos elementos verbais não dá conta da construção de sentidos do fato narrado. No seu processo de transcrição, a pesquisadora apaga a transcrição de um gesto. Desse modo, o humor que parece existir (observar item 136), em que todos riem, não é percebido. No dizer da autora, a incompletude semântica emerge exatamente da ausência de informações que são advindas de outro modo da representação do conhecimento, o modo pictorial. Ainda segundo ela, a junção dos aspectos verbais e pictoriais são tão essenciais que a falta de um deles compromete de forma global a construção de sentidos do texto. Na segunda versão da mesma narrativa apresentada por Dionísio (2011), em que se contempla a informação do gesto num processo de retextualização, a emoção da personagem se torna evidente. Vejamos o exemplo (5):

(5) NC 01: Versão B

129. M02 (...) aí a mulé veii de Campina dana: Denise
 130. []
 131. M02 aí cadê subi a ladera... arrente fico olhano ela butava o carro... o carro...
 132. descia logo novinha na hora tinha feito... e butava nada... aí: sabe quantas
 133. nega e nego chego lá? ((risos)) uns tinta e cinco... quando chego pra
 134. impurrá o carro poi levaro o caro quaji na mão pia o oi da mulé...
 135. ((M02 junta os dedos indicadores e os dois polegares formando um círculo))
 136. ((todos riem bastante)) aí a felicidade que ela conhecia eu... MUIto...
 (Retirado de Dionísio (2011, p. 141).

Em (5), a versão B da narrativa analisada por Dionísio (2011), a representação da narradora em concomitância do elemento linguístico “pia o oi da mulé” com o elemento cinésico – *o gesto ((M02 junta os dedos indicadores e os dois polegares formando um círculo))* caracteriza o espanto da personagem pelo fato de os moradores carregarem o seu carro em uma ladeira praticamente nas mãos.

É interessante observar que a visão de Dionísio (2011) sobre multimodalidade nos gêneros textuais não se atrela a conceber os aspectos visuais meramente como fotografias, telas de pintura, desenhos ou caricaturas, mas leva em consideração a disposição do texto no papel

ou na tela do computador, afinal essa característica pode atuar diretamente na construção de sentidos do texto.

Como se nota, na visão da autora, a multimodalidade não é apenas uma característica dos gêneros visuais, pois na conversação face a face, em uma palestra ou nos textos escritos ela também se faz presente. Na conversação face a face e na palestra, por exemplo, gesticulamos, movimentamos o corpo, fazemos “caras e bocas”, sorrimos e isso atua na construção de sentidos e constitui-se como um modo carregado de sentidos. No texto escrito, como já explicado por Dionísio (2011), além da disposição do texto, seja no papel ou na tela do computador, temos ainda os itens infográficos como o **negrito**, o *itálico*, sublinhado e as “aspas”, que carregam sentidos e ajudam a construir interpretações nos gêneros predominantemente escritos como esta dissertação de mestrado. Entendemos que a autora estende o uso do termo multimodal para todos os gêneros textuais orais e escritos, entretanto, neste trabalho, tomamos esse termo na acepção de Kress e Van Leeuwen (2001), definindo os textos multimodais como aqueles constituídos por mais de um modo semiótico, particularmente os modos verbal e imagético, como é o caso dos *memes* analisados neste estudo. Os referidos autores compreendem que é na integração dos diversos modos semióticos (palavra, imagem, som, gesto, cor etc) que se tece a comunicação e se faz a representação, e, conseqüentemente, a construção de sentidos.

Como já dito no item anterior, a LT vem se preocupando com os textos multimodais, muito embora nos pareça haver ainda uma certa falta de critérios analíticos para dar conta desses recursos semióticos constitutivos dos textos. No entanto, como também apresentamos anteriormente, Custódio Filho e Cavalcante (2010), ao reformularem a definição de texto de Koch (2004), ampliam a noção de texto, a fim de colocar como pano de fundo um olhar mais refinado para as produções multimodais. Isso já figura como um grande passo.

Como se pode perceber, as diversas estratégias de construção de objetos de discurso ressaltam para a necessidade de se considerar os aspectos multimodais peculiares das atividades comunicativas que se afiguram. Por esta razão, fizemos as reflexões sobre multimodalidade, pois acreditamos que ela pode colaborar muito no processo de construção de sentidos. O *corpus* constituído para este estudo, formado por exemplares de *memes* verbo-imagéticos, faz parte do conjunto dos gêneros multimodais. Tratamos desse gênero na sequência.

1.3 O gênero *meme* verbo-imagético

Segundo Souza (2014), epistemologicamente falando, a palavra *meme* remonta a um termo cunhado por Richard Dawkins, em 1976. Da sua raiz etimológica, encontramos sua

origem no grego *mimema*, que significa “imitação/algo que é imitado” (SOUZA, 2014, p. 156). Em seu livro “O gene Egoísta”, Dawkins (1976) compara a evolução cultural com a evolução genética em que o *meme* é o gene da cultura que se perpetua e prolifera através de replicadores.

Para Recuero (2006), estudar os *memes* significa estudar a difusão de informações. Segundo a autora, é a partir do estudo de Dawkins que as espécies são vistas como produtos de um processo evolutivo baseados em três aspectos: mutação (variação), hereditariedade (ou retenção) e seleção. Os estudiosos do *meme*, Dennett (1998) e Blackmore (1999), afirmam, por sua vez, que estes princípios também estariam ligados a evolução do *meme*.

De acordo com Recuero (2006), com base em Dennett (1998) e Blackmore (1999), a variação é o aspecto que permite ao *meme* a mutação. Para a autora, nenhuma história é contada da mesma forma e essas variações geram mudanças com o passar do tempo. A seleção, por sua vez, trata que alguns *memes* chamam mais atenção que os outros e, por conseguinte, permanecem mais tempo e são mais copiados. A retenção, último elemento, citado por Recuero (2006), se dá pelo processo de permanência do *meme* no caldo cultural.

Retomando os aspectos do conceito de *meme* já apresentados por Dawkins (1976), *meme* é tudo que se multiplica através da cópia/imitação e na atualidade o termo recobre “a classificação de figuras ou frases utilizadas de forma repetida, que se propagam de forma viral pela rede, são remixados e misturados a novos conceitos” (CARVALHO, 2015, p. 4).

Existem vários tipos de *meme*, no entanto, optamos, nesta dissertação, pelo trabalho com os *memes* verbo-imagéticos que se originam e são compartilhados pelo Facebook. Nossa atenção se volta a esse gênero dada à forma como ele se prolifera e domina a comunicação na rede, além do nosso interesse pelo estudo do processo de construção de sentidos viabilizado pela construção e reconstrução de referentes. No caso específico do Facebook, a utilização do *meme* é um mecanismo que ganhou visibilidade ao comportar vários formatos, mesclar linguagens, o que o torna atraente e o faz ser compartilhado de forma rápida e elevada.

A recorrência desse gênero no Facebook é tão elevada que páginas fictícias como Irmã Zuleide, Universidade Capenga, Dilma Bolada, entre inúmeras outras, utilizam-no como *post* principal, isso por se tratar de um gênero que se adapta completamente ao seu meio que exige uma comunicação rápida, criativa e atrativa.

No campo do estudo dos gêneros textuais, o *meme* ainda está envolto numa polêmica. Existem aqueles que acreditam não se tratar de um gênero, outros acreditam que se trata de uma subcategorização do gênero tirinha, ou ainda que se trata de um gênero emergente. Para nós, julgamos que se trate de um gênero emergente da mídia virtual, o que torna a sua caracterização ainda mais complexas, dada a flexibilidade peculiar dos gêneros virtuais. Afinal, como já

anunciava Marcuschi (2010, p. 16), “a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”. Assim sendo, a falta de um outro termo já corrente na literatura, adotamos a designação desse gênero como *meme*, embora saibamos que a sua emergência ainda pode resultar em outros rótulos, mas não nos interessa aqui entrar no mérito dessa questão.

Em seu estudo pioneiro sobre os gêneros emergentes, Marcuschi (2010) ressalta que os gêneros oriundos da mídia eletrônica possuem como características: (1) a centralidade na escrita⁸, (2) uma variedade de formas textuais, e (3) uma versatilidade muito grande. Ainda de acordo com ele, ao se procurar definir e identificar tais gêneros, corre-se um grande risco que se dá principalmente pela própria natureza da tecnologia, afinal o seu avanço vertiginoso pode tornar inválidos, muito rapidamente, os estudos que tratam desses gêneros emergentes.

De fato, Marcuschi (2010) já pré-anunciava que o estudo dos gêneros emergentes da mídia virtual carece acompanhar a mesma velocidade de modificação e transformação dos gêneros que ai se enquadram. Em seu estudo, cujo texto original data do início dos anos 2000, os gêneros emergentes centravam-se enormemente na escrita. Hoje, os gêneros abrigados sob o rótulo de ‘emergentes’, como o *meme*, por exemplo, não têm mais uma supremacia da escrita em detrimento das outras semioses, mas uma verdadeira mescla das diversas formas de produção de sentidos, fato que encaramos como natural, já que os gêneros, compreendidos como formas de ação social, acompanham o desenvolvimento da sociedade. Assim, em uma sociedade cada vez mais multimodal e multicultural, torna-se necessário a instauração de gêneros que recubram essas práticas comunicativas.

Miller (2009) advoga em favor dos gêneros como formas de ação social sobre a linguagem, estando completamente interligados a vida e as exigências sociais que lhe são oriundas. Para ela, os gêneros espelham e materializam as experiências dos usuários, de forma que ganha relevo não a substância ou a forma do discurso, mas a ação social que ali toma forma, ou seja, o que interessa não é a forma do discurso, mas a compreensão, o entendimento de como esse discurso funciona e de como as pessoas o criam e o interpretam. Silva (2011, p. 25) diz que conceber o gênero como ação social significa compreendê-lo a partir do “modo como encontramos, interpretamos, criamos e reagimos a textos particulares”. Tal visão considera tanto o aspecto social quanto o histórico, que ao longo dos tempos pouco foram tratados por outras abordagens teóricas do gênero.

⁸ É pertinente ressaltar que Marcuschi (2010) já reconhecia que a mescla de linguagem escrita, imagem e som, ou seja, as múltiplas semioses, já se faziam presentes na constituição da grande maioria dos gêneros digitais, o que segundo ele gerava um grande sucesso desses gêneros. Ele, no entanto, focaliza no seu estudo os gêneros escritos como: *e-mail*, *blog*, *chat*, por se tratarem dos gêneros emergentes digitais que naquele momento estavam em alta.

Os estudos de Miller (2009) confirmam que a sociedade se utiliza da linguagem para dar respostas às demandas sociais, e, sendo assim, os gêneros tornam-se espelhos da vivência, da experiência demandada pelos usos sociais, além de materializarem essas experiências através dos textos e da fusão forma x substância. Tomado, na perspectiva sociorretórica, ganha relevo o aspecto situacional do gênero, ele será o mecanismo que atuará de forma decisiva para a interpretação e reconhecimento dos gêneros. Assim sendo, não são apenas os itens linguísticos os responsáveis pela construção de sentidos dos textos, mas também as características substantivas, estilísticas e situacionais.

Para Miller (2009), a construção de sentidos dos gêneros textuais está assentada em situações retóricas e estas por sua vez não são nem objetivas e nem materiais, mas construídas e interpretadas pelo enunciador no processo interacional. Vemos, portanto, que a concepção sociorretórica do gênero e o sociocognitivismo, linha mestra deste estudo, possuem características semelhantes ao trazer o sujeito e a interação para o centro do processo. Alves Filho (2011, p. 19) ratifica justamente a posição defendida por Miller (2009). Para ele, “a nova concepção de gênero entende que são os usuários cotidianos dos gêneros os sujeitos responsáveis pelo uso, mudança, manutenção e nomeação dos gêneros (isso não é exclusividade dos estudiosos da linguagem e/ou professores de redação e leitura)”.

Ainda na visão de Miller (2009, p. 44),

A perspectiva sobre gênero proposta aqui tem implicações não somente para a crítica e para a teoria, mas também para a educação retórica. Ela sugere que aquilo que aprendemos quando aprendemos um gênero não é apenas um padrão de formas ou mesmo um método para realizar nossos próprios fins. Mais importante, aprendemos quais fins podemos encontrar: aprendemos que podemos elogiar, apresentar desculpas, recomendar uma pessoa para outra, assumir um papel oficial, explicar o progresso na realização de metas. Aprendemos a entender melhor as situações em que nos encontramos e as situações potenciais para o fracasso e o sucesso ao agir juntamente. Como uma ação significativa recorrente, um gênero incorpora um aspecto de racionalidade cultural. Para o crítico, pode servir tanto como um índice aos padrões culturais como ferramentas para a exploração das realizações de falantes e escritores particulares; para o aluno, gêneros servem como chaves para a compreensão de como participar nas ações de uma comunidade.

Os gêneros são, nesse caso, um instrumento de compreensão e participação das ações sociais. Estão, assim, envoltos pelos conceitos, valores e tradições que orientam o modo de ser e as ações dos grupos sociais que os produzem (RAMOS, 2014, p. 25). Assim sendo, o gênero *meme* filia-se por completo aos princípios da sociorretórica, já que esta defende que os gêneros são sociais, mais que isso, são formas que usando a linguagem relacionam-na aos diferentes aspectos: sociais, culturais, históricos, situacionais (SOUSA, 2014).

No caso dos *memes*, não se trata apenas de uma construção criativa para entreter ou gerar humor, muito embora reconheçamos que o entretenimento e a geração de humor tenham uma função social. Elas servem também para, a partir da ótica do seu produtor, representar um ponto de vista sobre questões discutidas em momentos sócio históricos e culturais específicos de sua produção. Acreditamos que a noção de situação retórica oriunda de Miller (2009) e o propósito comunicativo sejam essenciais para o entendimento do *meme* como um gênero, ainda que emergente.

Para Miller (2009), a situação retórica corresponde a um constructo social que só passa a existir quando determinado grupo de pessoas passam a reconhecer gênero como tal. Uma característica destacada pela autora como essencial para a configuração de uma situação retórica é a recorrência. Para ela,

O que é particularmente importante sobre as situações retóricas para uma teoria de gêneros é que elas são recorrentes, como Bitzer originalmente notou, mas, para entender a recorrência, é necessário rejeitar as tendências materialistas na teoria situacional. Campbell e Jamieson observam que na retórica “a existência do recorrente fornece *insight* à condição humana” (1978b:27); na explicação materialista, o recorrente levaria antes a generalizações científicas. A recorrência é inferida pela nossa compreensão de situações como sendo, de alguma forma, “comparáveis”, “similares”, ou “análogas” a outras situações, mas, como Robert A. Stebbins (1967: 154) aponta, “situações objetivas são únicas” – elas não podem ocorrer de novo. (MILLER, 2009, p. 30)

O propósito comunicativo, por sua vez, é aquilo que os indivíduos buscam atingir quando usam determinados gêneros, dentro de uma situação retórica tipificada (CASTRO; ALEXANDRE, 2014). Em Askehave e Swales (2009) encontramos uma reflexão sobre a importância do propósito comunicativo para a definição do gênero, em que, para alguns autores, como Bhatia (1997), por exemplo, ele configura-se como o elemento central e decisivo para a configuração do gênero, o que termina por gerar uma polêmica, pois alguns defendem veementemente essa posição, outros apresentam uma visão mais amena, que, embora destaquem o papel importantíssimo do propósito comunicativo, não lhe dão toda a responsabilidade no momento de caracterizar o que é um gênero. Não entraremos no mérito dessa discussão, pois ela não faz parte dos nossos objetivos, basta saber que entendemos o propósito comunicativo como o resultado da inter-relação entre texto, sociedade, período histórico, cultura, estrutura do texto, o conteúdo, gêneros que o influenciaram ou ainda o influenciam, além dos papéis sociais que o indivíduo realiza quando utilizam esse gênero (CASTRO; ALEXANDRE, 2014).

Vejamos, na sequência, a análise de um *meme* a partir dos postulados da sociorretórica.

(6) Figura 3: Intenções de Voto – Eleições Presidenciais 2014



Fonte: Disponível em <https://www.facebook.com//posts/723667667756908>. Acesso em 06 set. 2014.

Em (6), como é característico do gênero *meme*, há a retomada do clipe da música *Wrecking Ball*, da cantora pop Miley Cyrus, e a colagem da foto do rosto da então candidata à reeleição Dilma Rousseff. Além dela, aparecem os candidatos Marina Silva e Aécio Neves, também concorrentes no pleito das eleições presidenciais do Brasil realizadas em 2014.

Como já anunciado pela teoria da sociorretórica, a situação retórica de um gênero é um constructo social que existe somente quando um grupo de pessoas o reconhece, nesse caso, o *meme* só passa a se configurar como um gênero retórico à medida que as pessoas tomam consciência dessa sua configuração, das colagens e montagens que são realizadas com o objetivo de atingir um efeito de sentido que, além de repassar um informação (a preferência nas intenções de voto das Eleições Presidenciais de 2014), ainda gera um efeito cômico ao mostrar a vantagem da candidata da situação em relação aos seus oponentes, sendo este um aspecto central do propósito comunicativo do gênero. No caso dos *memes* analisados por nós na sequência, Capítulo III, assim como no exemplar acima, o propósito comunicativo está relacionado a um efeito cômico-irônico de fatos ligados a política, com o objetivo de tratar de forma cômica e muitas vezes pejorativa assuntos desta esfera que a cada dia apresenta-se envolta numa série de escândalos, denúncias e fraudes.

Chamamos ainda a atenção para o fato de que, como é comum da maleabilidade e flexibilidade dos gêneros textuais, além de surgirem quase que instantaneamente, quase sempre mesclando a linguagem verbo-visual, é comum desse gênero recorrer a intertextualidade para que a construção de sentidos se torne mais efetiva.

Como já pontuamos, definimos a emergência do gênero *meme* pelo ângulo da perspectiva sociorretórica, pois esta utiliza a linguagem, ou melhor, as linguagens, de forma acentuadamente social e inteiramente relacionada aos seus aspectos situacionais, culturais e históricos. O exemplo (6), apresentados aqui, reflete bem essa questão ao mostrar a preferência de votos dos brasileiros no contexto social e político das eleições de 2014, dentre outros aspectos.

Além disso, ao se configurar como um gênero multimodal, principalmente de natureza verbo-imagético, acreditamos que o *meme* se constitua como um elemento importante para demonstrar a necessidade de encarar o texto que prescinde do verbal, sem falar dos aspectos ligados a construção de sentidos que são potencializados e passam a requerer respostas para dar conta da forma como os referentes se constroem e são reconstruídos nesse gênero multimodal.

Com essas considerações sobre o gênero *meme*, encerramos este primeiro capítulo. Tratamos aqui dos pressupostos do sociocognitivismo, bem como dos impactos que essa perspectiva causou nos estudos desenvolvidos pela Linguística Textual, especialmente aqueles que concebem o texto para além da materialidade textual, assumindo que a construção de sentidos dos textos se dá a partir de uma estreita relação entre os aspectos textuais, discursivos e cognitivos. Refletimos também sobre a multimodalidade, considerando que a LT, ao assumir a perspectiva sociocognitiva do texto, passa a recobrir um universo maior da diversidade textual existente, assim os textos multimodais, especialmente os verbo-visuais, vêm ganhando mais espaço nas pesquisas realizadas nessa área. Por último, caracterizamos o gênero *meme* a partir do movimento da sociorretórica, que considera os gêneros textuais como uma ação sobre a linguagem e, assim como a sociocognição, reitera a importância do processo interativo na linguagem.

No capítulo que segue, vamos tratar da perspectiva da Referenciação, em que toma lugar de forma mais específica o nosso objeto de estudo, a recategorização metafórica, cuja abordagem também se dará de forma efetiva no referido capítulo.

2 A REFERENCIAÇÃO E SUAS MÚLTIPLAS FACES

Focalizamos, neste capítulo, a apresentação dos pressupostos da abordagem da Referenciação, que é a linha mestra de sustentação de nosso estudo. Conforme o capítulo anterior, os avanços oriundos do Sociocognitivismo deram fôlego à exploração de diversos aspectos ligados a construção de sentidos do texto. A Referenciação se constitui como um desses aspectos. Na primeira parte do capítulo, apresentamos a contextualização da referida abordagem a partir das ideias de autores franco-suíços como Lorenza Mondada, Daniele Dubois, Dênis Apothéloz e Marie-José Reichler-Béguelin, além de tratar também dos atuais desdobramentos das pesquisas desenvolvidas sob o lastro da referida abordagem. Na segunda parte, tratamos do processo de recategorização, a partir de uma concepção cognitivo-discursiva desse fenômeno linguístico, eleito como nosso objeto de estudo, mais especificamente as recategorizações licenciadas por metáforas.

Na última parte do capítulo, tratamos da Teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff e Jonhson (1980 e colaboradores) e da Metáfora Multimodal de Forceville (2007, 2009), de modo a atingir a interface pretendida, neste trabalho, para a análise das recategorizações metafóricas na construção de sentidos de exemplares de *memes* verbo-imagéticos.

2.1 A guisa de introdução: contextualizando a abordagem da referenciação

Conforme apresentado no capítulo anterior deste trabalho, item 1.1, a perspectiva sociocognitiva deu novo fôlego para as pesquisas em LT, demandando também a necessidade de vencer desafios que lhe foram impostos ao adotar e trazer para o cerne dos seus estudos uma perspectiva que permite uma visão mais ampla das relações entre cognição e linguagem. Alargam-se os conceitos de texto e contexto e também emergem discussões acerca da construção da referência, particularmente a abordagem da Referenciação, na qual se encontra situado o nosso objeto de estudo.

No dizer de Koch e Cunha-Lima (2009), os estudos do texto alinhados à perspectiva sociocognitiva fazem do processo de construção da referência um dos seus mais importantes e profícuos temas. A partir desse “interesse pelo processo cognitivo do texto” (KOCH, 2009, p. xii), passa a vigorar na primeira metade dos anos 90 a abordagem da referenciação⁹, consoante

⁹ Convém destacar que a perspectiva da referenciação, como muito bem pontua Lima (2009, p. 23), “surge como uma segunda via para o tratamento da questão da referência”. Sabemos que essa questão não se trata de algo novo dentro dos estudos da linguagem. Na realidade, o estudo da referência é milenar e está presente em quase toda a

o pensamento dos pesquisadores franco-suíços Lorenza Mondada, Daniele Dubois, Dênis Apothéloz e Marie-José Reichler-Béguelin, que entre outros aspectos criticaram a visão tradicional da referência em que os conceitos são dados *a priori*, numa relação de correspondência direta das expressões linguísticas com os objetos do mundo real. Conforme Mondada e Dubois (2003, p. 19), a perspectiva da referenciação, termo cunhado por essas autoras, defende que,

[...] no lugar de pressupor uma estabilidade *à priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização.

Como se pode perceber, essa abordagem nega a assertiva milenar de que há uma representação direta entre a referência e as coisas mundanas, além de postular que a linguagem e os aspectos cognitivos, sociais, históricos e culturais estão intimamente relacionados e se configuram como essenciais na atividade linguística.

É a partir do trabalho seminal de Mondada e Dubois (2003) que se pode destacar uma agenda dos principais postulados da referenciação. Para Custódio Filho (2011, p. 111), as cinco ideias centrais desta nova perspectiva são:

- os objetos dados a referir são inerentemente instáveis, por isso a linguagem reelabora o real, e não apenas o expressa objetivamente;
- o caráter dinâmico da referenciação permite que um mesmo referente passe por modificações (recategorizações) ao longo da interação;
- a construção dos referentes no texto é negociada entre os participantes;
- a referenciação resulta de um trabalho sociocognitivo;
- a construção dos referentes passa por processos de estabilização.

Optamos por detalhar três aspectos que julgamos centrais nessa abordagem: (1) a instabilidade do real, (2) a negociação dos interlocutores e (3) a natureza sociocognitiva da referência. Sobre o primeiro aspecto, destaca-se que Mondada e Dubois (2003) rejeitam veementemente o ponto de vista extensional da referência em que o papel do sujeito limita-se a apenas nomear os objetos do mundo através de um conjunto de palavras disponíveis na língua, como se ela fosse apenas um conjunto de etiquetas prontas para nomear as coisas do mundo. Para os autores, tratar de modo eficaz da referenciação faz evocar duas posições: (i) as categorias no geral apresentam-se como instáveis, variáveis e flexíveis; e (ii) ao considerar esta

história dos estudos da linguagem, bem como de outras áreas como a Filosofia da Linguagem, a Semiótica, a Lógica e a Psicologia Cognitiva. Apenas para ilustrar, existem hoje estudos que apontam que até Saussure ao tratar dos nomes de lugares e nomes próprios no CLG (1916) teria refletido, ainda que timidamente, sobre o terceiro termo, a referência.

instabilidade deve-se encará-la como integrante dos objetos de discurso e que as categorias não se estabilizam mais a partir de uma ligação direta com o mundo, mas, sobretudo, por processos que envolvem os aspectos interacionais e sociais que se estabelecem com o mundo e com o outro. Decorrente desta nova forma de encarar as coisas do mundo está o salto do simples estudo da referência para a referenciação. Este último, assim designado, deixa transparente a dinamicidade que permeia o processo. No dizer de Mondada e Dubois (2003, p. 20),

Em resumo, passando da referência para a referenciação, vamos questionar os processos de discretização e de estabilização. Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito “encarnado”, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação entre os discursos e mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente manifestadas no discurso.

A perspectiva das autoras faz emergir a figura de um sujeito sociocognitivo que através da sua prática discursiva constrói e reconstrói o mundo, num contínuo movimento de (re)elaboração da realidade em que se fazem presentes aspectos sociais, históricos e culturais. Para ilustrar esse postulado de Mondada e Dubois (2003), vejamos os exemplos (7), (8) e (9)¹⁰, comentários *online* retirados de uma matéria veiculada pelo G1 do Piauí abordando a temática da condenação de menores por um estupro coletivo:

(7) Uma decisão cruel demais para esses jovens. Eles precisam de tratamento psicológico para não cometerem mais esse tipo de crime. O Defensor tem que entrar com o recurso para anular essa decisão, para que não percamos de vez eles para o mundo do crime !!! Lamentável... [sic]

(8) Sou contra a pena de morte para esses monstros, morreu, acabou. Eles têm é que ser linchados sem morrer, tem que ser castrado, sofrer todo tipo de crueldade que um ser desprezível possa sofrer, fazer com eles tudo o que eles fizeram com as meninas e muito mais, mostrar pra eles que o inferno é aqui. [sic]

(9) As meninas que devia ter o direito em condenar esses predadores. Elas vão ficar [sic] sendo lembradas pelo esse crime por o resto da vida delas nessa cidade pequena. Um vergonha, predadores deveria ser obrigado por resto da vida usar uma marca na testa, feita por ferro quente, e anda todos os dias com um cartas dizendo covarde! Também corta as mãos e a parte sexual deles. Isso é uma verdadeira condenação. O resto , só da motivo os familiares das meninas e a população invadir a cadeia e matá-lo na porrada! [sic]

Disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/07/menores-sao-condenados-pena-maxima-por-estupro-em-castelo-do-pi.html>. Acesso em 23/07/2017).

¹⁰ Esse crime aconteceu na cidade de Castelo, município do estado do Piauí, no dia 27 de maio de 2015, causando grande comoção pela brutalidade com que as quatro vítimas, menores, foram agredidas. Uma delas veio a óbito dias depois da ocorrência do fato. Os acusados pelo crime são quatro menores.

Note-se que os comentários trazem como foco os menores acusados pelo estupro coletivo, na cidade de Castelo do Piauí, no mês de maio de 2015. Na comparação entre os três textos, percebe-se que muito embora os referentes sejam os mesmos a maneira como são abordados nos textos é bastante diferente, principalmente se compararmos o exemplo (7) aos demais (8 e 9). No primeiro comentário, aparentemente, existe uma avaliação mais amena, afinal, o referente jovem é recategorizado como “jovens” que necessitam de um acompanhamento psicológico e não algo tão radical como a internação em um centro de recuperação provisório. Isso deixa transparecer que aqueles que são acusados, na realidade, são vítimas de uma desestruturação social e dessa maneira necessitam de ajuda. Há uma visão mais ligada à perspectiva dos Direitos Humanos.

Em (8) e (9), esse mesmo objeto do discurso se modifica, a depender do ponto de vista dos interlocutores, isto é, são recategorizados, passando de “jovens que estão em vulnerabilidade social” para “monstros”, “pessoas desprezíveis” que devem ser torturadas de todas as formas possíveis para pagar pelo seu crime bárbaro. Não se trata mais de jovens (como no exemplo (7)). São “predadores”, “criminosos” que deveriam possuir gravada no corpo a marca do seu crime.

Estes exemplos nos revelam que a realidade é construída e reconstruída de acordo com a visão dos interlocutores a partir de contextos e posicionamentos diferentes. Como destacam Mondada e Dubois (2003, p. 28),

As categorias não são nem evidentes e nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos. As ciências naturais são, assim, um lugar privilegiado onde se pode observar a dinâmica da categorização e da recategorização e suas evoluções linguísticas e cognitivas. Mas geralmente, a instabilidade caracteriza o modo normal e rotineiro de entender, descrever, compreender o mundo – e lançar, assim, a desconfiança sobre toda descrição única, universal e atemporal do mundo.

O posicionamento de Mondada e Dubois (2003) mais uma vez ratifica que a construção das categorias, longe de ser um processo pronto e acabado, resulta de interações situadas num dado contexto histórico, social e cultural. Não há uma verdade absoluta, fechada, mas um processo de instabilidade constitutivo e peculiar das categorias, estabilizadas nas práticas discursivas num processo constante de negociações.

O processo de referenciação, além de se constituir como uma atividade de (re)elaboração do mundo, conforme já anteriormente detalhado, é também um processo resultante de uma interação, ou seja, ao construir os sentidos de um texto (escrito, oral,

multimodal), os sujeitos estão imersos no processo atuando na negociação da produção de sentidos, sendo este o segundo aspecto que nos deteremos.

Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a construção dos referentes obedece aos ditames de uma atividade partilhada e intersubjetiva, o que significa que os locutores não tecem a realidade ao bel-prazer, mas, sobretudo, na negociação com os outros participantes da interação enquanto produtores de sentidos, “e não podia ser diferente, já que a ação de referir é inerentemente social” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 38).

Segundo Mondada e Dubois (2003), a atividade de discretização do mundo vai variar de acordo com as atividades cognitivas do sujeito, pois esta não se trata de uma propriedade eminentemente mundana, mas que emerge do processo de inter-relação dos sujeitos sociocognitivos com o mundo dentro de um processo de construção de sentidos marcado pela flexibilidade e instabilidade das categorias. Para elas,

[...] a discretização do mundo em categorias não é dada *a priori*, mas varia segundo as atividades cognitivas dos sujeitos que operam com elas. Em outros termos, ao nível elementar da segmentação do mundo em categorias, os objetos não são dados segundo as “propriedades intrínsecas do mundo”, mas construídos através dos processos cognitivos dos sujeitos aplicados ao mundo concebido como um fluxo contínuo de estímulos. O reconhecimento do objeto, mesmo dentro de sua compreensão “infralinguística” não pode ser considerado como a extração de propriedades de um mundo já discretizado, mas como a construção de categorias flexíveis e instáveis, através dos processos complexos de categorização produzindo as categorias potencialmente memorizadas e lexicalizadas (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 34-35).

Para entendermos melhor esse pressuposto de que o processo de referenciação ocorre da interação dos sujeitos com o mundo, observemos o exemplo (10)¹¹:

(10) Arnaldo: - Rita, eu não estou entendendo porque esse estresse todo, só porque eu não te avisei que minha mãe vem almoçar aqui hoje?!

Rita: - Mas, a visita da sua mãe tem que ser avisada com no mínimo de dois meses de antecedência, Arnaldo, para a gente preparar o espírito e fechar o corpo!

Arnaldo: - Oh, Rita! Hoje é dia das mães! Ela tem direito, poxa!

Rita: - Não, não, sua mãe não tem direito a nada! Devia estar presa, encarcerada, sem direito a visita.

Arnaldo: - Não, Rita, você exagera, exagera muito! A mamãe tem gênio, eu sei, mas ela é uma pessoa muito legal.

Rita: - Ah, é?!

Arnaldo: - É!

¹¹ Este trecho do diálogo dos personagens Arnaldo (Diogo Vilela) e Rita (Marisa Orth) foi retirado do episódio nº 31, intitulado “Mãe só tem Uma”, que foi ao ar no dia 10 de junho de 2008, na série *Toma lá dá cá* da TV Globo, exibida em três temporadas entre os anos de 2007 a 2009, de autoria de Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella.

Rita: - É muito legal?! É muito boa?! Uma pessoa que teve em um ano trinta e seis empregadas e teve que ir oito vezes ao Instituto Médico Legal fazer exame de corpo e delito! Você acha o que?! Que as empregadas espancaram ela a troco de que? Da bondade dela?
 Fonte: Transcrição nossa.

Conforme já reiterado, a atividade de referenciação é eminentemente interativa, marcada pela negociação dos interlocutores que trabalham colaborativamente na construção do discurso. Desse modo, a interação se dá ao fazer ajustes, modificações, mostrando quão dinâmica é a atividade de referenciação, que mobiliza a construção de referentes – objetos de discurso – que vão emergindo da tessitura dos textos. Em outras palavras, podemos dizer que os referentes podem ser recategorizados¹² a partir de acordos e ajustes que são características bases da atividade textual-discursiva. Daí decorre o caráter dinâmico da referenciação.

O exemplo (10) deixa isso evidente. Os ajustes, as modificações, os pontos de vista dos personagens Rita e Arnaldo sobre sua mãe mostram o quanto o processo de referenciação é dinâmico. No exemplo, ocorrem diversos casos de recategorização do mesmo referente, a mãe de Arnaldo – Dona Cidalva –, a partir de duas óticas diferentes: (1) a do filho Arnaldo e (2) a da nora Rita. Para o primeiro, a mãe é recategorizada como “geniosa”, de personalidade forte, mas, mesmo possuindo tais características, é uma “pessoa legal”. Para a nora, trata-se de uma mulher perigosa, que requer cuidado, sendo necessária uma preparação espiritual para que se possa receber sua visita. Além disso, é uma pessoa que deveria estar presa, fora do convívio social, e que é o “terror” das empregadas, ao ponto de ser agredida por elas.

É a interação entre os personagens, através de uma contínua atividade de elaboração e reelaboração dos referentes, através das recategorizações, que faz o texto progredir. A tão falada negociação é o fundamento base da referenciação “seja para confirmar caracterizações e propor reformulações, seja para (em alguns casos) mostrar mais de uma possibilidade (discordantes entre si) de elaboração de um referente” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 38).

É preciso compreender, tal como nos dizem Custódio Filho (2011) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), que muito embora se possa pensar que a construção negociada seja uma característica da interação face a face, que simula o real, tal princípio faz parte dos mais diversos tipos de situações, nos múltiplos gêneros textuais, tanto da comunicação síncrona como assíncrona. Os autores, através dos estudos já citados, nos confirmam que, mesmo em

¹² A recategorização é um fenômeno que tem atraído a atenção de muitos pesquisadores da Linguística Textual. Trata-se, grosso modo, das reformulações que um referente pode sofrer ao longo de uma atividade discursiva. Os pressupostos basilares desse fenômeno estão nos estudos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Não nos deteremos na sua apresentação neste momento, pois esse fenômeno constitui o foco deste estudo e será tratado em tópico específico mais adiante.

textos da modalidade escrita em que os sujeitos não interagem diretamente como na modalidade falada, há uma negociação, ou uma projeção das atitudes daqueles para quem os textos se destinam.

Custódio Filho (2011) nos faz lembrar que o princípio da construção colaborativa, associa-se muito bem a outro aspecto: “a instabilidade constitutiva da língua e das coisas” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 116). Desse modo, sendo a língua e as coisas eminentemente instáveis, a produção de sentidos é decorrente, em cada texto, do momento em que é produzido, afinal, “os referentes, portanto, estão sujeitos às “artimanhas” das negociações intersubjetivas” [aspas dos autores] (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 39).

A terceira premissa básica da referenciação é encarar texto e coerência sociocognitivamente. Trata-se de uma proposta que, na busca de um enlace entre os conhecimentos cognitivamente armazenados e as experiências oriundas do mundo histórico, social e cultural, procura compreender o processo de construção de sentidos dos textos.

Essa segunda via (LIMA, 2009) no processo de construção dos sentidos dos textos mostra que, para tanto, é necessário ir além da materialidade textual, ou seja, refletir sobre referenciação requer aceitar que o trabalho de elaboração da realidade passa, sobretudo, por um “tratamento mental” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 119). Observemos o exemplo (12):

(11) Qual o nome daquela doença satânica que faz vc sentir falta de uma pessoa que é seca e indiferente com vc? [sic]

(Disponível em <https://www.facebook.com/IrmaZuleideOficial/posts/723667667756908>. Acesso em 06/08/2015).

No *post* da página virtual da Irmã Zuleide, a “doença satânica” recategoriza o referente “estado melancólico”. Tal referente não é homologado textualmente por uma expressão referencial, mas pode ser reconstruído por meio das pistas linguísticas que sinalizam para o enquadre de um sentimento amoroso não correspondido. Considerar apenas a materialidade textual para a produção de sentidos do texto não permitirá que se vislumbre a homologação dessa recategorização. Ocorre que, como seres eminentemente interativos e que acionam os mais diversos tipos de conhecimentos advindos de nossas atividades linguísticas, cognitivas, sociais e culturais, reconstruímos essa recategorização a partir das pistas co(n)textuais que estão aí presentes de forma explícita e implícita.

Conforme Custódio Filho (2011), convém destacar que trazer para dentro da referenciação as atividades cognitivas não significa a defesa da primazia dos processos mentais para a produção e interpretação de textos. O cognitivo e o social não podem ser desvinculados, considerando que os conhecimentos cognitivos armazenados na mente de qualquer pessoa se

originam a partir das experiências sociais desses indivíduos. Conforme o autor, dada esta característica, ao curso de novas experiências e adaptações, a natureza do conhecimento vai mudando. Daí pode-se falar que a construção dos referentes é um fenômeno sociocognitivo permeado pelas experiências cognitivas e sociais dos interlocutores. De acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 41), “a bagagem cognitiva de um indivíduo é de natureza sociocultural, pois os conhecimentos são adquiridos a partir das informações e das experiências, ou seja, a partir da imersão do sujeito no mundo”.

Nesse sentido, Marcuschi (2007) já afirmava que a forma como nós dizemos as coisas do mundo é decorrente da nossa ação linguística sobre ele, da inserção sociocognitiva no mundo, além da ativação de componentes culturais e conhecimentos diversos que são oriundos dessa ação. De acordo com o autor, “a experiência não é um dado, *mas* uma construção cognitiva, assim como a *percepção* não se dá diretamente com os sentidos, mas é a organização das sensações primárias” [itálico do autor] (MARCUSCHI, 2007, p. 64). Esse mundo que emerge da nossa capacidade linguística é fruto de uma ação cognitiva e não um conjunto de realidades que são apreendidas, trata-se de um mundo de sensações em que a realidade empírica não possui um contorno apreensível imediato (MARCUSCHI, 2007).

Ratifica-se o pensamento até aqui defendido de que a referenciação é um processo eminentemente sociocognitivo. Sobre isso, Custódio Filho (2011, p. 120) assim se posiciona,

De um lado o aspecto social põe em relevo a necessidade de se analisarem os referentes linguísticos sob o foco dos vários fatores sociais que interferem na configuração textual e que se localizam além dos fatores estritamente linguísticos. Do outro lado, o aspecto cognitivo enfatiza que o processamento referencial é cognitivamente motivado, estratégico, no sentido de que os interlocutores selecionam formas de atuar sobre a produção e recepção dos textos, utilizando, para tanto, o conhecimento (em algum nível) proveniente de sua “bagagem” mental.

Dessa maneira, a partir do que foi exposto até aqui, podemos inferir que o processo de referenciação diz respeito à atividade “sociocognitiva-discursiva” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 41), de construção e reconstrução de referentes, que podem se dar por modos semióticos diversos¹³, que emergem da realidade e se estabelecem pelo processo de negociação e interação. Em outras palavras, o processo de referenciação é,

¹³ Por um longo período, as pesquisas sobre referenciação exploraram o universo dos gêneros exclusivamente verbais. Com a emergência dos gêneros multimodais, característicos de um mundo cada vez mais tecnológico em que é comum a integração de diversos modos semióticos na construção de sentidos, o foco das pesquisas tem mudado para uma abordagem também dos textos multimodais.

[...] o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhadas dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s) (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 121).

Dentro do processo de referenciação é importante destacar o conceito de referente ou objeto de discurso: trata-se de “uma entidade, uma representação construída a partir do texto e, percebida, na maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais” (CAVALCANTE, 2012, p. 98).

Consoante os estudos de Mondada (1995), Apothéloz (1995) e Koch e Marcuschi (1998), os referentes, de agora em diante tratados como objeto de discurso, são entidades representadas na mente, que passam por evoluções, num processo de coenunciação, à medida que o texto se desenvolve. Para Cavalcante (2011), os objetos de discurso são realidades abstratas, imateriais. Não se trata de significados prontos e acabados que servem para nomear as coisas do mundo, muito embora seja impossível falar de objetos de discurso sem, de algum modo, recorrer a traços de significação. Assim compreendidos, também não podemos dizer que são formas, mesmo que no mais geral dos casos se materializem por expressões referenciais.

Construímos objetos de discurso quando em nossa atividade discursiva “nos reportamos a pessoas, animais, objetos, sentimentos, ideias, emoções, qualquer coisa, enfim, que se torne essência, que se substantive quando falamos ou escrevemos” (CAVALCANTE, 2011, p. 15). A autora ainda nos lembra, conforme já pontuamos aqui, que é na atividade discursiva interativa, mediada pelo outro e na contínua relação entre a integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências de ordem sociocultural, que se constrói uma representação, ratificada por ela como instável. Para Cavalcante (2011, p. 16), “participar dessa dinamicidade de contínua remodelação de referentes é pôr a referência em ação, é tecer *referenciação* – condição fundamental para que, nas práticas comunicativas, os participantes (re)construam a coerência do texto”.

Em Ciulla e Silva (2008, p. 14), também já encontramos argumentos em favor da posição até aqui apresentada. Para ela, os objetos de mundo ao serem referidos passam pelo que a autora denomina de “filtro da percepção desse indivíduo”, que como característica peculiar de qualquer falante possui experiências e traz consigo “uma bagagem de conhecimento” que será moldada pelos aspectos culturais e ideológicos do grupo social que participa. Além disso, ela reitera o caráter interativo e dialógico da linguagem ao pontuar que o falante não está sozinho, mas que divide espaço com seu interlocutor, que, por sua vez, também contribui e faz interferências no processo referencial.

Essa visão já fora, inclusive, refletida por Koch (2002). Para a autora, o fenômeno da referenciação obedece aos seguintes princípios: (i) ativação, em que um referente até então desconhecido é introduzido no texto; (ii) reativação, quando um referente, que já fora introduzido, é novamente ativado permanecendo saliente; e, (3) de-ativação, quando da ativação de um novo referente, desloca-se a atenção para ele, desativando, dessa maneira, o referente que anteriormente estava em foco (KOCH, 2002).

Os processos referenciais, por sua vez, podem ser classificados, *grosso modo*, em três categorias distintas: introdução referencial, anáfora e dêixis. Antes de apresentarmos, mesmo que sumariamente, cada um desses processos, é pertinente ressaltar que eles são responsáveis por auxiliarem os interlocutores na construção da coerência dos textos (CAVALCANTE, 2011). E, como já pontuado por Koch (2002), as expressões referenciais não possuem apenas a função de referir; com um caráter completamente multifuncional, elas contribuem para a geração de sentidos, indicação de pontos de vistas, sinalização da orientação argumentativa e, ainda, para a recategorização dos objetos presentes na memória discursiva dos interlocutores.

Conforme Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a introdução referencial – a primeira categoria das expressões referenciais – ocorre quando um objeto é introduzido no texto, quanto “estreia no texto de alguma maneira” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 54). Essa estreia se dá quando se emprega uma expressão referencial ainda não mencionada no discurso¹⁴.

A anáfora, por sua vez, “diz respeito à continuidade referencial, ou seja, à retomada de um referente por meio de novas expressões referenciais” (CAVALCANTE, 2012, p. 123). As anáforas se dividem em três categorias: anáforas diretas ou correferenciais, anáforas indiretas e anáforas encapsuladoras.

Uma das características das anáforas diretas ou correferenciais é justamente o mecanismo responsável por manter o objeto de discurso em foco no texto, além de fazê-lo progredir. As anáforas indiretas, por sua vez, são assim designadas por não retomarem diretamente os objetos de discurso, tal como nas anáforas diretas. Essas anáforas indiretas, embora pareçam apenas introduzir um objeto novo no discurso, na verdade também “remetem

¹⁴ Esclarecemos que longe de ser um processo tão simples de apenas introduzir novos objetos do discurso, como a maioria do estudo deixa evidente, as introduções referenciais possuem curvas bastante sinuosas e que ainda carecem de um melhor aprofundamento, principalmente em gêneros multimodais. O estudo recente de Silva (2013) mostra uma nova configuração para as introduções referenciais. Em primeiro lugar por apontar para casos em que os referentes são introduzidos por imagens, e, em segundo, por apresentar outras funções para as introduções referenciais, defendendo que elas podem cumprir outras finalidades que não apenas a de apresentar um referente novo no texto, como construir processos intertextuais, apresentar um ponto de vista do enunciador, entre outros aspectos.

ou a outros referentes expressos no cotexto, ou a pistas cotextuais de qualquer espécie, com as quais se associam para permitir ao coenunciador inferir essa entidade” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 68).

Um outro tipo de anáfora são as anáforas encapsuladoras, cuja função primordial é resumir porções contextuais, “o conteúdo de parte do contexto somado a outros dados de conhecimento compartilhado” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 78). As anáforas encapsuladoras podem se dar através do resumo de uma sentença ou de porções maiores do texto.

O terceiro e último processo referencial é a dêixis. Segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a dêixis se define por criar um vínculo entre o cotexto e a situação enunciativa no momento de sua realização. Os tipos de dêixis são: dêixis pessoal, social, espacial, temporal, textual e de memória¹⁵.

Com essa apresentação bem suscita dos processos referenciais finalizamos este tópico que apresentou a perspectiva da referenciação. Optamos por apresentá-los mesmo que de forma breve, pois o fenômeno da recategorização metafórica, nosso objeto de estudo, perpassa por quase todos eles, como é o caso das introduções referenciais e das anáforas – direta e encapsuladora. Concluída esta etapa, passemos para a apresentação do fenômeno da recategorização que figura nos estudos de referenciação a partir do trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995).

2.2 O processo de recategorização: quando os objetos de discurso são reconstruídos na atividade discursiva

O ponta-pé inicial no estudo da recategorização foi dado por Denis Apothéloz e Marie-José Reichler-Béguelin. Em 1995, no artigo intitulado *Construction de la référence et stratégies de désignation*, os autores adotam a concepção de referência não-extensional ou *referenciação*, nas palavras de Mondada e Dubois (2003). Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) conceituam a recategorização lexical como o processo pelo qual os falantes designam referentes, dentro da atividade discursiva, e esses referentes passam por modificações, recategorizações, que mais se adequem aos seus propósitos enunciativos. Em miúdos, a recategorização é, pois, uma estratégia de designação em que os referentes (objetos de discurso) podem ser

¹⁵ Por economia, não nos deteremos da descrição pormenorizada do fenômeno da dêixis, assim como não aprofundamos os processos referenciais anteriores, pois não é nosso foco neste trabalho. Citamo-los aqui para ilustrar os processos que são investigados pela Referenciação.

reapresentados/remodulados a partir do momento da enunciação. Dessa maneira, um falante pode, na designação de um referente, deixar de lado a sua denominação-padrão e dependendo das suas necessidades comunicativas fazer adequações à expressão por um processo de recategorização lexical.

Para ilustrar como se dá este processo, observemos o exemplo utilizado por Apothéloz e Reichler-Reguelin (1995) que já se tornou clássico para ilustrar a visão dos autores sobre a recategorização:

(12) Um rapaz suspeito de ter desviado uma linha telefônica foi interrogado há alguns dias pela polícia de Paris. Ele havia ‘utilizado’ a linha de seus vizinhos para fazer ligações para os Estados Unidos em um montante de aproximadamente 50000 francos. O tagarela... (APOTHÉLOZ; REICHLER-BEGUELIN, 1995, p. 262)

Conforme a leitura de Lima (2009), o exemplo em relevo tanto representa a referência propriamente dita como é responsável por recategorizar o objeto de discurso “Um rapaz” como “o tagarela”. Ressalta-se que, como é peculiar das recategorizações, no caso do exemplo (12), se fornece uma informação nova sobre o referente, não se tratando apenas de uma remodulação alheia ao propósito comunicativo daquele que produz o texto, mas, ao contrário, a recategorização em voga é completamente investida de um julgamento sobre o ato cometido.

O trabalho desenvolvido pelos autores propõe uma sistematização do fenômeno da recategorização lexical a partir do tipo de manifestação das expressões anafóricas¹⁶. Segundo eles, a partir de um conceito redimensionado de anáfora, as expressões anafóricas não possuem apenas valor referencial. Assim sendo, as anáforas podem apontar tanto para um objeto de discurso, como também podem modificá-lo. Em outras palavras, essas expressões sofrem constantes recategorizações.

Na proposta de classificação, os autores franco-suíços esclarecem sobre a existência de três níveis de ocorrência das recategorizações lexicais, são eles:

- a) quando há uma transformação do objeto de discurso no momento da designação anafórica;
- b) quando a expressão anafórica não leva em conta os atributos do objeto predicado anteriormente;
- c) quando a expressão referencial anafórica homologa os atributos do objeto explicitamente predicados.

O primeiro nível refere-se a casos de recategorizações em que os referentes sofrem uma

¹⁶Os autores trabalham com um conceito de anáfora que se enquadra numa visão não-extensional da referência. Ver mais sobre esse conceito de anáfora redimensionado em Ciulla (2002).

transformação operada pelo anafórico sem que haja a retomada de nenhum atributo expresso anteriormente e "sem que se estabeleça nenhuma relação com as modificações que possam ter sido por eles sofridas" (LIMA, 2009, p. 31). É o que ocorre no exemplo (13) abaixo, apresentado pelos autores, em que o referente *ele* (motorista) é recategorizado como *este recidivista*, mas não há nenhuma informação fornecida anteriormente que nos comprove que a ação do motorista era reincidente.

(13) [Artigo relatando o julgamento de um motorista responsável por um acidente] Ele reconhece ter rodado bêbado (...). O tribunal de correção infligiu ontem uma pena de reclusão a **este recidivista**. (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 247).

Nesse exemplo, a expressão referencial *este recidivista* além de representar a referência propriamente dita, exercendo a função de anafórico, fornece uma informação nova, por meio da recategorização lexical do referente *motorista*. Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), as recategorizações operadas pelo anafórico podem ser: *explícitas*, *implícitas* ou *por modificação na extensão do objeto denotado*. Por economia, não nos deteremos no detalhamento da classificação dos autores, uma vez que não usaremos essa classificação na análise das ocorrências investigadas neste trabalho. Porém, é preciso dizer que o trabalho seminal de Apothéloz e Reichle-Béguelin (1995) é de suma importância para os desdobramentos dos estudos sobre esse processo, a exemplo de Lima (2003; 2009).

A esse respeito, tal como aponta Lima (2009), deve-se considerar a importância da proposta delineada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) para sistematizar o fenômeno da recategorização, porém, ressalta a autora que, mesmo sendo pioneira, a proposta dos autores não está isenta de críticas, pois, para ela, ainda há pontos essenciais a se considerar em sua construção e que necessitam de um maior aprofundamento: o primeiro reside na ausência de uma proposta clara e com uniformidade de critérios em sua configuração; o segundo é a excessiva economia na descrição da proposta, o que na visão de Lima (2009)¹⁷ dificulta uma melhor apreensão do conteúdo e sua aplicação. Para ela, uma lacuna se abre na proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) quando eles tratam do fenômeno apenas numa perspectiva textual-discursiva, o que acaba por focalizar apenas os aspectos textuais do processo, não se dando peso aos de ordem cognitiva que aí estão imbricados. Lima (2009, p. 40) acentua que,

¹⁷ Somos conhecedores de outros estudos que também se preocupam em apresentar alternativas as limitações da proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), como os estudos de Ciulla e Silva (2008) e Tavares (2003), no entanto, optamos por focar no trabalho de Lima (2009), por este trazer as bases para a proposta de estudo que aqui se delineará.

[...]esse processo é muito mais amplo que o quadro apresentado na proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), sendo que o próprio termo “recategorização lexical” já é, em certa medida, reducionista, ao apontar somente para a dimensão textual do fenômeno. Dessa forma, na concepção dos autores, seria impróprio pensar em ocorrências de recategorizações ancoradas em referentes construídos ou inferidos fora da materialidade textual. Partimos, porém, do pressuposto de que o processo de recategorização não necessariamente se homologa por uma relação explícita entre um item lexical e uma expressão recategorizadora na superfície textual, estando a sua (re)construção, em maior ou menos grau, sempre condicionada pela ativação de elementos inferidos no plano contextual (...).

Veja-se o exemplo (14) abaixo, retirado de Lima (2009), em que a autora objetiva explicitar os limites da proposta de Apothéloz e Richler-Béguelin (1995).

- (14) Um amigo conta pro outro:
 - Minha sogra caiu do céu!
 - Ela é maneira assim mesmo?
 - Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa. (PIADAS SELECIONADAS, 2003, p. 10 citado por LIMA, 2009, p. 40).

No exemplo (14) analisado por Lima (2009), há a recategorização do objeto de discurso “sogra” por “bruxa”, no entanto, esse tipo de recategorização não se homologa no cotexto. Trata-se de uma remodulação reconstruída no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, a partir do conhecimento socialmente partilhado de que bruxas voam em vassouras. Sendo assim, defende Lima (2009) a necessidade de um redimensionamento do fenômeno em termos de sua primeira concepção centrada apenas no nível textual-discursivo, para uma concepção mais abrangente, a cognitivo-discursiva, haja vista que, conforme defende a autora, há casos de recategorização que são (re)construídas num plano que extrapola a materialidade linguística.

No caso deste estudo, descrever o processo de recategorização metafórica no gênero multimodal *meme* só se torna possível mediante a concepção defendida por Lima (2009), pois as recategorizações constituintes desse gênero, em grande parte, só têm a sua (re)construção homologada por intermédio de uma concepção mais ampla que abarque de forma efetiva os aspectos cognitivos, como propõe Lima (2009). Assim, julgamos necessário adotar a proposta da referida autora por compreender que enquanto no processo de recategorização lexical a recategorização é vista apenas como uma garantia/remodulação de um referente anteriormente citado, de modo que ele permaneça na memória discursiva do falante, a recategorização metafórica não se esgota apenas na extensão da estrutura textual, mas requer, sobretudo, o reconhecimento da metáfora como um fenômeno semântico-cognitivo de significação indeterminada, visto que, a conceitualização metafórica dependerá sobremaneira dos *insights*

cognitivos atribuídos ao referente (MOURA, 2002). Esses *insights* cognitivos estão radicados nos domínios da cognição humana e são oriundos de nossas experiências com o mundo, nossa organização social e as práticas culturais a que estamos participando, conforme apresentaremos adiante. Para compreender melhor nossa proposta, vejamos o exemplo (15) na sequência:

(15) Figura 4: Reunião das Sogras



Fonte: Disponível em: www.facebook.com/radiobhfm/photos/a.408434585839743.111007.403926356290566/834621606554370/?type=1&theater. Acesso no dia 12 de jul. 2015.

No exemplo (15), há a recategorização do objeto de discurso “sogra” como “bruxa” semelhante ao exemplo (14) analisado por Lima (2009). Da mesma maneira, necessitamos adentrar no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo para que a recategorização seja reconstruída. Ao ativarmos o conhecimento socialmente partilhado de que bruxas voam em vassouras e que, no geral, as sogras são vistas como pessoas indesejáveis e que fazem o possível para atrapalhar o relacionamento de seus filhos, plantando intrigas e desavenças, tal como as bruxas, é possível construir sentidos para esse exemplar do *meme*. No entanto, aqui ganham especial relevo os aspectos multimodais (verbais e imagéticos) que se integram aos aspectos cognitivos e colaboram de forma decisiva na construção de sentidos do texto. Com isso, defendemos que o tripé texto-cognição-multimodalidade será responsável por promover uma

descrição sistemática da mescla entre as linguagens verbal e visual de modo a focalizar muito mais os efeitos de sentidos decorrentes das recategorizações, conforme demonstraremos no capítulo da análise.

Para tanto, adotamos a concepção redimensionada de recategorização proposta por Lima (2009, p. 57), que assim caracteriza esse processo:

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processo inferenciais.

Desse modo, partindo desse redimensionamento da concepção de recategorização, a autora recorre a Linguística Cognitiva para melhor explicitar o fenômeno da recategorização, favorecendo, assim, um espaço de diálogo entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva, já que tal enlace é importante e necessário para uma melhor compreensão desse mecanismo linguístico. Aqui nos restringiremos aos casos de recategorizações licenciados por metáforas, uma vez que Lima (2009) trata também das recategorizações metonímicas. As recategorizações metafóricas já foram abordadas no trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) aparecendo alocadas na argumentação que, na classificação dos autores, é um subtipo das recategorizações lexicais explícitas.

No entanto, no dizer de Lima (2009, p. 58), a abordagem do fenômeno por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) torna-se restritiva ao conceber apenas o “papel argumentativo da metáfora”. Desse modo, a autora, tanto no seu primeiro trabalho (LIMA, 2003) como na sua proposta mais atual (LIMA, 2009), advoga que quando se analisa o fenômeno não apenas em termos de suas funções e propósitos comunicativos, mas, sobretudo, tomando como “eixo os aspectos cognitivos que lhe são constitutivos, há mais a se dizer sobre as recategorizações metafóricas” (LIMA, 2009, p. 58). Desse modo, considerando a importância dos aspectos cognitivos, para uma maior explicitação do fenômeno da recategorização metafórica, assumimos, também, baseados na proposta de Lima (2009), um enlace entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva, de modo a reconhecer o processamento cognitivo que está imbricado na construção das recategorizações metafóricas.

De igual modo, ao propor uma inter-relação com as duas áreas, não queremos excluir todos os avanços já configurados no interior da LT, mas, ao relacioná-la a Linguística Cognitiva, objetiva-se estabelecer um diálogo produtivo entre as áreas que permita alargar o

fenômeno da recategorização que não se atrela apenas a materialidade do texto, agora também aplicado aos textos não verbais.

Em um recente trabalho, Lima e Cavalcante (2015)¹⁸ promovem uma discussão sobre os parâmetros atuais de tratamento da recategorização, com o intuito de visualizar os desdobramentos e a produtividade desse fenômeno quando da análise da construção de sentidos dos textos, direcionando um olhar especial para os textos multimodais, encarados, hoje, como um desafio imposto a LT.

Antes de adentrarem especificamente sob a construção de sentidos em textos multimodais, as autoras fazem uma revisão dos dois momentos do estudo da recategorização: (i) o primeiro, que enfoca os trabalhos associados a uma perspectiva textual-discursiva do fenômeno em que se estuda a função das recategorizações na cadeia textual, e, (ii) o segundo, a perspectiva cognitivo-discursiva, cujo foco é explicar a construção e o processamento das ocorrências de recategorização. O primeiro momento tem como precursores Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), conforme já apresentamos anteriormente. E, o segundo, em que se avançou para o tratamento da recategorização considerando todos os aspectos da configuração textual, não estando mais a recategorização atrelada somente às expressões explícitas na superfície textual, o que requer “uma imersão nos aspectos cognitivos que lhe são inerentes [...] para que se alcance a totalidade de sua descrição” (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 299).

Essa segunda perspectiva começou a ser delineada por Marcuschi e Koch (2002) para quem a recategorização não envolve necessariamente correferencialidade, sendo tratada com mais profundidade por Lima (2003), no início de suas investigações sobre o fenômeno da recategorização e aprofundada também pela mesma autora (LIMA, 2009), estudos que inclusive dão sustentação a esta proposta que estamos delineando.

Na abordagem de Lima e Cavalcante (2015) a respeito dos estudos desenvolvidos sob o prisma da concepção cognitivo-discursiva da recategorização, chamam a atenção, as autoras, para a proposição de Custódio Filho (2011) que diz existir um tipo de recategorização, por ele rotulada de “recategorização sem menção referencial”. Segundo as autoras, mesmo reconhecendo a importância do estudo de Custódio Filho (2011), esse tipo de recategorização defendida em seu trabalho já é recoberto pelo redimensionamento proposto por Lima (2009),

¹⁸ O estudo das autoras tece, inicialmente, uma reflexão sobre a trajetória dos estudos que se tem estabelecido com o propósito de descrever e analisar o fenômeno da recategorização. Objetivando uma explicação bastante didática, optam, as estudiosas, por apresentar o fenômeno da recategorização sob o enfoque de dois períodos distintos: (i) o das abordagens textual-discursivas e (ii) o das abordagens cognitivo-discursivas, que, para elas, não são momentos antagônicos e nem excludentes, mas, antes de tudo, complementares, com a possibilidade de um entrecruzamento. Não nos deteremos nos pormenores dessa discussão, pois, o nosso foco aqui é apresentar o avanço que elas promovem ao lançarem novos olhares ao processo de recategorização em textos multimodais.

em que os casos citados pelo autor como recategorização sem menção referencial podem ser alocados como ocorrências em que o processo de recategorização não é homologado por uma expressão referencial, mas inferido a partir da ancoragem nas estruturas e no funcionamento cognitivo, sendo mais apropriado dizer da ocorrência de recategorização “sem menção de uma expressão referencial”.

Para Lima e Cavalcante (2015), ao adotar esse rótulo de recategorização “sem menção de uma expressão referencial”, essa designação daria sustentação a casos de recategorização que possuem uma complexidade maior, como:

1) quando o referente recategorizado não é homologado na superfície textual, mas a sua recategorização é confirmada por uma expressão referencial; 2) quando o referente é homologado na superfície textual por uma expressão referencial, mas a sua recategorização somente é construída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, porém evocada por outras pistas linguísticas; 3) quando nem referente nem a sua recategorização são homologados por expressão referencial na superfície do texto, mas ambos elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos evocados pelas pistas textuais (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 308).

Na sequência, as autoras apresentam a sua contribuição sobre o processo de recategorização em textos multimodais, antes, porém, evocam dois trabalhos, que, cada um a seu modo, tratam da recategorização em gêneros multimodais e trazem algumas considerações sobre o fenômeno. Assim, em Capistrano Júnior (2011) e Lima (2013), investiga-se a ocorrência desse fenômeno na construção de sentidos de textos verbo-visuais, os gêneros tirinha e charge, respectivamente. Entre eles, é comum, o pressuposto de Ramos (2007), que admite a homologação de objetos de discurso por meio de signos linguísticos ou signos icônicos, e que, como uma consequência da sua natureza dinâmica, podem também ser recategorizados pela semiose imagética¹⁹. De modo a dar a sua contribuição, Lima e Cavalcante (2015) elaboram a seguinte explicação sobre o texto abaixo:

¹⁹ Para maiores detalhes sobre esses exemplos, remetemos ao texto de Lima e Cavalcante (2015).

(16) Figura 05 – As definições do Congresso Brasileiro



Fonte: Disponível em: www.facebook.com/ConselhosDaMaePretaa?fref=ts, acesso em 13/03/2015 – Citado por LIMA; CAVALCANTE, 2015.

Para as autoras, as recategorizações presentes no texto e que são responsáveis por engatilharem o efeito cômico-irônico se apresentam como um caso interessante por que se constroem das definições do referente “Congresso Brasileiro”, introduzido tanto pela semiose verbal como pela imagética. O referente em questão é recategorizado de forma pejorativa e grotesca, a partir de cinco definições: (i) a de Congresso Brasileiro como um zoológico; (ii) a de Congresso Brasileiro como um presídio; (iii) a de Congresso Brasileiro como um circo; (iv) a de Congresso Brasileiro como zona (puteiro); e, (v) a de Congresso Brasileiro como um vaso sanitário.

Para as autoras, além das recategorizações homologadas, a partir das definições presentes no texto, a construção de sentidos do *meme* requer, ainda, a (re)construção de mais cinco ocorrências do processo de recategorização, estas mais complexas que as anteriores, pois estão ancoradas nos *frames* que se evocam quando das definições do referente “Congresso Brasileiro”. Assim sendo, através da metonímia de PARTE PELO TODO, em que políticos são tomados pelo congresso, temos as recategorizações (i) de políticos brasileiros como animais irracionais; (ii) de políticos brasileiros como ladrões; (iii) de políticos brasileiros como palhaços; (iv) de políticos brasileiros como prostitutas; e, (v) de políticos brasileiros como

excrementos.

Segundo Lima e Cavalcante (2015), esse último grupo de recategorizações, em que a construção do referente “políticos brasileiros” e as suas recategorizações não são homologadas na superfície textual, mas podem ser inferidas a partir das pistas presentes no texto, já destacadas anteriormente, pode ser abrigado sob o rótulo de “recategorização sem menção de expressão referencial”²⁰, “quando nem o referente nem a sua recategorização são homologados na superfície textual, mas ambos os elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos evocados pelas pistas textuais” (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 312).

Como se pode perceber, a posição de Lima e Cavalcante (2015) e os exemplos citados por elas mostram toda a complexidade que envolve o processo de recategorização nos gêneros multimodais, empreitada que também intencionamos realizar. É claro que todos esses estudos e mais especificamente Lima (2009) e Lima e Cavalcante (2015) nos ajudarão significativamente a realizar essa missão. O primeiro, que inclusive já foi tratado em nosso estudo, por advogar em favor de um processo de recategorização mais amplo, assentado nas estruturas e funcionamento cognitivo, e, este último, por sistematizar uma classificação aplicável aos textos multimodais.

A partir disso se vislumbrará, tal como já defendido em Lima (2003; 2009) e Lima e Cavalcante (2015), um tipo de recategorização que não se atrela a remissão ou retomada de itens lexicais, licenciado por metáforas conceituais multimodais, nosso foco de investigação. Desse modo, dada a importância da Teoria da Metáfora Conceitual para a nossa proposta, trataremos desse grande tema da Linguística Cognitiva no tópico seguinte, a fim de prover a base para uma descrição mais sistemática das recategorizações metafóricas no *corpus* constituído para este estudo.

2.3 Da Teoria da Metáfora Conceitual à Metáfora Multimodal

Antes de tudo, é necessário dizer que as reflexões sobre a metáfora são tão antigas como as reflexões que se detêm a estudar a questão da constituição da referência na linguagem. Já em Aristóteles, filósofo grego, identificamos as primeiras reflexões sobre o fenômeno da metáfora. Para ele, a metáfora reside num fenômeno em que se usa “o nome de uma coisa para designar outra” (BERBER SARDINHA, 2007, p. 20). A seu ver, a metáfora configura-se como um mecanismo que evoca uma comparação direta, uma questão de palavras, uma transferência de

²⁰ Sobre isso, ver detalhadamente o item 2 do trabalho de Lima e Cavalcante (2015), especialmente quando das considerações das autoras sobre o caso ilustrado por Custódio Filho (2011) das “recategorizações sem menção referencial”.

sentidos de uma coisa para outra. É na realidade, um recurso figurativo, embelezador da linguagem, atrelado a boa retórica e que povoava a linguagem extraordinária, peculiar da linguagem poética. A opinião de Vereza (2012, p. 26-27) pode ilustrar bem a forma como a tradição retórica oriunda de Aristóteles concebe a metáfora,

[Essa retórica]... trata a metáfora como um tropo a mais, coabitando, com várias outras figuras, um universo formado por listas classificatórias, ou seja, imaginando uma loja de roupas, por exemplo, a metáfora estaria em uma prateleira específica, localizada em uma estante, também específica, contendo todos os acessórios possíveis, com etiquetas próprias, usados para embelezar ou realçar o que seria básico no vestuário.

Cristaliza-se, assim, ainda conforme Vereza (2012), uma versão reduzida da metáfora encarada, apenas, como um ornamento da linguagem, em que a metáfora é “a rainha das figuras de linguagem” que reina no palácio dos tropos revestindo-se “de luxo, ofuscando os olhos ao seu redor e mascarando, assim, o que de verdadeiro estaria por trás de tanta ostentação, brilho e superficialidade” (VEREZA, 2012, p. 34).

Apesar dessa supremacia dos estudos clássicos da metáfora, a partir de meados da década de 1970, diversos estudos²¹ começam a reivindicar para a metáfora uma nova configuração, em que seus aspectos cognitivos já passam a ser evidenciados.

De modo efetivo, essa proposta é sistematizada por Lakoff e Johnson com o lançamento da obra *Metaphors we live by*²², em 1980, *Metáforas da Vida Cotidiana*, na versão brasileira, publicada em 2002, responsável por contribuir significativamente para desmistificar a visão milenar da metáfora apenas como uma figura de linguagem e que até hoje tem grande repercussão para os estudos contemporâneos da metáfora. Para Vereza (2012, p. 46), a ressurreição da metáfora implica encará-la não apenas como um fenômeno linguístico, mas, sobretudo, a partir de sua natureza cognitiva,

A metáfora que hoje se encontra sob os holofotes intelectuais, na verdade, não é a mesma metáfora que habitava as listas classificatórias dos tropos da retórica restrita. A sua ascensão foi impulsionada por reconceituações e redefinições que, na maioria das vezes, implicavam sua promoção ou valorização, como fenômeno de natureza não só linguística, mas também cognitiva e, mais recentemente, discursiva.

²¹ Entre esses estudos, podemos destacar Fonzi e Sancipriano (1975), Goodman (1968), Richards (1950), citados por Marcuschi (2007 [1975]), que já evidenciavam que a metáfora não era apenas uma questão de troca de um termo por outro, mas que existiam processos complexos envolvidos nela. O próprio estudo de Marcuschi (2007 [1975]) já não se limitava a tratar da metáfora pelo viés literário, mas, sobretudo, como integrante da vida cotidiana, antecipando, em partes, muitas das discussões que serão tratadas pela obra pioneira de Lakoff e Johnson (1980).

²² A versão utilizada neste trabalho é a versão traduzida em 2002, pelo grupo da PUC/SP sob a coordenação da Professora Mara Sophia Zanotto.

Assim sendo, Lakoff e Johnson (1980 [2002]) demarcam uma nova conceituação da metáfora ao lançarem as linhas gerais da Teoria da Metáfora Conceitual (doravante TMC). A assertiva fundamental dessa nova proposta é a de que o sistema conceitual humano é metaforicamente estruturado, ou seja, a metáfora é concebida como integrante da nossa vida cotidiana e não apenas como uma simples figura de linguagem própria da feitura poética. Na proposição dos referidos pesquisadores, a metáfora é primeiramente um fenômeno cognitivo, somente depois, dada a nossa necessidade de manifestação linguística, ela passa a ser uma questão ligada a palavras. Nesse sentido, os autores afirmam que:

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], p. 3).

Costa Lima (2003), com base nos estudos de Lakoff e Johnson (1980 e colaboradores), afirma que a linguagem cotidiana perpassada por metáforas faz emergir uma nova visão do que é a mente e como se dá o processamento da linguagem. Na visão da autora, “a metáfora passou a ser considerada como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana, e não mais como um mero ornamento do discurso” (COSTA LIMA, 2003, p. 156).

Segundo Lakoff e Johnson (1980 [2002]), pelo fato de as metáforas comporem nosso sistema conceptual, o ser humano representa através de expressões metafóricas inúmeros conceitos de forma automática, a partir da interação diária e de forma inconsciente, o que nos faz ter a falsa impressão de que podemos conviver sem usar expressões metafóricas para externar o que sentimos.

Para esta teoria, os autores adotam uma visão experiencialista da cognição, defendendo que os conceitos emergem a partir da interação do homem com o meio em que habita e não a partir das propriedades da própria coisa. Nessa perspectiva, a metáfora linguística só se torna possível por estar infiltrada no sistema conceitual e ser gerada com base nas experiências corpóreas em íntima relação com o ambiente físico e cultural, sintonizada com a compreensão e o entendimento do próprio agir e pensar do homem (COSTA LIMA, 2003).

De forma mais específica, Costa Lima, Feltes e Macêdo (2008, p. 128) explicam que a metáfora conceitual é um fenômeno cognitivo “experencialmente orientado”, responsável pela estruturação de domínios conceituais os mais diversos.

Uma metáfora conceptual é, portanto, uma construção cognitiva, baseada nas experiências socioculturais vividas; são modo de construção de conhecimento na forma de um mapeamento entre domínios de conhecimento, em geral orientado por relações analógicas motivadas por propósitos e interesses, por determinadas situações e suas demandas (COSTA LIMA; FELTES; MACÊDO, 2008, p. 129-130).

Sumariamente, Lakoff e Johnson (1980 [2002], p. 5) afirmam que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Assim, a metáfora consiste num mapeamento sistemático entre dois domínios conceituais: o domínio-fonte e o domínio-alvo. O primeiro (mais físico) é a fonte das inferências, o segundo (mais abstrato) é onde as inferências se aplicam.

A título de ilustração, temos a metáfora conceitual O AMOR É UMA VIAGEM, que licencia expressões metafóricas, a exemplo de: *Estamos numa encruzilhada* e *Esta relação está afundando* (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], p. 44-45). Tal conceptualização somente torna-se possível porque o conhecimento que temos armazenado em nosso aparato cognitivo sobre o domínio VIAGEM (evento mais físico) serve para entendermos o outro domínio conceitual AMOR (mais abstrato), visto que quando se ama é comum utilizar-se das experiências “cotidianas com viagens para conceptualizar o amor em termos de trajetória, partida, despedida e chegada” (FERREIRA, 2008, p. 266).

Especificamente no caso da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, Lakoff (1993) explica que é possível estabelecer correspondências entre os domínios AMOR e VIAGEM, como: OS AMANTES CORRESPONDEM AOS VIAJANTES, O RELACIONAMENTO AMOROSO CORRESPONDE A UM VEÍCULO e AS DIFICULDADES NO RELACIONAMENTO CORRESPONDEM AOS IMPEDIMENTOS NA VIAGEM.

Feita essa breve apresentação da TMC, esclarecemos, por oportuno, que esse modelo tem passado por refinamentos promovidos por Lakoff e colaboradores, nos quais não nos deteremos neste estudo. Nossa atenção se volta unicamente para a contribuição de Forceville (1996; 2007; 2009), que considera que a abordagem da metáfora conceitual não deve ficar restrita à linguagem verbal.

Forceville (2007) busca, na TMC, as bases para o desenvolvimento de sua proposta de estudo: a metáfora multimodal. Nesse contexto, o referido autor inicia a sua reflexão apontando para a evidência de que há uma limitação em boa parte das pesquisas feitas sob o lastro da TMC, no que concerne à exclusividade da linguagem verbal²³ e a pouca atenção dada às possíveis manifestações não-verbais da metáfora conceitual. De fato, a totalidade dos exemplos elencados na obra precursora de Lakoff e Johnson (1980) é apresentada na modalidade verbal. Notadamente, não se pode deixar de lado o contexto da época em que, embora já existisse uma considerável produção de textos multimodais, a questão ainda não tinha ganhado tanto relevo no cenário das pesquisas acadêmicas.

Para Forceville (2008), portanto, a quase que exclusividade do estudo do fenômeno da metáfora apenas no campo verbal pode induzir a duas questões bastante perigosas: a primeira reside no fato de se constituir um círculo vicioso que gera um raciocínio circular que se inicia com a análise da linguagem que deduz algo sobre o corpo e a mente, que motivarão aspectos diferentes da estrutura linguística e no comportamento, e, a segunda, que, a nosso ver é mais perigosa que a primeira, que motiva a não consideração de metáforas não-verbais e multimodais. Ao considerar que a TMC falhou ao ignorar as metáforas não-verbais, já que o estudo desse tipo de metáfora seria importante para o refinamento desta teoria, o autor desenvolve a sua proposta da Metáfora Multimodal.

De acordo com Forceville (2007), essa realidade começa a mudar gradativamente com o surgimento de pesquisas que tratam da metáfora visual. Em sua teorização, o autor defende que as metáforas não-verbais são, em sua maioria, metáforas multimodais, uma vez que quase sempre envolvem dois modos semióticos. Assim sendo, ele define a metáfora multimodal como “uma metáfora cujo alvo e fonte não são, exclusivamente ou não, constituídos pelo mesmo modo” (FORCEVILLE, 2009, p. 16). Ainda, segundo o autor, tal definição pode ser melhor explicada nesses termos:

Como é válido para qualquer tipo de metáfora, a compreensão de uma metáfora multimodal começa com a consciência de que dois fenômenos podem ou devem ser entendidos como sendo uma relação de identidade. Deve haver uma razão para não simplesmente detectar dois diferentes fenômenos A e B ambos como "presentes" numa representação, mas processar A como B, em um ou mais aspectos (Freriks 2004). [...] a intenção de produzir uma metáfora geralmente resulta na oferta de pistas

²³ De acordo com Sperandio, mesmo que Lakoff e Johnson (1980) evitem a utilização das palavras verbal e linguística, fazem crer que existem metáforas detectáveis apenas no plano verbal.

importantes para esse efeito pelo produtor da metáfora²⁴ (FORCEVILLE, 2007, p. 17).

De modo que o conceito de metáfora multimodal de Forceville (2007) fique mais claro, observemos o exemplo (17), retirado de Lima e Silva (2015),

(17) Figura 06 – A Justiça Brasileira



Fonte: Citado por LIMA; SILVA, 2014, p. 133. Disponível em <http://in-justicabrasileira.blogspot.com.br/2011/07/charge-justica-mas-essa-e-das-caras.html>. Acesso em 29 nov 2014.

De acordo com os referidos autores, temos no exemplo (17) as imagens do símbolo da Justiça, do Congresso Nacional e de um homem de meia-idade, aparentemente rico, mas sem muita instrução, inferência essa última autorizada pela presença da expressão verbal por ele utilizada: “Moça, quanto é o ‘pograma’? Da relação entre os modos verbal e imagético, identificamos a metáfora multimodal A JUSTIÇA BRASILEIRA É UMA PROSTITUTA. Nesse caso, o domínio-fonte, PROSTITUTA, constitui-se a partir da expressão verbal já destacada e o domínio-alvo, JUSTIÇA BRASILEIRA, a partir da imagem do símbolo da justiça, devidamente caricaturado como uma prostituta de luxo, e da imagem do Congresso

²⁴ As holds for any type of metaphor, the understanding of a multimodal metaphor begins with the awareness that two phenomena can or must be understood as being in an identity-relation. There must be a reason not simply to spot two different phenomena A and B as both “present” in a representation, but to process A as B, in one or more respects (Freriks 2004). As indicated above, an intention to produce a metaphor usually results in the provision of salient cues to that effect by the metaphor’s producer.

Nacional. A metáfora multimodal em questão emerge do contexto cultural presente na realidade política e judiciária do Brasil, em que é comum o favorecimento dos segmentos sociais mais abastados, através da compra de sentenças e subornos aos servidores do poder judiciário do Brasil, divulgados a todo momento no país. O teor cômico-irônico dessa charge, assim como nas demais analisadas, fica bastante evidenciado a partir da identificação e descrição das metáforas multimodais.

Em Forceville (2009, p. 22), que é um dos trabalhos mais recentes do autor, ele trabalha com os conceitos de modo, monomodalidade e multimodalidade no processamento metafórico. Nesse trabalho, encontramos a definição de modo como “um sistema de signo interpretável por causa de um processo específico de percepção”. Para o autor, esses modos estão necessariamente relacionados aos cinco sentidos, de forma que é possível esboçar a seguinte configuração: i) modo pictorial ou visual; ii) modo sonoro; iii) modo olfativo; iii) modo gustativo e iv) modo tátil. Assim sendo, o referido teórico, admitindo a complexidade de compilar uma lista exaustiva de modos, postula a existência de diferentes modos incluindo os que seguem: 1) signo pictórico; 2) signo escrito; 3) signo falado; 4) gestos; 5) sons; 6) música; 7) cheiro; 8) gosto e 9) toque.

A partir do entendimento da concepção de modo em Forceville (2009), é pertinente dizer também o que para o autor é a metáfora monomodal. De forma simplificada, ele define que esse tipo de metáfora é caracterizado por possuir o domínio-fonte e o domínio-alvo constituídos exclusivamente ou predominantemente por apenas um modo semiótico, como é possível constatar no fragmento do poema seguinte

(18) [...]
 Meu Deus, meu Deus
 Faz pena o nortista
 Tão forte, tão bravo
 Viver como escravo
 No norte e no Sul
 Ai, ai, ai, ai

Fonte: (PORTELLA, Cláudio. *Patativa do Assaré*: seleção. Global Editora, 2006, p. 223-229)

No exemplo (18), identificamos a ocorrência da metáfora conceitual A VIDA É UMA ESCRAVIDÃO, cujos domínios fonte (ES CRAVIDÃO) e alvo (VIDA) são constituídos por apenas um modo semiótico, ou seja, o modo verbal, mais especificamente o signo escrito. Forceville (2009) destaca que ocorrências como a do exemplo anterior, em que fonte e alvo são

constituídos por apenas um modo, o verbal, representam o modelo mais prototípico da metáfora monomodal. Também no exemplo (19), temos mais um caso de metáfora monomodal:

(19) Figura 07 – Dilma mãos de tesoura



Fonte: Disponível em <https://www.facebook.com/posts/72366700000667756908>. Acesso em 12 jan. 2014.

De acordo com Forceville (2009), o exemplo (19) ilustra um tipo de metáfora visual que muito tem chamado à atenção dos pesquisadores nos últimos tempos. Ela também é um caso de metáfora monomodal em que tanto domínio-fonte como domínio-alvo estão representados por apenas um modo, o pictórico. Na metáfora visual A PRESIDENTA DO BRASIL É UM PERSONAGEM CINEMATOGRAFICO, temos como domínio-fonte o personagem Edward do filme “Edward, mãos de tesoura” e como domínio-alvo a Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, representados como já dissemos somente através de um modo, o pictórico.

Tal como já dito aqui, as metáforas multimodais são aquelas em que Forceville (2009) destaca que os domínios alvo e fonte estão sendo representados exclusivamente ou predominantemente por modos diferentes, como no exemplo (19) anteriormente citado e também no exemplo (15) que agora retomamos:

(15) Figura 4: Reunião das Sogras



Fonte: Disponível em: www.facebook.com/radiobhfm/photos/a.408434585839743.111007.403926356290566/834621606554370/?type=1&theater. Acesso no dia 12 de jul. 2015.

No caso deste exemplo, temos a ocorrência da recategorização metafórica do referente “sogras” como “bruxas”, licenciada pela metáfora multimodal PESSOAS SÃO ENTES IMAGINÁRIOS, em que dois modos semióticos distintos trabalham para a construção da metáfora. O domínio-fonte é construído através do modo pictórico (a imagem de diversas vassouras) e o domínio-alvo é construído a partir das porções verbais “Reunião das Sogras” e “Estacionamento”.

Os estudos de Forceville (1996; 2008; 2009) têm focado muito as metáforas multimodais do tipo verbo-visual, conforme procedemos neste estudo. No entanto, as metáforas multimodais não se restringem a esse tipo. Em Sperandio (2014), encontramos um estudo no qual se busca evidenciar a ocorrência de diversos outros modos, além do verbo-visual na constituição das metáforas multimodais. No seu trabalho, a autora, inclusive, trabalha com a hipótese de que pode se articular diversos modos na construção de cada um dos domínios das metáforas multimodais. Vejamos o exemplo (20) retirado de Sperandio (2014, p. 45),

(20) Figura 08 – Dilma e o Lobo Mau



Fonte: Jornal O popular – GO. (citado por SPERANDIO, 2014, p. 45)

Para Sperandio (2014), a charge acima tem na construção de sentidos a articulação de dois domínios²⁵: a história infantil da Chapeuzinho Vermelho e o contexto político brasileiro da época. A partir desses domínios emerge a metáfora DILMA É A CHAPEUZINHO VERMELHO. Ocorre que nesse caso não temos apenas um modo semiótico na constituição dos domínios que estruturam essa metáfora: o domínio-fonte é formado pelos modos visual (a imagem da capa do chapeuzinho e o lobo mau) e escrito (Prá que essa boca tão grande? que numa relação intertextual recupera a história infantil); o domínio-alvo, Dilma, por sua vez, compõe-se pelo modo visual (pela imagem da personagem e os traços semelhantes aos de Dilma) em conjunto com o modo verbal (“Base aliada”, que nos faz ativar o domínio política e nesse mesmo contexto o domínio Dilma). Desse modo, pode-se perceber que, como um fenômeno cognitivamente situado, é possível que na metaforização multimodal haja a coocorrência de diferentes modos dentro de um mesmo domínio, o que não prejudica a interpretação e a geração de sentidos das metáforas multimodais, mas os amplia e os complementa.

Para Forceville (2007), portanto, a metáfora multimodal, em contraposição à metáfora

²⁵ Os domínios citados por Sperandio (2014, p. 45) são a história infantil (história da Chapeuzinho Vermelho) e o contexto brasileiro, e, por meio deles, se conduz a produção da metáfora DILMA É CHAPEUZINHO VERMELHO.

verbal, carrega consigo um aspecto emotivo e intencional muito maior, que, de forma sutil, permite a transmissão de uma mensagem e de forma discreta atinge seus efeitos. Com isso, elegemos o trabalho com as metáforas multimodais dada a sua potencialidade em dar cabo de uma descrição mais refinada do objeto de estudo eleito nesse trabalho, as recategorizações metafóricas na construção de sentidos de textos multimodais, mais especificamente, o gênero *meme* verbo-imagético, com o propósito de descrever sistematicamente as recategorizações metafóricas a partir do tripé texto-cognição-multimodalidade.

Passemos, então, ao capítulo da metodologia e análise do *corpus* que, à luz das teorias que guiaram este estudo, podem demonstrar de forma efetiva como ocorre o processo de recategorização metafórica e os elementos que demandam a sua construção de sentidos no gênero *meme* verbo-imagético.

3 PERCURSO METODOLÓGICO E ANALÍTICO

Neste trabalho, assumimos o desafio de investigar o processo de recategorização metafórica na construção de sentidos do gênero *meme*, objetivando alcançar uma descrição desse processo que efetivamente contemple o tripé texto-cognição-multimodalidade. O seu propósito é justamente o de ampliar as pesquisas que tratam desse tema, pois, embora reconheçamos a existência de trabalhos que se ocupam de investigar as recategorizações metafóricas em gêneros multimodais, ainda assim nossa pesquisa torna-se oportuna, tendo em vista que os trabalhos até então desenvolvidos não têm realizado uma descrição do processo como a que pretendemos aqui.

Para tanto, seguiremos os postulados teóricos da Linguística Textual, mais precisamente, o fenômeno da recategorização, estudado inicialmente por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e as devidas refinações propostas por Lima (2003; 2009). Numa proposta de interface para melhor explicitação do fenômeno, recorreremos a Teoria da Metáfora Multimodal de Forceville (2007; 2009).

Desse modo, neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que serão utilizados para o processo de coleta e análise dos dados, bem como a análise propriamente dita.

3.1 Procedimentos Metodológicos

3.1.1 Constituição do *corpus*

O *corpus* deste estudo é constituído por 10 exemplares do gênero *meme* oriundos do Facebook. A seleção dos exemplares do referido gênero compreendeu os anos de 2013 a 2015, períodos em que se vivenciou e se está vivenciando as eleições presidenciais de 2014, a posse, em segundo mandato, da presidenta Dilma Rousseff, a crise econômica, o pacote de medidas econômicas tomada pela presidenta e sua equipe, bem como as críticas que decorrem desse momento, temas que possibilitaram a ocorrência do dinâmico processo de recategorização metafórica a partir de integração verbo-imagética nos textos selecionados para análise. Ressaltamos que esse é o aspecto que nos desperta maior interesse: como a recategorização metafórica se dá a partir da evocação e integração de modos semióticos distintos (verbal e imagético), configurando os casos de metáfora multimodal conforme a proposta de Forceville (2007; 2009).

Antes de apresentar os procedimentos de análise, é oportuno dizer que, embora grande parte dos exemplos analisados e apresentados adiante façam referência ao governo do PT e a Presidenta Dilma, muitos deles, inclusive, com críticas grosseiras e desrespeitosas, de forma alguma isso significa que este estudo sirva para legitimar ou não determinada postura político-partidária. As análises aqui empreendidas e os pensamentos delas decorrentes são única e exclusivamente de cunho científico, que objetivam dar cumprimento ao nosso propósito maior de descrever as recategorizações metafóricas em gêneros multimodais, mais especificamente, os *memes* verbo-imagéticos que circulam no facebook.

Passemos aos procedimentos de análise utilizados.

3.1.2 Procedimentos de Análise

Adotaremos neste estudo as bases da pesquisa qualitativa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com uma representatividade numérica, o seu objetivo é aprofundar a compreensão de um dado investigado. Sob o viés qualitativo, os pesquisadores visam dar explicações do “porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Assim, utilizamos como fundamentos para as análises pressupostos teóricos da Linguística de Texto e da Linguística Cognitiva. A partir dessa interface, buscamos um aprofundamento do processo de recategorização metafórica no gênero multimodal *meme*. Evidenciamos como as metáforas multimodais, a partir da conjugação de diferentes modos semióticos, são responsáveis pelo licenciamento do fenômeno da recategorização metafórica, tendo em vista uma descrição sistemática de como o tripé texto-cognição-multimodalidade possibilita uma otimização no processo de construção de sentidos dos textos.

Dessa forma, analisamos o *corpus* baseando-nos em quatro passos:

Passo 1: Apresentação do *meme* com a descrição de seus elementos verbais e imagéticos. Nesta etapa, apresentaremos o gênero da forma como ele se compõe, os seus integrantes verbais, imagéticos, as cores, a sua disposição no texto, de modo que a descrição dos modos semióticos possa colaborar para a identificação das metáforas multimodais e, conseqüentemente, as recategorizações licenciadas por elas.

Passo 2: Identificação e descrição da(s) metáfora(s) multimodais que licencia(m) as recategorizações metafóricas identificadas nos *memes*. Utilizando-nos da Teoria da Metáfora

Multimodal de Forceville (2007; 2009), em que a metáfora emerge da relação entre dois modos semióticos distintos, em sintonia com o Passo 1, trataremos da identificação da(s) metáfora(s) multimodal(ais) presentes nos *memes*, bem como o seu contexto de conceitualização. Ainda neste passo, estruturaremos os domínios semióticos que são responsáveis pelo processo, de modo a observar como eles atuam na produção de sentidos;

Passo 3: Identificação e descrição das recategorizações metafóricas presentes na constituição dos *memes*. Identificadas às metáforas, conforme o Passo 2, procederemos a identificação e descrição das recategorizações que são licenciadas pelas metáforas identificadas. Além disso, para que a construção de sentidos oriunda dessas recategorizações se efetive por completo é necessário que também possa se evocar o contexto em que as recategorizações se dão a partir dos postulados de Lima (2009) e Lima e Cavalcante (2015), que advogam em favor de um tipo de recategorização que extrapola a materialidade textual, sendo inferível no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo. Dessa conjectura, temos então duas possibilidades de ocorrência desse fenômeno nos textos multimodais: (1) quando a recategorização é homologada pelo elemento verbal, com função de expressão referencial, em conjunto com a imagem, ou unicamente pela imagem e (2) quando a recategorização é homologada pela ancoragem no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo pela mescla dos modos semióticos, verbal e imagético, indiciada pelas pistas linguísticas.

Passo 4: Descrição de como o propósito comunicativo do gênero é revelado pelas recategorizações identificadas nos *memes*, demonstrando que as recategorizações metafóricas desempenham papel essencial na construção de sentidos do gênero *meme* verbo-imagético.

3.2 Análise dos Memes verbo-imagéticos

De modo a contemplar os objetivos desta pesquisa, as análises apresentadas nesta seção são apresentadas a seguir:

Vejamos o primeiro *meme* que constitui o nosso *corpus* de investigação, que tematiza sobre o campo da política brasileira.



Fonte: Disponível em: www.facebook.com/FernandoFrancischiniBR/photos/a.125225800914708.20114.122807377823217/773080846129197/?type=3&theater. Acesso em 07/10/2015.

No *meme* (1), a construção de sentidos é ativada pelos interlocutores mediante a evocação de dois modos semióticos distintos. O primeiro, modo verbal, é constituído das expressões “Vai ter que ser desse jeito!”, na parte superior da figura, e, “A tomada de Brasília”, em sua parte inferior. No modo imagético, estão presentes a imagem de uma batalha, em que o povo e as forças armadas estão em situação de conflito e, de modo centralizado, está à imagem do Palácio do Planalto sendo bombardeado, tendo inclusive partes de sua estrutura sendo incendiadas.

É interessante observar que o *meme* em análise apresenta uma colagem²⁶ de imagens que traz à tona dois cenários distintos: o primeiro faz a retomada de Brasília, a partir da imagem do Palácio do Planalto, sede da Presidência da República e que para nós configura-se como o símbolo máximo da democracia; o segundo, a retomada da pintura do fato histórico conhecido como a Queda ou Tomada da Bastilha, ocorrido na França, em 1789, e que se configura como o movimento decisivo para o desencadeamento da Revolução Francesa, em que uma massa revoltosa lutou e conseguiu derrubar o regime absolutista francês.

²⁶ Segundo Rojo e Barbosa (2015, p. 123), essa estratégia, rotulada como “prática de remixagem”, é constitutiva de gêneros como *meme*, AMV, *mashup*, dentre outros. Nesse caso, a produção do *meme* parte de outra já existente (a obra de arte), usando partes dessa produção “original”.

Na subjacência da construção desse *meme*, identificamos a metáfora multimodal POLÍTICA (BRASILEIRA) É GUERRA, a qual licencia as recategorizações metafóricas que engatilham a construção dos sentidos desse exemplar, conforme descrevemos adiante. De acordo com a proposta de Forceville (2009), tal metáfora tem como domínio-fonte GUERRA e como domínio-alvo POLÍTICA, de forma que o conceito POLÍTICA é experienciado como uma guerra. Assim sendo, a sua configuração multimodal é devida à mescla das semioses verbal e imagética na estruturação de seus domínios conceituais, pois o domínio-fonte GUERRA é evidenciado tanto pelas imagens do cenário de guerra quanto pela expressão verbal “Tomada”. Igualmente, o domínio-alvo POLÍTICA também é evidenciado pela conjunção dos modos verbal e imagético, ou seja, a expressão “Brasília” e as imagens dos cenários de guerra, respectivamente. Nesse ponto, lembramos que essa configuração híbrida de cada domínio confirma a hipótese de Sperandio (2014) de que é possível a articulação de mais de um modo semiótico na estruturação de cada um dos domínios da metáfora multimodal.

Ainda a propósito dessa metáfora multimodal, destacamos que os mapeamentos entre seus domínios conceituais podem ser mais bem entendidos pela explicação de que experienciamos, por exemplo, no momento dos pleitos eleitorais, a situação de uma verdadeira “guerra”. Nesta, traços do domínio GUERRA são mapeados para o domínio POLÍTICA, permitindo-nos as seguintes construções cognitivas: i) os candidatos, representantes de partidos políticos diferentes, são adversários; ii) o momento político que antecede a eleição é um campo de batalha; iii) as propostas, bem como as acusações feitas pelos candidatos adversários são armas utilizadas para destruir o oponente e prejudicá-lo na batalha final, a eleição; iv) os eleitores de cada candidato são soldados de guerra; v) a vitória na batalha final (eleição) é a conquista de um território (político). É evidente que no *meme* em análise não utilizamos todos esses mapeamentos para a estruturação da metáfora, mas a evocação de alguns deles contribui para compreendermos o porquê da Tomada de Brasília como uma batalha. Além disso, todas essas informações ajudam a recuperar as recategorizações que são licenciadas pela metáfora em questão nesse exemplar que ora analisamos.

Lembramos que essa metáfora multimodal é a estrutura conceptual que está na subjacência das recategorizações metafóricas de que passamos a tratar na sequência. Antes, porém, é válido dizer do pensamento de Lakoff e Johnson (1980) de que a seleção de uma determinada metáfora por um enunciador acaba por indicar os seus valores, uma vez que através desse mecanismo ele apresenta como também visualiza determinada realidade empírica. Com

isso, queremos dizer que a metáfora POLÍTICA É GUERRA conceitualiza a forma como nossa cultura compreende o conceito POLÍTICA, a partir das experiências vivenciadas no cotidiano.

Assim sendo, a ocorrência da metáfora multimodal em questão é responsável pelo licenciamento de três recategorizações metafóricas na construção dos sentidos do *meme* (1). A primeira, a recategorização do referente “a tomada de Brasília” como “um confronto popular”, compreendendo-se que somente por meio dessa “batalha do povo” é possível realizar uma conquista política, nesse caso, a conquista de Brasília, metonimicamente tomada pelo Palácio do Planalto, e de todo o poder que tal ação pode ofertar. Chamamos a atenção para o fato de que essa recategorização não está homologada textualmente por uma expressão referencial, mas a sua reconstrução é possível pelos elementos imagéticos que evocam a Tomada da Bastilha em conjunto com a própria imagem do Palácio do Planalto em chamadas. Aliás, um mecanismo de intertextualidade também pode contribuir para a construção desse processo. Trata-se do *détournement*²⁷ por substituição entre Tomada da Bastilha e Tomada de Brasília. É certo que a imagem da pintura que retrata o episódio da Queda da Bastilha também é fundamental para a construção dessa relação intertextual cuja recuperação se faz como necessária. Embora não seja esse o nosso foco neste trabalho, a intertextualidade, como veremos na análise de outros exemplares do *corpus*, também pode manter uma relação estreita com o processo de recategorização²⁸.

A segunda recategorização, que se dá num nível inferencial mais complexo do que a primeira, é a do referente imagético “Palácio do Planalto” como “Bastilha”. Como dissemos anteriormente, o *meme* traz na sua constituição imagética parte da pintura de um quadro que tematiza o acontecimento histórico francês da Queda da Bastilha, no qual, pela técnica da mixagem de imagens, o Palácio do Planalto está inserido no mesmo local do quadro que seria da Bastilha, conforme pode ser visto na imagem que origina o *meme*.

Figura 10 Pintura “Tomada da Bastilha”

²⁷ Koch, Bentes e Cavalcante (2008), a partir das leituras de Grésillon e Maingueneau (1984), nos explicam que o *détournement* tem como objetivo fazer o interlocutor ativar o enunciado original e, em decorrência disso, produzir novos sentidos para ele: argumentar, ironizar, ridicularizar, adaptar, orientar, a novas situações que diferem do seu sentido original.

²⁸ A propósito dessa temática, Lima e Cavalcante (no prelo) tratam de forma mais pormenorizada da relação entre recategorização e intertextualidade.



Fonte: Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=bastilha&espv=2&biw=1093&bih=534>. Acesso em 23/12/2015.

Dessa maneira, compreendemos que, pelo conhecimento do fato histórico, da famosa pintura que o tematiza e do trabalho de colagem feito pelo *meme*, infere-se a recategorização do referente imagético “Palácio do Planalto” como “Bastilha”. Acreditamos ser importante para o entendimento dessa recategorização, descrever melhor esse fato. No contexto francês da época, a Bastilha era uma fortaleza medieval, uma prisão, que além de servir de local de reclusão para aqueles que fossem contrários ao regime monárquico, era também o maior símbolo do regime absolutista da França, assim como o Palácio do Planalto é o símbolo da democracia no Brasil, sede do poder executivo, eleito democraticamente pelo povo. Desse modo, a sua conquista representa a tomada do poder e o controle direto de todas as ações que envolvem o país. Nessa recategorização, a imagem do Palácio do Planalto em chamaz já homologa a própria recategorização do referente “Palácio do Planalto” como “Bastilha”. A construção desse referente não é explicitada textualmente, tendo a sua ancoragem nos modelos cognitivos evocados a partir das pistas verbais e imagéticas já descritas ao longo dessa análise.

Desse contexto, também emerge a terceira e última recategorização identificada na construção de sentidos do *Meme* (01). Por meio de um processo inferencial mais complexo, porque a construção tanto do referente quanto da sua recategorização só acontece no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, mas obviamente sinalizada pelas pistas linguísticas verbais e imagéticas, temos a recategorização metafórica do referente “poder executivo” como “corrupto”, já que este representa diretamente o Palácio do Planalto. Desse modo, justifica-se também a recategorização do Palácio do Planalto como Bastilha. Para que o povo possa tomar posse da “Bastilha brasileira”, libertando-a dos corruptos que a ocupam, infere-se que ele deve

promover uma revolução popular, assim como no acontecimento original ocorrido na França em 1789, ficando evidente o porquê da utilização da metáfora POLÍTICA É GUERRA para licenciar as recategorizações metafóricas identificadas no *meme*.

Conforme podemos perceber, somente com a evolução do fenômeno da recategorização de uma perspectiva textual-discursiva para uma concepção cognitivo-discursiva é possível analisar os casos de recategorizações presentes em (01). Primeiro, porque não se trata de um processo de remissão ou retomada de referentes exclusivamente por itens lexicais, outros elementos como as imagens são determinantes para que possamos (re)construir as recategorizações metafóricas que se dão neste exemplar, tendo, inclusive, que recorrer a evocação das estruturas cognitivas.

Decorrente desse aspecto, outro fato interessante, o de que as recategorizações não se dão apenas na linearidade do texto, mas, sobretudo, num movimento circular, característica essencial do processo de leitura dos textos imagéticos em que o interlocutor é que escolhe a forma como vai proceder, se de cima para baixo, da esquerda para a direita, num verdadeiro movimento circular, o que revela uma complexidade inerente ao processo, mas que não se configura como aspecto prejudicial a sua compreensão.

Um aspecto interessante e que não pode ser deixado de lado é o propósito comunicativo do *meme*, de promover uma crítica ao governo brasileiro e as suas ações que não têm agradado de forma alguma o eleitorado. Isso tem desencadeado uma revolta cujo objetivo é “arrancá-lo” do poder dada a insatisfação e reprovação geral das ações do governo. O efeito cômico-irônico é claro, engatilhado também pelas recategorizações metafóricas dos referentes “tomada de Brasília”, “palácio do planalto” e “poder executivo”, recategorizados, respectivamente como “confronto popular”, “bastilha” e “corrupto”, apresenta uma visão pejorativa e negativa da política brasileira, além disso, incita uma revolta popular contra o atual governo.

Sobre isso, é interessante atentar que o *meme* em análise foi colhido na página do *facebook* do Deputado Federal Fernando Francischini (Solidariedade – PR), um dos mais duros e incisivos opositores do Governo Federal, e que demonstrava o total apoio do deputado às manifestações contra a Presidente Dilma que ocorreriam nos meses subsequentes.

O *meme* (02), apresentado na sequência, relaciona-se, também, a esfera da política e, assim como no anterior, mostra de forma cômico-irônica uma visão bastante pejorativa do referente “Presidente Dilma”.

Figura 11 – Meme 2: Cada país tem a praga que merece



Fonte: Disponível em: www.facebook.com/125225800914708.20114.122807377823217/773080846129197/?type=3&theater. Acesso em 07/10/2015.

No *meme* (2), a expressão “Cada país tem a praga que merece” integra o modo verbal. O modo imagético é composto pela imagem da Presidente Dilma, devidamente caracterizada como um faraó, e pela imagem da bandeira do Brasil, na qual a expressão verbal descrita está sobreposta, e, no canto superior direito, o símbolo da organização *anonymus*.

Dessa relação entre os modos semióticos descritos acima, é possível a identificação da metáfora multimodal POLÍTICOS SÃO PRAGAS, responsável pelo licenciamento das recategorizações metafóricas que mais adiante detalharemos e que contribuem sobremaneira para a construção de sentidos do *meme* em questão. A metáfora multimodal destacada é estruturada a partir da relação entre o domínio-fonte PRAGA que serve para conceitualizar o domínio-alvo POLÍTICOS. O primeiro, oriundo do modo verbal com a utilização da expressão “Cada país tem a praga que merece!”, e o segundo estruturado a partir da imagem da Presidente Dilma caracterizada como um faraó.

Estruturados os domínios constituintes dessa metáfora, os mapeamentos dela decorrentes são desvelados pela maneira como, oriundo da nossa vivência diária, compreendemos e experienciamos o conceito POLÍTICOS (POLÍTICA). Em nossa realidade experienciável, a política nos é apresentada por meio de inúmeros escândalos e casos de

corrupção, em que aqueles que deveriam lutar pelo bem coletivo limitam-se a favorecer seus próprios interesses. Essa realidade negativa contribui para que estruturamos o domínio POLÍTICA a partir de projeções cognitivas oriundas do domínio PRAGA. Nesse caso específico, não podemos deixar de considerar que a descrição do *meme* feita inicialmente faz alusão às dez pragas do Egito relatadas no Livro do Êxodo²⁹, em que podemos utilizar os seguintes mapeamentos, entre outros: (i) de faraós para políticos; (ii) de escravos para o povo; (iii) de pragas para as ações dos políticos.

Assim sendo, a metáfora multimodal POLÍTICOS SÃO PRAGAS licencia três recategorizações metafóricas identificadas no *meme* em análise. A primeira delas é a do referente “Dilma Rousseff”, metonimicamente tomado pelo governo brasileiro, como “praga”. Note-se que esse referente já aparece recategorizado pela imagem, mas a sua reconstrução é possível pela ancoragem nas pistas verbais e imagéticas que evocam o *frame* de POLÍTICA BRASILEIRA. Levando em consideração a história bíblica das Pragas do Egito, lembremos que elas tiveram um impacto devastador na vida do povo egípcio naquela época. Da mesma maneira, o governo da Presidente Dilma, principalmente neste segundo mandato, em decorrência de inúmeros problemas de ordem política e econômica, vem impactando negativamente a vida do povo brasileiro à medida que trouxe à tona “pragas” como: o desemprego, a inflação, o contingenciamento de despesas do governo, principalmente, no campo das políticas sociais, o aumento da carga tributária, do combustível, da energia elétrica, entre outros, o que tem gerado insatisfação por parte do eleitorado.

Além disso, essa recategorização metafórica permite a inferência da avaliação negativa do governo da Presidente Dilma pela população. Retomando a porção verbal presente no *meme* “Cada país tem a praga que merece”, lembramos que no fato original houve a manifestação de dez pragas que ocorreram nessa ordem: (1) da transformação da água em sangue, (2) das rãs, (3) dos piolhos, (4) das moscas, (5) dos bois e vacas, (6) das feridas nos egípcios, (7) das chuvas de pedras, (8) dos gafanhotos, (9) da escuridão total e (10) da morte dos primogênitos. No caso da recategorização em questão, todas as pragas egípcias parecem estar condensadas pela imagem do referente “Presidente Dilma recategorizado como “o faraó Ramsés II”, segunda ocorrência de recategorização metafórica que identificamos nesse exemplar.

²⁹ É próprio do gênero *meme* a prática da colagem, o que Rojo e Rodrigues (2015) denominam de “prática da remixagem”. Vemos que, assim como em (01), existe uma colagem de parte do rosto da Presidente Dilma na foto do Faraó Ramsés II, da Série de TV “Os Dez Mandamentos”, exibida pela Rede Record no ano de 2015.

Retomando mais uma vez a história das pragas egípcias, elas ocorreram como consequência do fato de Ramsés II não ter permitido que os hebreus partissem do Egito, tornando-se um povo livre e deixando de serem seus escravos. Com isso queremos dizer que essa segunda recategorização do referente “Presidente Dilma” como “um faraó”, mais especificamente “o Faraó Ramsés II”, não é aleatória, pois, assim como esse soberano do Egito, ela, com suas ações, é considerada pelos eleitores, como a principal responsável por desencadear diversas pragas no Brasil. Igualmente, essa recategorização metafórica também pode ser compreendida como uma crítica à personalidade da Presidente, já que em muitas ocasiões ela é apontada como uma mulher de personalidade forte e bastante autoritária, ao modo de um faraó egípcio que escraviza e domina o seu povo. É pertinente dizer ainda, que o símbolo da organização *anonymous* também contribui para a construção dessas considerações, uma vez que se trata de uma comunidade *online*, criada em meados de 2003 com o objetivo de atuar de forma autônoma e coordenada na defesa dos direitos do povo, realizando protestos e outras ações que buscam a liberdade de expressão e a garantia da qualidade de vida da população. Dito isso, fica evidente o porquê da recategorização da Presidenta Dilma como uma praga, além de o conhecimento dessa característica do grupo *anonymos* contribuir também para que de modo mais claro possamos compreender o propósito comunicativo do *meme* em análise, como detalharemos adiante.

Ademais, essas duas recategorizações em conjunto autorizam a seguinte inferência: se para a libertação do povo hebreu foram necessárias dez pragas, para a libertação do povo brasileiro é necessário vencer apenas uma, o governo da Presidente Dilma. Enfatizamos que a primeira recategorização é homologada pela expressão referencial “a praga”. A segunda, por meio da imagem constituída pela colagem da imagem da Presidente Dilma a de um faraó egípcio. Curiosamente, a imagem mixada não é a do Faraó Ramsés II, mas a do Faraó Apopi, interpretado pelo ator Leonardo Vieira na minissérie José do Egito, exibida pela Rede Record no final do ano de 2013, como podemos ver na figura abaixo. A despeito desse detalhe, consideramos que a recategorização descrita está mesmo relacionada ao Faraó Ramsés II, pela pista verbal “praga”, que nos autoriza a relação intertextual com o texto bíblico.

Figura 12 Faraó Apopi



Fonte: Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/jose-do-egito/personagens/farao-2/> Acesso em 01/02/2016.

Num nível inferencial mais complexo, porque constitui um tipo de recategorização sem menção de expressão referencial, conforme definição de Lima e Cavalcante (2015) identificamos a terceira recategorização metafórica, a do referente “povo brasileiro” como “massa de manipulação”, de forma semelhante ao povo hebreu escravizado pelos egípcios, que também é fundamental para engatilhar o sentido cômico-irônico do *meme*. Essa última recategorização só pode ser reconstruída no nível das estruturas e do funcionamento cognitivo, uma vez que não é confirmada na superfície do texto por uma expressão verbal ou por uma imagem, a exemplo das duas primeiras, respectivamente. Entretanto, para a sua construção, é fundamental o referente “Brasil”, introduzido no *meme* por meio da imagem da bandeira do Brasil e recategorizado na sequência como “país”. A partir dessa construção referencial, por um processo metonímico de PESSOAS PELO LUGAR, é que podemos ancorar a construção do referente “povo brasileiro”. Por conseguinte, a sua recategorização como “massa de manobra” é autorizada a partir do conjunto de pistas verbais e não verbais já descritas sobre o enquadre do *meme*, bem como pela sua inter-relação com as duas primeiras recategorizações, ou seja, o governo brasileiro é uma praga também porque manipula seu povo. Interessante destacar aqui o largo sorriso da imagem do referente “Presidente Dilma” recategorizado como “Ramsés II”, o que é mais um indício de que, para o enunciador do *meme*, o povo fica em desvantagem.

Na análise do *meme*, a exemplo do anterior, não podemos deixar de destacar as relações intertextuais que dele são constitutivas. Como já dissemos, a evocação do texto bíblico referente

às Dez Pragas do Egito e a sua adaptação para a TV são fundamentais para a construção dos sentidos do *meme*. Além disso, o processo intertextual do *détournement* configurado na expressão verbal “Cada povo tem a praga que merece” é um ponto importante para reforçar a crítica negativa feita pelo texto ao governo brasileiro, engatilhada por meio das três recategorizações metafóricas descritas.

Continuando na esfera política, mas focando agora o *locus* mais alto do Congresso Brasileiro, o *meme* (03) tematiza o Senado Brasileiro de uma forma bastante pejorativa, em decorrência dos diversos escândalos oriundos daquele parlamento. Vejamos, na sequência, toda a geração de sentidos demandados pelo exemplar.

Figura 13 – *Meme* 3: Senado Pizzaria



Fonte:

Disponível: <https://www.facebook.com/photos/pb.140388632812520.2207520000.1452784178./213930848791631/?type=3&theater>. Acesso em 21/10/2013.

No *meme* (03), o modo verbal é formado pelas expressões “Senado Pizzaria”, “No facebook da senado: Tudo acaba em *pizza!*” e “compartilhe e concorra à: R\$ 100 em créditos; Uma *pizza* especial com refrigerante ou; uma *pizza* promocional com refrigerante, créditos para uso exclusivo na Senado Pizzaria, válido por 2 meses a partir do primeiro uso” e o modo imagético é composto da imagem do Congresso Nacional, sendo que uma das cúpulas está no formado de uma fatia de pizza.

Dessa caracterização multimodal, inferimos à metáfora multimodal *POLÍTICA BRASILEIRA É UMA FARRA*, responsável pelo licenciamento da recategorização metafórica do referente “senado brasileiro” como “pizzaria”. A relação entre os domínios metafóricos, se dão, a partir do domínio-fonte: *FARRA* e o domínio-alvo: *POLÍTICA BRASILEIRA*, ambos representados pelos modos verbal e imagético.

Os mapeamentos evocados entre esses domínios são essenciais para que possamos construir cognitivamente as relações que servirão tanto para a estruturação da metáfora multimodal *POLÍTICA BRASILEIRA É UMA FARRA*, como a recategorização que ela licencia. Podemos dessa relação, dizer os seguintes mapeamentos: (i) a política está como um momento de diversão e comemoração; (ii) políticos estão por clientes que eufóricos comemoram alguma coisa; e, (iii) as discussões realizadas pelos políticos acabam em farra.

É válido frisar que a metáfora só faz sentido quando posta efetivamente em uso, fato que as configuram como culturais, refletindo a forma de ver/agir de um povo, nesse caso, nota-se que essa metáfora é construída a partir da conceitualização do senado brasileiro como local corrupto, através da expressão “Tudo acaba em pizza” e também, como já dissemos, em análises anteriores, da forma como nós experienciamos os conceitos de *POLÍTICA* e *POLÍTICOS*.

Assim, da metáfora multimodal anteriormente identificada, ocorre o licenciamento da recategorização metafórica do referente “senado brasileiro” como “pizzaria”, uma vez que este é o local em que se discute, opina e investiga os mais importantes assuntos relacionados à nação, mas tudo acaba sem uma ação efetiva em que os culpados não são punidos.

Para compreender essa recategorização é necessário explicar a origem da expressão “Tudo acaba em pizza”. O contexto de seu surgimento é datado da década de 50, quando os dirigentes do time de futebol Palestra Itália, hoje Palmeiras, começaram uma discussão bastante acirrada com o propósito de discutir qual o futuro do time. Em meio a muita gritaria e baderna, em determinado momento eles se acalmaram e foram fazer as pazes comendo pizza.

No contexto político, essa expressão foi primeiramente empregada nas investigações do processo de cassação do mandato do Presidente Fernando Collor de Mello, quando, no dia 31 de julho de 1992, a senhora Sandra Fernandes de Oliveira depôs na CPI PC Farias e denunciou a “Operação Uruguai”, em que os assessores do Presidente Collor tentavam explicar que a fortuna do Presidente era provinda de um empréstimo que ele havia feito no Uruguai e não fruto

de corrupção. Em determinado momento do depoimento, ela diz “se isso realmente acabar em *pizza*, como querem alguns, acho que é o fim do país”³⁰.

Por meio de uma visão pejorativa e cômica, o *meme* retrata a triste realidade que passa o Senado brasileiro. O referente “Senado” é inferido graças à porção verbal “Senado Pizzaria”. A partir disso, o interlocutor pode reconhecer que se trata de uma crítica feita ao Senado pela falta de seriedade em seus trabalhos. Afinal, a todo o momento são noticiados os mais variados escândalos de corrupção que envolve o Senado e os Senadores e nenhuma punição séria é de fato tomada contra esses atos corruptivos, e, dessa forma, “tudo acaba em pizza”, em festa. Essa relação é indispensável na produção de sentidos desse *meme*, sendo essa configurada pela mescla das semioses verbal e imagética.

Nesse contexto, a porção verbal “No facebook da Senado tudo acaba em pizza” é fundamental para se alcançar a recategorização do referente “Senado Brasileiro” como “pizzaria”. Outro ponto importantíssimo é a semelhança com o gênero anúncio publicitário que circula no Facebook, característica típica do gênero *meme*, que mescla não só as semioses verbal e imagética, mas trabalha também com a mescla de gêneros para alcançar o seu propósito comunicativo.

O *meme* (04) a seguir também tematiza uma importante instituição brasileira, o “Poder Judiciário”, de forma bastante grotesca e pejorativa. No exemplar que segue, observaremos um caso de recategorização que se homologa, a partir da hibridização dos modos verbal e imagético.

Figura 14 *Meme 4: A justiça é uma prostituta de luxo*

³⁰ A informação detalhada sobre esse momento pode ser encontrada em <http://www.opovo.com.br/app/maisnoticias/brasil/2013/09/20/noticiasbrasil,3133113/conheca-de-onde-surgiu-a-expressao-tudo-acaba-em-pizza.shtml>.



Fonte: Disponível: <https://www.facebook.com/MovimentoBrasilConsciente/photos/pb.140388632812520.-2207520000.1452784178./213930848791631/?type=3&theater>. Acesso em 14/10/2015.

Em (04), a geração de sentidos demandada pelo *meme* ocorre a partir do modo verbal, com a utilização da expressão “A justiça brasileira é uma prostituta de luxo onde o cliente rico tem preferência” de autoria de Luiz Surianni³¹, bem como do modo imagético composto pela imagem do símbolo da justiça devidamente caracterizado como uma prostituta, da foto do ministro Celso de Melo, decano do Supremo Tribunal Federal, e a sua frente a imagem de uma *pizza*, além do plano de fundo do *meme* representado na cor preta.

Dessa configuração multimodal, identificamos a metáfora INSTITUIÇÕES JURÍDICAS SÃO PROSTÍBULOS, decorrentes dos mapeamentos metafóricos entre o domínio-fonte: PROSTÍBULOS e o domínio-alvo: INSTITUIÇÕES JURÍDICAS, evidenciados hibridamente, assim como no *meme* (01), em que os domínios são estruturados tanto pelo modo verbal como pelo imagético.

A fim de compreendermos melhor a metáfora multimodal presente no *meme*, detalhamos, a seguir, alguns dos mapeamentos evocados para a estruturação dos domínios PROSTÍBULOS e INSTITUIÇÕES JURÍDICAS: (i) as instituições jurídicas estão por prostíbulos; (ii) nessa relação há uma troca “consciente” de dinheiro para algum tipo de

³¹ Luiz Surianni é um jornalista com atuação na cidade de São Paulo-SP. Mantém um *blog* na internet (<http://luizsurianni.blogspot.com.br/?view=timeslide>), em que discute principalmente assuntos ligados à política. O pensamento presente no *meme* em análise foi originalmente publicado em seu *blog* no dia 04/03/2014.

favorecimento; (iii) somente aqueles com alto poder aquisitivo podem frequentar esses ambientes; e, (iv) a ação possui um impacto reprovável e muito negativo para a sociedade.

Para nós, o resgate desses mapeamentos ajuda tanto para a compreensão da metáfora em questão como para atingir as recategorizações que são por ela licenciadas. Por oportuno, deixamos claro que esses mapeamentos não são exclusivos, mas resultantes de uma construção mental e das crenças de natureza socioculturais.

Prova de como as crenças socioculturais atuam diretamente na construção de conceitos metafóricos, é o fato de a metáfora INSTITUIÇÕES JURÍDICAS SÃO PROSTÍBULOS, longe de ser uma conceitualização específica e de baixa recorrência, trata-se de uma metáfora altamente presente quando da estruturação de domínios-alvo como INSTITUIÇÕES JURÍDICAS e POLÍTICA, por exemplo, estando infiltrada na linguagem cotidiana e materializada em diversos gêneros textuais como o *meme* e as charges. A título de observação e, sem a intenção de propor uma quantificação dessa metáfora, observamos que ele teve várias ocorrências em páginas diversas do *facebook* que se propõem a satirizar e criticar a justiça ou a política no Brasil.

Conscientes desse dado, podemos dizer que se trata de uma metáfora já arraigada no nosso sistema conceitual, o que a caracteriza como um conceito já universalizado em nossa cultura advindo do cenário em que os campos político e judiciário são envolvidos nas situações mais escabrosas possíveis, o que corrobora o fato de a metáfora cognitiva ser motivada, primordialmente, por situações e demandas sociais que dela decorrem.

Detalhada a metáfora multimodal em questão, passemos à descrição da recategorização por ela licenciada, ou seja, temos o referente “a justiça brasileira” recategorizado como “prostituta de luxo”. Neste *meme*, a recategorização se dá tanto pelo uso de uma expressão referencial “a justiça brasileira é uma prostituta de luxo”, bem como pela imagem do símbolo da justiça devidamente caracterizada como tal. Embora não estejamos advogando que o modo imagético seja considerado superior na construção da recategorização, chamamos a atenção para ele, pois, ao analisá-lo com mais profundidade, podemos inferir que a imagem pode, a depender do interlocutor, atuar de forma mais ativa na construção de sentidos do texto. Vejamos o porquê desta afirmação.

Como já dissemos, o símbolo da justiça está devidamente caracterizado, apresentando a imagem de uma mulher loira e altamente erotizada. Essas primeiras informações são essenciais para a recuperação da recategorização, pois ativam modelos culturais presentes em nossa

sociedade. A escolha de uma mulher loira não é aleatória, pois, em nossa cultura, esse perfil de mulher faz sucesso entre os homens. Além disso, toda a configuração erótica da imagem da justiça contribui para a ativação da recategorização de justiça brasileira como prostituta de luxo: o vestido altamente sensual e que deixa a mostra boa parte do seu corpo; a cinta-liga, peça íntima feminina que integra os acessórios de sedução; a camisola vermelha pendurada na balança; e, o mais importante, a venda que cobre apenas um dos olhos, ratificando a falta de imparcialidade, haja vista que ela poderá ver a quem está julgando e dessa forma se deixar corromper.

Chamamos a atenção para a utilização da cor preta como plano de fundo do *meme*. A utilização dessa cor contribui também para a recategorização do referente “a justiça brasileira”. A utilização da cor preta em nossa cultura significa a cor do mistério, do desconhecido, além de estar completamente associada à morte e ao luto. Neste caso, inferencialmente, podemos evocar todos os esquemas, fraudes e acordos que estão “desconhecidos”, envoltos na escuridão de uma justiça corrupta e vendida.

Ao destacar a construção de sentidos oriunda de uma cor, queremos frisar o seu papel na geração de inferências do *meme*, bem como explorar o domínio das cores que se configura como um dos mais ricos utilizados pelo homem na descrição e categorização dos objetos mundanos. Farias e Marcuschi (2006) já haviam atentado para esse fato ao estudar as formas de dizer e pensar do homem através das cores. No referido estudo, eles postulam que as cores possuem uma possibilidade de gerar matrizes devido a sua relevância para estruturar um dos domínios mais ricos da experiência diária ao gerar as mais diversas sensações, além do fato de possibilitar categorizações e reconhecimento das coisas do mundo.

Ainda em (04) temos a imagem do jurista Celso de Mello, ministro do Supremo Tribunal Federal do Brasil. Nesse caso, também não se trata de uma escolha aleatória para compor o quadro da imagem e tecer uma crítica à justiça brasileira, através de sua recategorização como uma prostituta. Celso de Mello é o ministro mais antigo do STF, a quem é conferido o título de decano. A sua imagem, então, opera um caso de metonímia, MEMBRO MAIS ANTIGO PELA INSTITUIÇÃO, que conforme já anunciamos é um dado importante para as recategorizações em análise.

Outro elemento imagético que não se pode deixar de tratar é a imagem da pizza logo abaixo da frase de Luiz Surianni e ao lado da justiça prostituída. Já tem se tornado cristalizado o uso dessa expressão “acabou em pizza”, principalmente no campo da política, para fazer

referência a casos de corrupção que por não serem investigados de forma efetiva entram para a lista de crimes que ficaram impunes. Neste caso, a imagem da *pizza* presente no *meme* faz também parte do processo de reconstrução de um objeto de discurso. Podemos inferir, na base desta, a ocorrência da metáfora multimodal CORRUPÇÃO É UMA FESTA, que licencia a recategorização metafórica do referente “crime de pessoas influentes” como “pizza”, ou seja, sem nenhum resultado punitivo. Lembramos que esse referente não é homologado textualmente, mas a sua reconstrução é autorizada pela ancoragem nas estruturas cognitivas evocadas pelas pistas verbais e imagéticas.

Neste caso, o interessante é observar que a recategorização se dá pela imagem da pizza, mas todo o conjunto das pistas verbais e imagéticas colaboram para a sua (re)construção, sendo que a construção de sentidos somente se efetivará quando acionarmos os conhecimentos e vivências socioculturais responsáveis pela sua configuração. Como diz Marcuschi (2003), baseando-se em Tomassello (1999), os aspectos culturais são o nosso nicho ontogenético, e, a partir deles, a nossa cognição se constrói e daí onde nos configuramos como seres sociais, em que, os artefatos cultural, social e cognitivo são os elementos basilares para a estruturação das nossas formas de pensar e dizer o mundo. Daí decorre que as recategorizações, como as aqui analisadas, emergem de um cenário cultural bem situado dentro das nossas formas de compreender a política e a justiça no Brasil.

Conforme vemos, explicar todo o processo da construção de sentidos de um gênero textual com o propósito cômico-irônico é uma atividade que demanda uma mobilização complexa de informações que vão desde as pistas linguísticas nele presentes, e, em especial, a recuperação de informações do co(n)texto sociocognitivo onde estão ancoradas as recategorizações presentes no texto, elementos estes que colaboram ativamente para a geração dos efeitos de sentidos do *meme* em análise.

Em (05), novamente tematizando sobre a política, temos o referente “Dilma Rousseff” que passa mais uma vez por uma recategorização por meio da integração entre os modos semióticos verbal e imagéticos.

Figura: 15 Meme 05: A culpa é da estrela



Fonte:

Disponível: <https://www.facebook.com/photos/pb.87904561140388632812520.2207520000.1452784178./213930848785858791631/?type=3&theater>. Acesso em 25/09/2015.

No *meme* (05)³², têm-se o modo imagético composto pela imagem da Presidente Dilma bem como a imagem do ex-Presidente Lula. Note-se que, no plano verbal, têm-se a expressão *A culpa é da estrela* em conjunto com a marca (em formato de estrela) do Partido dos Trabalhadores (PT).

A partir da mescla das semioses verbal e imagética, o *meme* permite o acionamento de marcas que nos remontam à obra do autor John Green, *A culpa é das estrelas*, que se tornou um filme de bastante sucesso. O livro adaptado para o cinema narra a história de uma adolescente, Hazel Grace, que é acometida por uma doença terminal. Após vários tratamentos, a jovem consegue controlar a doença por mais tempo. Após frequentar um hospital habilitado em tratamento de doenças terminais, Hazel acaba conhecendo um rapaz (Augustus Waters) que possui a mesma doença. Por ironia do destino, os dois protagonizam um amor mesmo diante da grave doença. É certo que esse *meme* mantém, portanto, uma relação intertextual com o filme ora descrito, o que não deixa de ser também um recurso para construir o seu efeito cômico-irônico.

³² Esse *meme*, dada a sua criatividade, foi também objeto de análise do estudo de Bernardo, Rejala, Barbosa e Gustavo (2015), porém com propósito e metodologia diferentes do nosso trabalho. No estudo dos autores, temos uma aplicação da teoria da mesclagem ao estudo das metáforas multimodais.

Em (05), temos, assim, a ocorrência da metáfora multimodal PARTIDO POLÍTICO É UM ASTRO LUMINOSO, em que o domínio-fonte ASTRO LUMINOSO fornece as bases para a estruturação do domínio-alvo PARTIDO POLÍTICO, ambos estruturados hibridamente pelos modos verbal e imagético. Da relação entre esses domínios, podemos cognitivamente construir os seguintes mapeamentos: (i) astros luminosos por partidos; (ii) as ações dos astros luminosos interferem na vida das pessoas;

Essa metáfora identificada e descrita anteriormente responde pelo licenciamento da recategorização do referente “Presidente Dilma” como “estrela” - homologada no texto por uma expressão verbal –, uma vez que metonimicamente está sendo tomada pelo Partido dos Trabalhadores-PT, cujo símbolo é uma estrela. A ausência de marcação de plural na expressão recategorizadora “estrela” não é aleatória. Na versão “real” do livro é *A culpa é das estrelas*, enquanto que o *meme* nos traz *A culpa é da estrela*. O sentido do verbo culpar nos leva à leitura de que a estrela principal do PT, a Presidente Dilma, teria proporcionado maus momentos para os brasileiros. Essa analogia é notória em relação às estrelas que tematizam a vida dos personagens da obra de Green.

Simultaneamente, os referentes “Presidente Dilma” e “Lula aparecem recategorizados imageticamente como os protagonistas do filme “A culpa é das estrelas”, “Hazel” e “Augustus”, respectivamente. Essa recategorização é (re)construída via imagem constituída pela colagem da imagem da Presidente Dilma e do Ex-Presidente Lula em posição idêntica ao cartaz promocional do filme, como podemos ver na figura abaixo.

Figura 16 A culpa é das estrelas (Filme)



Fonte: Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-218926/>. Acesso em 07/02/2015.

Desse modo, nesse *meme*, a porção verbal em junção com o modo imagético nos levam a acionar por um processo intertextual a relação que se faz com o filme. Toda essa relação acima descrita nos auxilia a visualizar as recategorizações descritas. O *meme* é, na realidade, uma crítica ao momento político vivido no Brasil, já que no presente está sendo governado pelos representantes do partido do PT.

No *meme* (06), tematizando a política e mais especificamente as ações do Governo da Presidente Dilma, temos uma série de recategorização metafóricas que são homologadas a partir da integração entre os modos verbal e imagético.

Figura 17 Meme 6: Dilma mostrando mais uma obra



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/MovimentoBrasilConsciente/photos/pb.140388632812520.-2207520000.1452784178./285458118305570/?type=3&theater>. Acesso em 18/07/14.

Em (6), temos a presença do modo verbal com as seguintes expressões: “Dilma preparando-se para mostrar mais uma obra”, na parte superior do *meme*; “Peraí, tá quase”, dentro de um balão, representando a fala de própria presidente; “Atenção! Anta trabalhando”, escrito em uma placa localizada ao lado da presidente e “3 anos e meio e nenhuma obra para mostrar, a não ser os estádios superfaturados e um porto em cuba”. O modo imagético, por sua vez, é representado pela imagem do Palácio do Planalto, sede do Governo Federal, pela a imagem de uma cadela com a cabeça da Presidente Dilma no ato de evacuação, uma coleira com o símbolo do PT e a imagem de uma placa de sinalização.

Os modos semióticos descritos estruturam as metáforas multimodais POLÍTICA É SUJEIRA e PESSOAS SÃO ANIMAIS, identificadas na construção dos sentidos do *meme*. A primeira metáfora possui como domínio-fonte SUJEIRA e como domínio-alvo POLÍTICA, em que o primeiro, mais concreto, serve de fonte das inferências para a estruturação de um domínio considerado mais abstrato e que desejamos conceitualizar. Neste caso, o domínio-fonte é estruturado a partir da imagem da cadela com o rosto da presidente Dilma no ato de evacuação,

e o domínio-alvo encontram-se estruturado pelas expressões verbais presentes no *meme*, que juntas evocam o conceito de política. Os mapeamentos cognitivos que auxiliam na conceitualização dessa metáfora, podem, entre outros, ser os seguintes: (i) políticos por sujeira, e, (ii) obras públicas por excrementos.

A segunda metáfora multimodal identificada é PESSOAS SÃO ANIMAIS. Nesse caso, o domínio-fonte ANIMAIS ajuda-nos a compreender o conceito de PESSOA, domínio-alvo, demandado pelo *meme* em análise. O domínio-fonte é proveniente da imagem da Presidente Dilma e o domínio-alvo tanto da expressão verbal, “Atenção! Anta trabalhando”, presente na placa de sinalização, como da própria imagem recategorizadora do referente “Presidente Dilma” como “uma cadela”. Na estruturação dessa metáfora, podemos identificar os seguintes mapeamentos: (i) pessoas estão por animais, (ii) animais podem ser considerados seres inferiores, e, (iii) ações políticas tidas como insignificantes estão pelo ato de evacuar dos animais.

As metáforas multimodais apontadas permitem o licenciamento das seguintes recategorizações: (1) as obras do governo Dilma como excrementos, (2) a presidente Dilma como uma anta e (3) a presidente Dilma como uma cadela.

Sobre a primeira recategorização, é interessante atentar para o fato de que o referente “obras do governo Dilma” já aparece recategorizado pela própria imagem, mas, assim como no *meme* (02), sua reconstrução está ancorada nas pistas verbais e imagéticas que evocam o *frame* de OBRAS DO GOVERNO DILMA. Adentrando nesse co(n)texto sociocognitivo, recuperaremos informações relevantes e que contribuirão sobremaneira para a recategorização metafórica em análise: muitas promessas de realização de obras significativas para o desenvolvimento do país, que não foram cumpridas, sendo que algumas delas nem chegaram a sair do papel, o conjunto de obras realizadas nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Ceará, Pernambuco, Bahia, Paraná, Minas Gerais e Amazonas para a realização dos jogos da Copa do Mundo da FIFA, marcadas por inúmeros casos de superfaturamento e corrupção, não sendo entregues na época prevista, bem como o investimento realizado pelo governo brasileiro no Porto de Muriel, em Cuba, que não trouxeram uma modificação efetiva na qualidade de vida do brasileiro e que automaticamente passaram a ser duramente criticados e tidos como verdadeiras “merdas” pelo povo.

As recategorizações da presidente Dilma como uma anta e como uma cadela, licenciadas pela metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS, revelam assim como na recategorização anterior uma visão bem pejorativa e grosseira da Presidente da República e das suas ações à frente do comando da nação. Também refletem a insatisfação do eleitorado brasileiro com a

forma como sua líder maior tem conduzido as decisões do país, algumas delas vistas como bastante irracionais, infundadas e absurdas, daí a recategorização da Presidente como anta.

O *meme* (02), muito embora, não contenha a recategorização da Presidente Dilma como uma anta/cadela, associado a este *meme* nos ajuda a compreender o contexto dessa visão tão negativa da Presidente. Afinal, a mídia, quer escrita ou televisada, tem atribuído a Presidenta, tanto em seu primeiro quanto segundo mandato, a responsabilidade por graves problemas que giram principalmente nos campos da falta de uma consistência política de suas ações e na grave crise financeira, na qual o Brasil está imerso.

Ratificamos, mais uma vez, a importância da imagem na construção de sentidos deste *meme*, pois possui uma relevância fundamental para as recategorizações e construção de sentidos delas decorrentes, sobretudo a imagem de uma cadela com o rosto da Presidente Dilma evacuando. Neste caso, advogamos que a imagem homologa as recategorizações metafóricas da Presidente Dilma como animal irracional e das obras de seu governo como excrementos. Para nós, o caso das recategorizações aqui apresentadas mostra o quão complexo é esse fenômeno dentro dos textos multimodais, pois na maioria desses textos com essa configuração não há um movimento circular de remissão ou retomada de itens lexicais, mas a homologação das recategorizações se dá no nível da própria imagem, que, por muitas vezes, introduz e recategoriza, ao mesmo tempo, os referentes.

Em Lima (2009), já encontramos essa reflexão. A autora constatou por meio de suas análises que o fenômeno da recategorização é circular e não se constitui unicamente na linearidade do texto, por remissão ou retomada de itens lexicais, mas também pode se ancorar num processo mais amplo assentado nas estruturas e no funcionamento cognitivo, sempre sinalizado por pistas linguísticas. De igual modo, podemos afirmar que aqui também temos a mesma situação, a diferença é que Lima (2009) analisou apenas textos verbais.

No *meme* (07), oriundo também do campo da política, temos a recategorização metafórica do referente “eleitores do PT”, neste caso, homologada no texto pelo modo semiótico imagético.



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/photos/pb.140388632812520.-2207520000.1452784178./285458118305570/?type=3&theater>. Acesso em 18/07/14.

No *meme* (7), o modo semiótico verbal é representado pela expressão “Aqui é 100% PT”, e, o modo imagético, representado pela imagem de um burro, vestido com uma peça *jeans*, aparentemente desgastada, um sapato também já bastante usado e um chapéu de palha, peças bem típicas de uma parcela da população com baixo poder aquisitivo.

Esses modos semióticos distintos ajudam a estruturar a metáfora multimodal PESSOAS SÃO ANIMAIS já apresentada aqui na análise do *meme* (6). O domínio-fonte ANIMAIS é estruturado pela imagem do burro e o domínio-alvo PESSOAS é evocado a partir do modo verbal “Aqui é 100% PT”. Podemos, para estruturação dessa metáfora, utilizar alguns dos mapeamentos que estruturaram a mesma metáfora no exemplo anterior: (i) pessoas estão por animais, (ii) animais podem ser considerados seres inferiores, e, (iii) eleitores do PT estão por burros.

Identificada a metáfora multimodal, é possível perceber a (re)construção do referente “eleitores do PT” recategorizado no texto imagético como o “animal burro”. Essa construção referencial recategorizadora cumpre uma estratégia que desencadeia o efeito cômico-irônico do *meme*, em questão.

Justificando, portanto, essa recategorização, observa-se que, na cultura ocidental, o animal irracional popularmente conhecido como “burro” é referenciado justamente para

pessoas que cometem algum deslize ao usar o raciocínio lógico sobre um determinado assunto, nesse caso, a eleição política. Nota-se, aqui, que a relação metafórica não se constrói somente com relação ao aspecto físico do animal mapeado para o ser humano. Mas esta construção também diz respeito ao que compreendemos implicitamente pelo termo linguístico “burro”, definido no dicionário informal como “sem inteligência, idiota, imbecil”. Isso desencadeia, portanto, uma comicidade gerada pela imagem recategorizadora, que, por sua vez, critica aqueles eleitores que nas últimas eleições votaram no Partido dos Trabalhadores- PT.

Por meio da expressão linguística “Aqui é 100% PT” e do elemento imagético configurado nas letras “PT” em vermelho, é possível evocar todo o contexto histórico corresponde ao momento em que o *meme* foi posto em circulação. De forma sucinta, isso corresponde ao contexto vivenciado após as eleições de 2014, em que atual Presidente da República, Dilma Rousseff, foi reeleita pelo povo brasileiro.

De fato, cumpre lembrar que, no *meme* analisado, não se trata apenas da construção imagética do animal “burro” na imagem, trata-se, também, de destacar um posicionamento político, permitindo assim expor o propósito comunicativo configurado pela recategorização do referente “eleitores do PT” como “pessoas irracionais”, no que diz respeito à opinião política. Não podemos deixar esses fatores contextuais de lado nesse tipo de investigação, pois muito contribui para a construção de sentidos do *meme*, ainda mais envolvendo este um tema “político”.

Dando prosseguimento as análises, é fato digno de destaque as diversas recategorizações pelo qual passa o referente “Dilma Rousseff” nos *memes*, em decorrências dos vários problemas do seu governo. Em (8), mais uma vez, de forma pejorativa e cômica, este referente aparece recategorizado imageticamente como o boneco “Chucky”.



Fonte: Disponível em <https://www.facebook.com/posts/72366700000667756908>. Acesso em 12 jan. 2014.

Em (8), observamos que a construção de sentidos é evocada pelo modo verbal, através das expressões, “Dilma antes das eleições” e “Dilma depois das eleições”, e pelo modo imagético, pela imagem de dois bonecos. É interessante observar, ainda no modo imagético, a expressão facial de cada um deles: o primeiro apresenta-se da forma aparentemente comum a todos os bonecos, com uma expressão facial amistosa e com um sorriso; o segundo, que de já anunciamos como o responsável direto pela estruturação da metáfora e do licenciamento da recategorização metafórica que analisaremos adiante, traz na sua configuração uma remixagem, característica bem comum do gênero *meme*, da expressão facial da Presidente Dilma com o boneco “Chucky” do filme “O filho de Chucky”.

A partir dessa descrição dos modos semióticos presentes com a sua devida caracterização, identificamos a presença da metáfora multimodal POLÍTICOS SÃO SERES MONSTRUOSOS, estruturada da relação entre o domínio-fonte: SERES MONSTRUOSOS, e do domínio-alvo: POLÍTICOS, relação decorrente, evidentemente, da forma como nós experienciamos e compreendemos, oriundo da nossa realidade, o conceito de política. A relação entre esses domínios pode derivar os seguintes mapeamentos: (i) políticos pelo mal; (ii) políticos para monstros; e, (ii) as ações dos políticos estão pelos atos aterrorizantes dos monstros. Conforme já destacamos nos exemplares analisados anteriormente, esses

mapeamentos, que podem ser ativados, não necessariamente nesta ordem, ajudam-nos tanto a estruturar as metáforas, bem como as recategorizações licenciadas por ela.

Identificada a metáfora multimodal, destacamos que ela é responsável pelo licenciamento da recategorização do referente “Presidente Dilma” como “um monstro”, especialmente, passado o período eleitoral. Como se pode perceber, essa recategorização metafórica está homologada pela imagem remixada da Presidente Dilma com o boneco Chucky. Embora já tenhamos dito isso em análises anteriores, ainda assim é válido frisar que, nesse processo, é necessário ao interlocutor acionar os mais diversos tipos de conhecimentos armazenados em sua memória de trabalho, que envolvem questões de ordem social, cultural e política, para que ele chegue à reconstrução dessa recategorização.

Desse modo, basta que nos lembremos de que, no período do pleito eleitoral em que buscava a conquista do segundo mandato a Presidente Dilma Rousseff sempre mostrava um cenário satisfatório de desenvolvimento do país, e, mesmo com tantos escândalos e denúncias de corrupção sendo reveladas no período, ela sempre, com seu discurso, levava a crer que tudo estava sob controle e que os problemas seriam resolvidos. Passada a eleição, e, saindo dela vitoriosa, logo na primeira semana depois de eleita a Presidente anunciou um pacote de medidas econômicas que não agradou nem a seus opositores e, principalmente, desagradou a seu eleitorado. Entre as principais e mais criticadas medidas estão: o aumento da gasolina, dos juros, da conta de luz e o início de um contingenciamento de despesas que envolviam, em especial, os programas sociais que foram a base da sua campanha.

Assim, ao ativarmos todos esses conhecimentos de ordem social e política, além do que, para nós, culturalmente significa monstro, em especial, o boneco Chucky, podemos chegar à (re)construção do referente Dilma como monstro após as eleições.

Lembremos, mais uma vez, que Lima (2009) já evidenciava a importância dos aspectos cognitivos para uma descrição pormenorizada do fenômeno da recategorização, ao enfatizar que, para a configuração do fenômeno, não necessariamente ele se dará de modo totalmente explícito no contexto, através de uma introdução referencial, seguido de uma anáfora direta que o recategorize. Para a autora, a recategorização pode ancorar-se num nível mais profundo – o das estruturas e do funcionamento cognitivo –, necessitando, portanto, para a sua (re)construção, da mobilização das mais complexas inferências, mas, como esclarece a autora, sempre sinalizados por pistas linguísticas presentes na superfície textual.

O caso ora analisado, como outros já destacados neste estudo, é mais uma das evidências do postulado da autora. Para que o interlocutor atinja a recategorização do referente “Presidente Dilma” como “monstro”, ele deverá como já frisamos, acionar diversas inferências que serão responsáveis pela homologação da recategorização. Adotando a sua classificação mais recente, presente em Lima e Cavalcante (2015), podemos dizer que neste *meme* há um caso de recategorização em que o referente é homologado na superfície textual por uma expressão referencial - “Dilma antes das eleições” e “Dilma depois das eleições” e recategorizado imageticamente, através da imagem remixada da Presidente Dilma e do boneco Chucky.

Lembramos, mais uma vez que, a recategorização presente no *meme* contribui significativamente para a construção do propósito cômico-irônico do texto, à medida que desencadeia uma crítica à postura da Presidente que se utilizou de todas as artimanhas para conseguir se eleger, e, depois de eleita, apresentou uma série de ações que desconstruíram completamente todas as suas promessas de campanha, razão pela qual ela provocou a insatisfação de quase a totalidade do seu eleitorado.

No *meme* (9), oriundo do enquadre político, temos em foco o processo de recategorização metafórica que envolve os referentes “partido político” e “políticos do PSDB”, conforme apresentamos a seguir:



Fonte: Disponível: em <https://www.facebook.com/photos/pb.140388632812520.-2207520000.1452784178./285458118305570/?type=3&theater> com acesso 18/07/14.

A construção de sentidos do *meme* (9) se dá a partir do plano da imagem, em que temos a reunião de cinco frades franciscanos com os rostos dos principais políticos do PSDB: Geraldo Alckmin, José Serra, Aécio Neves, Fernando Henrique Cardoso e Carlos Sampaio e ao fundo a imagem de um quadro de São Francisco com Jesus Cristo, elemento indispensável para a homologação da recategorização metafórica que apresentaremos na sequência; no plano verbal, o enunciado “Resumindo o programa do PSDB na TV”.

Através dos modos semióticos devidamente caracterizados, temos a estruturação da metáfora multimodal **POLÍTICA É UMA CONFRARIA**, identificada na subjacência da construção desse *meme*. O domínio-fonte **CONFRARIA**, é estruturado a partir da imagem, conforme descrevemos acima, e o domínio-alvo **POLÍTICA**, estruturado pelo modo semiótico verbal, também já destacado. A relação entre esses domínios que estruturam a metáfora multimodal em questão pode gerar os mapeamentos a seguir: (i) partido político por ordem franciscana, (ii) políticos por franciscanos; e, (iii) ações dos políticos por obras de caridade.

A metáfora multimodal **POLÍTICA É UMA CONFRARIA** licencia respectivamente as recategorizações de (1) referente “partido político” como “uma ordem religiosa” e do (2) “políticos do PSDB” como “franciscanos”. Voltando aos modos semióticos e sua importância para a construção de sentidos do *meme*, neste caso em específico a porção textual situa o contexto de produção e circulação do referido gênero, que, como dissemos anteriormente, foi o

programa político do PSDB. Além disso, a imagem remixada dos principais nomes do PSDB como franciscanos, a imagem do quadro de São Francisco, logo atrás dos “frades”, é que são responsáveis para que o interlocutor, ativando o seu conhecimento social e cultural, possa (re)construir as recategorizações que são homologadas no plano imagético, assim como em (8), em que novamente, o referente está homologado na superfície textual, por uma expressão referencial, nesse caso “o programa do PSDB na TV”, mas a sua recategorização, é homologada imageticamente, a partir da evocação de elementos provenientes da estrutura e do funcionamento cognitivo sinalizados pelas pistas linguísticas que estão presentes no *meme*.

A motivação do *meme* (9) é uma crítica ao teor dos pronunciamentos realizados durante a exibição do referido programa político. No vídeo exibido pelo Partido, além das duras críticas ao governo da Presidente Dilma, ao aumento da inflação, ao preço da energia elétrica e dos inúmeros casos de corrupção que vieram à tona desde a eleição da Presidente, o PSDB dá total apoio às manifestações de protesto ao governo Dilma, que ocorreram no dia 16 de agosto de 2015. Além disso, os pronunciamentos realizados denotam que o Partido estava lutando pelo Brasil com “humildade” e “trabalho incansável e desprendido”, características das Ordens Franciscanas, estando pronto para, assim como em momentos anteriores, recolocar o Brasil no caminho do desenvolvimento.

Todos esses fatos, além, é claro, da integração dos modos semióticos presentes no texto, contribuem para a construção das recategorizações de “partido político” como “uma ordem religiosa” e de “políticos do PSDB” como “franciscanos”. Levar em consideração que os objetos do discurso podem ser ancorados em modelos cognitivos, homologados por meio do modo imagético é considerar toda a dinâmica que envolve a construção, em especial, nos textos multimodais, que não se apresentam da mesma forma que nos textos verbais, em que as recategorizações, via de regra, na linearidade do texto.

Desse modo, podemos dizer que os elementos imagéticos, dentro do processo de recategorização, possuem a mesma função que as expressões referenciais. Podemos afirmar ainda, que são os elementos imagéticos que atuam de forma mais substancial na construção do propósito comunicativo do gênero e ajudam a recuperar a crítica realizada ao Programa político do PSDB.

A última análise presente neste estudo, apresentada a seguir, tem como foco o referente “Dilma Rousseff” recategorizado como “A Exterminadora do Futuro”. Neste exemplar,

também encontramos os modos semióticos verbal e imagético, operando em conjunto para a construção de sentidos do processo de recategorização.

Figura: 21 *Meme 10 – A Exterminadora do Futuro*



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/MovimentoBrasilConsciente/photos/pb.140388632812520.-2207520000.1452784178./333145226870192/?type=3&theater>. Acesso em 26/10/14.

No *meme* (10), temos, imageticamente, a Presidente Dilma Rousseff com o rosto parte com características humanas e parte com características de um robô, tal como o “exterminador³³”, além disso, chamamos a atenção para a cor preta, pela qual é representada tanto a imagem da Presidente, bem como o plano de fundo do *meme*. O modo verbal é apresentado pelos seguintes enunciados: “Dilma Rousseff” e “A exterminadora do Futuro”.

³³ O Cyberdyne Systems Model 101-800 é o personagem principal do filme “O Exterminador do Futuro”, protagonizado pelo Ator Arnold Schwarzenegger, do filme americano, lançado em 1984. Na obra de ficção científica do personagem de Schwarzenegger é transportado do ano de 2019 para o dia 12 de maio de 1984 com o objetivo de alterar o curso da história e, dessa maneira, o futuro.

Da integração desses modos semióticos, podemos inferir a metáfora multimodal **POLÍTICOS SÃO SERES EXTERMINADORES**, estruturada pelo domínio-fonte **SERES EXTERMINADORES**, que fornecerá as bases para a estruturação do domínio-alvo: **POLÍTICOS**. A estruturação dessa metáfora pode ocorrer pelos seguintes mapeamentos: (i) políticos por exterminadores; e, (ii) ações políticas causam alteração no futuro.

Por meio da metáfora multimodal identificada, ocorre o licenciamento da recategorização metafórica do referente “Dilma Rousseff” como “a exterminadora do futuro”. A construção de sentidos desse *meme*, assim como a recategorização metafórica já destacada, pode ser evocada tanto pelo modo verbal, a partir das expressões “Dilma Rousseff” e a “Exterminadora do Futuro”, como pelo modo imagético, da presidente devidamente caracterizada como uma exterminadora. Destacamos que nesse último aspecto, o processo intertextual do *détournement*, contribui significativamente para a construção de sentidos do texto.

A recategorização metafórica em questão também apresenta uma visão bastante negativa e pejorativa do governo da Presidente Dilma, pois, no filme protagonizado por Schwarzenegger, ele é enviado ao futuro com o propósito de alterar a história e proteger a humanidade de um futuro terrível. No caso, do *meme* em análise, a Presidente Dilma, recategorizada como a exterminadora do futuro, também é responsável por alterar o futuro dos brasileiros, mas isso é visto por um ângulo bastante negativo, sendo uma predição bastante tendenciosa, em decorrência dos diversos casos de corrupção que envolve o seu governo, além dos problemas de natureza econômica que se agravaram no país, afastando investimentos, gerando desemprego, a volta da inflação e a desvalorização da moeda do país.

Na realidade, o *meme* tem o propósito de tecer uma crítica ao momento político vivido no Brasil. Ao assumir a presidência da República em um momento de crise, é creditada à Dilma a culpa da instabilidade financeira, bem como de todos os problemas oriundos deste momento, conforme já foi visto na análise de boa parte do *corpus* até aqui procedida.

Conforme se pode ver, o processo de recategorização licenciado por metáforas possui uma relevância essencial para a construção de sentidos dos *memes* ora analisados. Destacamos que em textos multimodais esse processo ganha um contorno complexo à medida que nele operam modos semióticos distintos, em especial, o verbal e o imagético, este último funcionando na maioria dos casos com a mesma função de uma expressão referencial.

Passemos então, as considerações finais deste estudo, na sequência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito investigar à luz de uma interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva, o processo de recategorização metafórica na construção de sentidos do gênero *meme* verbo-imagético.

A partir dos resultados da análise do *corpus* deste trabalho, já nos primeiros exemplares, foram encontrados indícios da validação da nossa hipótese principal de que o fenômeno da recategorização é essencial para a construção de sentidos dos *memes* verbo-imagéticos, bem como para demonstrar que a recategorização metafórica é tão recorrente no texto multimodal como no texto verbal. É evidente que nos textos multimodais ela se torna ainda mais complexa, à medida que os elementos imagéticos, em especial, podem funcionar com a mesma função de uma expressão referencial no processo de recategorização. Ganham relevo, sobremaneira, as cores e a disposição dos elementos que compõem o texto como um todo, no processo de geração de sentidos. Além disso, temos como certo que a interface com a Teoria da Metáfora Multimodal foi um passo bastante produtivo para refinar a descrição das recategorizações metafóricas identificadas no *corpus* constituído para a este trabalho.

Uma constatação interessante é que embora haja um predomínio do processo de recategorização licenciado por metáfora, a metonímia também se encontra presentes em vários dos *memes* analisados, colaborando muito para a construção de sentidos do gênero. Embora não tenhamos a ocorrência de recategorização apenas metonímica, a sua ocorrência sempre esteve presente acoplada a uma ocorrência de metáfora, fenômeno que já vem chamando a atenção de vários pesquisadores e que não poderíamos deixar de destacar aqui.

Um outro aspecto relevante é que a construção de sentidos se dá pela constituição de modos semióticos distintos, conforme já destacamos anteriormente, assim temos casos de recategorizações que se dão a partir das pistas linguísticas acionadas pelo modo verbal, bem como por pistas linguísticas acionadas pelo modo imagético. Desse modo, temos casos de recategorização que não estão homologadas textualmente, mas são (re)construídos pela ancoragem nas estruturas e no funcionamento cognitivo, a partir das pistas linguísticas.

Destacamos também que o fenômeno da intertextualidade é recorrente em vários dos *memes* analisados. Muito embora não seja foco deste estudo analisar como a intertextualidade opera no processo de construção de sentidos em casos de recategorização metafórica, não podemos deixar de situá-la aqui dada a sua contribuição para o processo de geração de sentidos de vários exemplares do nosso *corpus*. Além disso, isso serve como um alerta, de modo que

investigações futuras possam se debruçar sobre o estudo em conjunto dos fenômenos da recategorização e intertextualidade em textos multimodais.

A partir das análises foi possível compreender ainda que o propósito cômico-irônico é essencial para a geração de sentidos do gênero *meme*, e as recategorizações metafóricas presentes operam como determinantes para isso. Ainda é essencial destacar o papel do interlocutor na ativação do propósito do gênero, pois a sua bagagem sociocognitiva é essencial para a recuperação desse propósito.

Desse modo, podemos dizer que os objetivos traçados para este estudo conseguiram ser atingidos de forma satisfatória e que a realidade dos estudos da recategorização metafórica em textos multimodais vem mudando a medida que vários trabalhos, como este, vem se propondo a estudar o fenômeno em textos que não se utilizam apenas do modo verbal para homologação o estudo da recategorização.

Fica evidente que a recategorização é um processo que extrapola os limites do verbal, tendo um grau de complexidade muito amplo. Não pretendemos com este estudo dar contas de toda essa complexidade, já que alguns aspectos ainda necessitam ser melhor desvendados, mas acreditamos que algumas contribuições já podem ser dadas a partir dos resultados provenientes deste trabalho de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Francisco. *Gêneros Jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ASKEHAVE, Inger; SWALES, John. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (orgs). *Gêneros e Sequências Textuais*. Recife: UDUFPE, 2009.

ANDRADE, J. L. *Técnicas de pesquisa científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

APÓTHÉLOZ D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. *Construction de la référence erstratégies de désignation*, 1995.

AQUINO, Lucélio Dantas; SOUZA, MEDIANEIRA. A multimodalidade no gênero blog. In: ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins. *Perspectivas em Análise visual: do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: EDUFPB, 2008.

BENTES, Anna Christina; RAMOS, Paulo; ALVES FILHO, Francisco. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (orgs) *Linguística do Texto e Análise da Conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

BENTES, Anna Christina; RIO, Vivian. A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: KOCH, Ingedore V.; MORATO, Edwirges M.; BENTES, Anna Christina. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BERBER SARDINHA, Tony. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 44, p. 105-118, 2003.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO-FILHO, Vladinar. *Revisitando o estatuto do texto*. *Revista do Gelne*, v. 12, n. 2, 2010, p. 56-71.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: UFC, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; PAIVA, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, Referenciação e Ensino*. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

CARVALHO, Francisco Romário Paz; SILVA, Marcos Helam Alves. *Linguística Textual e o Ensino de Línguas: algumas considerações*. *Revista Querubim – Ano 10, nº 22, 2014, p. 81-88*.

CARVALHO, Francisco Romário Paz. *A intertextualidade na construção de textos multimodais do Facebook*. Relatório Parcial de Pesquisa, 2015.

CASTRO, Bruno Diego de Castro; ALEXANDRE, Leila Rachel Barbosa. A situação retórica do perfil de grandes lojas de departamento no *Twitter*. In: ALVES FILHO, Francisco; SOUSA, Emanuel Barbosa de; ALVES, Lafity dos Santos (Orgs). *Gêneros em Ação: abordagens sociorretóricas*. Teresina: UDFPI, 2014.

CIULLA E SILVA, Alena. *Os processos de referência e suas funções discursivas*. 2008. 203 f. (Tese de Doutorado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2008.

COSTA LIMA, Paula Lenz. Metáforas e linguagem. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Produção de Sentido: relações transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul, EDUCS, 2003.

COSTA LIMA, Paula Lenz; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. *Cognição e Metáfora: A Teoria da Metáfora Conceptual*. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto. *Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul – RS: EDUCS; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

COUTO, Ronan Cardozo. *A escolarização da Linguagem Visual: leitura dos documentos ao professor*. Dissertação de Mestrado. 160 p. – Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2000.

CUSTÓDIO-FILHO, Valdinar. *Múltiplos fatores, distintas interações: Esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 2011. 329 f. (Tese de Doutorado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2011.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. *Gêneros Textuais e Multimodalidade*. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (orgs). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; VASCONCELOS, Leila Janot. *Multimodalidade, Gênero Textual e Leitura*. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. *Múltiplas Linguagens para o Ensino Médio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FARIAS, Emília Maria Peixoto; MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A metáfora das cores na linguagem e no pensamento*. In: PINTO, Abuêndia Padilha. *Tópicos em Cognição e Linguística*. Recife: EDUFPE, 2006.

FERREIRA, Ana Paula. *As metáforas do Amor em Revistas para Adolescentes*. 2008. Disponível em: Acesso em: 29 ago. 2012.

FORCEVILLE, Charles. *Multimodal Metaphor in Ten Dutch TV Commercials*. *The Public Journal of Semiotics* I(1), January 2007, pp. 15-34.

FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivista framework: agendas for research. In: FORCEVILLE, Charles; URION-APARISI. Applications of cognitive linguistics: multimodal metaphor. New York: Mouton de Gruyter, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise (orgs). *Métodos de pesquisa - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOLANDA, Maria Eldelita Franco. *A multimodalidade: a imagem como composição em Interchange Intro*. Linguagem em Foco – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE. Vol. 3 – nº 5 – Ano 2011.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP. Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. *(Re)categorização Metafórica e Humor: trabalhando a construção de sentidos*. 2003. 171 f. (Dissertação de Mestrado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2003.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo dos processos de recategorização*. 2009. 204 f. (Tese de Doutorado) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2009.

LIMA, Silvana Maria Calixto de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

LIMA, Silvana Maria Calixto de; SILVA, Marcos Helam Alves da. *Metáforas Multimodais na Construção de Sentidos do gênero Charge: Um exercício de análise*. Revista de Letras da UFC, nº. 33 – Volume 1 – jan. – jul., 2014.

LIMA, Silvana Maria Calixto de; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Revisitando os Parâmetros do processo de Recategorização*. REVEL, vol. 13, nº. 25, 2015. [www.revel.inf.br].

LIMA, Jorgelene de Sousa. *O processo de recategorização no gênero charge: um estudo à luz da perspectiva sociocognitiva*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí, 2013.

LÜDKE, M, ANDRÉ, M. E.D.A. *Pesquisa em ciências humanas: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentidos. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Produção de Sentidos: estudos transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul, EDUCS, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Persplexidades e perspectivas da Linguística na virada do milênio*. Língua, Linguística e Literatura – Revista do Departamento de Letras Vernáculas da UFPB, Volume 3 – nº. 1, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais*. São Paulo: Editora Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

MILLER, Carolyn. *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: EDUFPE, 2009.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena. *Referenciação: Clássicos da Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MONDADA, Loreza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, Ingedore V.; MORATO, Edwirges M.; BENTES, Anna Christina. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MOZDZENSKI, Leonardo. *Multimodalidade e Gênero Textual: analisando criticamente as cartilhas Jurídicas*. Recife: EDUFPE, 2008

PIMENTA, Sônia; SANTANA, Carolina. Multimodalidade e semiótica social: o estado da arte. IN: MATTE, Ana Cristina Fricke. *Linguagem, texto, discurso: entre a reflexão e a prática*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.

PORTELLA, Cláudio. *Patativa do Assaré: seleção*. Global Editora, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Processos de referenciação na produção discursiva*. Revista Delta [online], vol. 14, 1998.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os Segredos do Textos*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: Diálogos Possíveis*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; CUNHA-LIMA, MARIA LUIZA. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Compreender: estratégias de produção textual*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images*. London/New York: Routledge, 1996.

RAMOS, Aucélia Vieira. *Gêneros da Esfera Digital: Um enfoque sobre o e-mail em ambientes profissionais*. 176 p. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, Universidade Federal do Piauí – UFPI: Teresina: 2014.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SPERANDIO, Natália Elvira. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentidos de charges animadas*. 155 f. (Tese de Doutorado) – Faculdade de Letras – FALE, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2014.

SOUZA, Humberto da Cunha Alves de. Memes(?) do Facebook: reflexões sobre esse fenômeno de comunicação da cultura ciber. Revista temática. Ano X, n. 07 – Julho/2014 - NAMID/UFPB - <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>.

SOUSA, Emanuel Barbosa. Uma história contada em notícias: trajetória de quase posse do presidente Tancredo Neves. In: ALVES FILHO, Francisco; SOUSA, Emanuel Barbosa; ALVES, Lafity Alves. *Gêneros em ação: Abordagens sociorretóricas*. Teresina: Editora da UFPI, 2014.

SILVA, Lafity dos Santos. *A retórica do gênero entrevista de emprego*. 113 f. (Dissertação de Mestrado) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, 2011.

VEREZA, Solange. Trajetórias da Metáfora: retórica, pensamento e discurso. In: VEREZA, Solange (orgs). *Sob a ótica da Metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012.